

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ERIKA FELTRIN MARQUES NAKANO

**MEDITAÇÃO E PROTESTANTES, RELIGIOSIDADE INTRÍNSECA/EXTRÍNSECA
E LOCUS DE CONTROLE**

São Paulo
2022

ERIKA FELTRIN MARQUES NAKANO

**Meditação e Protestantes, Religiosidade intrínseca/extrínseca
e Locus de controle**

Versão Original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social e do
Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Esdras Guerreiro
Vasconcellos.

São Paulo

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nakano, F M, Erika

Meditação e Protestantes, Religiosidade intrínseca/extrínseca e Locus de controle,

/ Erika Nakano, F M; orientador Esdras Guerreiro Vasconcelos.. -- São Paulo, 2022.

127 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Meditação. 2. Protestantes. 3. Religiosidade intrínseca/extrínseca. 4. Locus de Controle . I. Guerreiro Vasconcelos., Esdras, orient. II. Título.

Nome: NAKANO, Erika Feltrin Marques

Título: Meditação e Protestantes, Religiosidade intrínseca/extrínseca e Locus de controle

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

"Agradecer é dar. Ser grato é dividir o prazer".

(Comte-Spoville, 2019, p.146)

De acordo com o filósofo contemporâneo Comte-Spoville, a gratidão é a mais agradável das virtudes, afinal, "quem não prefere agradecer a perdoar?" (SPOVILLE, 2019, p.145). A conclusão de uma tese sem sombra de dúvida corresponde a um fechamento de um ciclo que remete a muitas memórias e que suscita muita gratidão.

Desta forma, primeiramente quero demonstrar o quanto sou grata a Deus, por ter me presenteado com essa oportunidade de desenvolver esses estudos e ter colocado na minha caminhada tantas pessoas fundamentais.

Aos meus familiares, por me apoiarem e sustentarem a caminhada muitas vezes árdua da pesquisa. Em especial, ao meu esposo Kazu – suas poucas palavras falaram muito através das suas incontáveis atitudes apoiadoras e carinhosas. Sem a sua retaguarda nada disso seria possível. À minha filha querida Sofia, que através da sua compreensão e dos muitos bilhetinhos surpresas entre os livros me incentivou a continuar com os estudos. Filha, você é uma inspiração para eu continuar me desenvolvendo.

À minha querida mãe, que antes mesmo de eu iniciar a minha vida escolar, já me ensinava e me apoiava em cada passo. Mãe, sem você, sem o seu apoio, suas orações, seus ouvidos e seus incentivos nada disso teria sido possível. Ao meu pai, *in memoriam*, você faz parte da minha história. Aos meus queridos irmãos gêmeos: *Du*, a sua alegria e incentivo em me auxiliar nos bastidores e até as suas mensagens espontâneas durante o dia com interesse na pesquisa fizeram diferença. *Emeron*, o seu suporte técnico, a sua disposição em me responder a qualquer momento do dia e o seu carinho também fizeram a diferença. E aos demais da família – primas, primos, sobrinhos, sobrinhas, tias, tios, cunhadas, gratidão por cada um de vocês que torceram e oraram por mim. Sou grata a Deus por ter nascido em uma família tão especial.

Ao meu querido professor e orientador, Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos, por sua disponibilidade em repartir comigo conhecimento e vida ao longo desses 11 anos. A história nos conta que os rabinos antigos tinham um ditado para os seus

seguidores denominados *talmidim*: “Cubram-se com a poeira dos pés de seu rabino”. Um *talmid* deveria seguir seu mestre tão de perto, andando bem atrás dele, a ponto de, ao final do dia, estar coberto com a poeira dos pés do rabino. A minha trajetória está coberta com poeiras da sua maestria, seus conhecimentos, sua humildade e sua gentileza.

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em especial ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, pelo acolhimento e pelos meios que tornaram essa realização possível, em especial às funcionárias da secretaria do PST pela pronta ajuda em todos os momentos.

Aos demais professores do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que tanto contribuíram para a minha trajetória acadêmica. Em especial ao Prof. Dr. Wellington Zangari, que desde os primeiros meses na USP me acolheu em tantos grupos de estudos e transmitiu muitos conhecimentos na linha da Psicologia da Religião. Gratidão também ao Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto, por proporcionar um novo olhar com os estudos na interface da Psicologia, Religiosidade/Espiritualidade e Saúde.

À banca de qualificação e defesa. Cada contribuição de vocês foi de extrema importância. À Psicometria on line, que tanto contribuiu com a minha formação em Psicometria, e ao estatístico Marwin, por todo suporte técnico neste período.

Aos colegas pesquisadores e pesquisadoras da USP, guardarei no meu coração cada contribuição que recebi por vocês. A cada colega do nosso grupo de orientação: Carol, Cassio, Cláudia, Joao, Josiane, Jimmy Lara, Pip, Renata, Thales e Vivan. A cada participante dos grupos de estudos GEPSIREL e Meditativamente. Às amigas pesquisadoras Beatriz Carunchio, Hellen e Ana. Especialmente àqueles amigos e amigas mais chegados, que me acompanham nesses anos: Alberto Nery, Camila Torres, Fátima Fontes, Monica Huang e Raquel Strelhow, com os quais compartilhei horas de estudo e ideias para esse trabalho. Sem sombra de dúvida vocês foram co-orientadores desse projeto.

À minha querida diretora espiritual de vida, Lilo, aquela que caminha comigo e ao meu lado desde 2004 e que me apresentou pela primeira vez a meditação cristã. Às meninas do nosso grupo de meditação: Margarete Bonuccelli, Sandra Lu, Sonia Bernardini, Suely Sperling, meu querido grupo de meditação cristã, que tanto me acolhe e me ensina. À querida amiga de caminhada, Eunice Assunção, que por incontáveis vezes me ouviu, me acolheu e me incentivou nessa caminhada.

A todas as pessoas que me auxiliam com as questões logísticas e da vida aqui em Sorocaba. À Claudete, que cuida com tanto carinho da nossa casa. Às queridas Paula Duarte, Andréa Yamakawa, Arlete Silveira, Patrícia e Fabrício Ballarini, Tais e Tiago Arten, Evelin e Tiago Lemos que em tantas ocasiões me socorreram. A contribuição de cada uma de vocês foi de grande importância.

A todos vocês, a minha sincera gratidão.

"Meditar é **descer** com a **mente** ao **coração** e ali ficar"

- Místico russo Teófano, o Recluso

RESUMO

NAKANO, E. F. M. **Meditação e Protestantes, Religiosidade intrínseca/extrínseca e Locus de controle**. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Este tese tem como um dos objetivos principais mapear a prática da meditação e verificar a sua associação com religiosidade intrínseca/extrínseca e Locus de controle entre cristãos protestantes no Brasil. O modelo de Orientação religiosa (OR) proposto por Allport (1950) é o pioneiro nas pesquisas que medem aspectos da espiritualidade e religiosidade. Juntamente com o Locus de controle (LOC) proposto por Rotter (1954), fazem parte de construtos que tem recebido por décadas atenção da Psicologia Social. Para tanto, sob uma perspectiva psicológica, foram desenvolvidos dois estudos. O primeiro Estudo é uma validação psicométrica de uma escala (LOCC) Locus de controle para cristãos ($n = 597$). Os resultados indicaram bons índices de ajuste para análises fatoriais (exploratórias), mantendo a escala com 28 itens subdivididos em três fatores (Locus Externo, Locus Interno e Locus Deus). No Estudo dois ($n = 253$) a prática da meditação é mapeada, assim como a Orientação religiosa (OR) predominante e o perfil dos participantes com diferentes níveis de Locus de controle (LOCC) entre as cinco denominações pertencentes ao protestantismo confessional. A partir dos resultados identificou-se que a maioria dos participantes praticam algum tipo de meditação interligada ao cristianismo (80,24%), diariamente (61,66%), e que não houve diferenças estatisticamente significativas entre as denominações. Os participantes mostraram maiores escores de Religiosidade intrínseca e a média do Locus de controle de Deus foi alta enquanto que a do Locus de controle Externo foi baixa. Conclui-se que a o construto Locus de controle, através da escala LOCC aplicabilidade também em populações cristãs, e que a meditação é uma prática que pode ser encontrada entre os cristãos protestantes confessionais no Brasil.

Palavras-chave: Meditação. Protestantes. Religiosidade intrínseca/extrínseca. Locus de controle.

ABSTRACT

NAKANO, E. F. M. **Meditation and Protestant, Intrinsic/extrinsic Religiosity and Locus of control**. 2022. Thesis (Doctorate Degree in Psychology) – Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This thesis aims to investigate and to map the practice of meditation and verify its association with intrinsic/extrinsic religiosity and Locus of control among Protestant Christians in Brazil. The Religious Orientation (OR) model proposed by Allport (1950) is the pioneer in research that measure aspects of spirituality and religiosity. Together with the Locus of Control (LOC) proposed by Rotter (1954), they are part of constructs that have received attention from Social Psychology for decades. Therefore, from a psychological perspective, two studies were developed. The first Study is a psychometric validation of a scale (LOCC) Locus of Control for Christians ($n = 597$). The results indicated good overall fit indices for factor analysis (exploratory), maintaining the scale with 28 items subdivided into three factors (External Locus, Internal Locus and God Locus). In Study two ($n = 253$) the practice of meditation is mapped, as well as the predominant Religious Orientation (OR) and the profile of participants with different levels of Locus of Control (LOCC) among the five denominations belonging to confessional Protestantism. From the results, it was identified that most participants practice some type of meditation linked to Christianity (80.24%), daily (61.66%), and that there were no statistically significant differences between denominations. Participants showed higher Intrinsic Religiosity scores and the mean of God's Locus of Control was high while that of the External Locus of Control was low. It is concluded that the Locus of Control construct, through the LOCC scale, is also applicable in Christian populations, and that meditation is a practice that can be found among confessional Protestant Christians in Brazil.

Keywords: Meditation. Protestant. Intrinsic/extrinsic Religiosity. Locus of control

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Características cardeais da prática da meditação	19
Figura 2 – Publicações por ano sobre o tema Meditação	23
Figura 3 – Árvore da meditação com exemplos de práticas de várias tradições orientais (lado direito) e ocidentais (lado esquerdo) e as técnicas terapêuticas modernas (topo do meio).	25
Figura 4 – Frequência do tipo de meditação – formato completo	63
Figura 5 – Frequência de tipos de foco praticados por protestantes	69
Figura 6 – Escore z médio de cada fator nos três perfis	78
Figura 7 – Probabilidade dos participantes responderem sim ou não nos itens correspondentes a cada fator.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais tipos de meditação no Cristianismo	29
Quadro 2 – Características da Religiosidade Intrínseca e Extrínseca segundo Allport	33
Quadro 3 – Exemplos da Meditação Religiosa/Espiritual e Terapêutica nas tradições ocidentais e orientais.....	110
Quadro 4 – Tipos de oração de acordo com Foster (1996)	111
Quadro 5 – Componentes <i>Lectio Divina</i>	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da amostra de acordo com a filiação religiosa.....	54
Tabela 2 – Análise Fatorial Exploratória da escala adaptada LOCC para cristãos ..	57
Tabela 3 – Distribuição da amostra de acordo com a afiliação religiosa.....	60
Tabela 4 – Praticantes e não praticantes da meditação.....	61
Tabela 5 – Tabela de contingência 2x2 para prática de meditação e envolvimento em momento de quietude.....	61
Tabela 6 – Frequência da prática da meditação.....	62
Tabela 7 – Tempo de meditação	63
Tabela 8 – Tipos de Meditação formato completo.....	64
Tabela 9 – Tipos de Meditação formato compacto.....	65
Tabela 10 – Prática da meditação entre as denominações.....	66
Tabela 11 – Frequência do tipo de meditação por denominação - formato compacto	66
Tabela 12 – Frequência do tipo de meditação por denominação - formato completo	67
Tabela 13 – Frequência de religiosos que possuem foco na prática.....	68
Tabela 14 – Frequência de tipos de foco praticados por religiosos.....	68
Tabela 15 – Frequência de religiosos que possuem foco na prática por denominação	69
Tabela 16 – Tipos de foco praticados por religiosos por denominação.....	70
Tabela 17 – Predominância de religiosidade intrínseca e extrínseca.....	71
Tabela 18 – Correlação entre os tipos de orientação religiosa.....	71
Tabela 19 – Média e desvio padrão da orientação religiosa por denominação.....	72
Tabela 20 – Comparações <i>post hoc</i> com correção de Holm entre as denominações em relação à ORE.....	73
Tabela 21 – Média e desvio padrão de LOCC para a amostra total.....	74
Tabela 22 – Correlação entre os escores por fator e total da escala de Locus de controle.....	74
Tabela 23 – Média e desvio padrão dos escores de LOCC	75
Tabela 24 – Comparações <i>post hoc</i> com correção de Holm entre as denominações em relação ao LOCC total.....	76

Tabela 25 – Comparações <i>post hoc</i> com correção de Holm entre as denominações em relação ao LOCE.....	77
Tabela 26 – Perfis de Locus de controle da amostra	78
Tabela 27 – Matriz de correlação entre as Orientação Religiosa e Locus de controle	80
Tabela 28 – Distribuição da amostra quanto à prática da meditação.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFE	Análise fatorial exploratória
CEP	Comitê de Ética de Pesquisa
CFI	<i>Comparative Fit Index</i>
CNS	Conselho Nacional de Saúde
GLHC	<i>God Locus of Health Control</i>
IRI	Índice de Religiosidade Intrínseca
LCA	Análise de Classes Latentes
LOC	Locus de controle
LOCC	Locus de controle para cristãos
LOCD	Locus de controle de Deus
LOCE	Locus de controle Externo
LOCI	Locus de controle Interno
MR	Mantra Repetição
MT	Meditação Transcendental
OR	Orientação Religiosa
ORE	Orientação Religiosa Extrínseca
ORI	Orientação Religiosa Intrínseca
PST	Psicologia Social e Trabalho
RDWLS	<i>Robust Diagonally Weighted Least Squares</i>
RMSEA	<i>Root Mean Square Error of Aproximation</i>
TLI	<i>Tucker-Lewis Index</i>
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	15
2 MEDITAÇÃO E MEDITAÇÃO NO CRISTIANISMO.....	20
2.1 Meditação.....	21
2.2 Meditação no cristianismo.....	24
3 ORIENTAÇÃO RELIGIOSA INTRÍNSECA (ORI) E EXTRÍNSECA (ORE).....	31
4 LOCUS DE CONTROLE (LOC).....	36
4.1 Locus de controle e espiritualidade.....	38
5 OBJETIVOS.....	40
5.1 Objetivos gerais.....	41
5.2 Objetivos específicos.....	41
6 MÉTODO.....	42
6.1 Estudo 1: Adaptação da Escala Locus de controle para cristãos.....	43
6.1.1 Delineamento do estudo.....	43
6.1.2 Amostra.....	43
6.1.3 Instrumento.....	43
6.1.4 Procedimentos de coleta dos dados.....	44
6.1.5 Análise dos dados.....	45
6.1.6 Aspectos éticos.....	46
6.2 Estudo 2: Meditação e Protestantes, OR e LOCC.....	46
6.2.1 Delineamento do estudo.....	46
6.2.2 Amostra.....	47
6.2.3 Instrumentos.....	47
6.2.4 Procedimentos de coleta dos dados.....	48
6.2.5 Análise dos dados.....	50
6.2.6 Aspectos éticos.....	52
7 RESULTADOS.....	53
7.1 Estudo 1: Adaptação da Escala Locus de controle para cristãos.....	54
PARTE A – Dados demográficos.....	54
PARTE B – Adaptação da Escala Locus de controle para cristãos brasileiros.....	55
PARTE C – Análise das propriedades psicométricas.....	56

7.2 Estudo 2: Locus de controle (LOCC), Orientação Religiosa (OR) e a prática da meditação entre protestantes confessionais	60
PARTE A – Dados Demográficos	60
PARTE B – Análises Estatísticas dos Instrumentos	60
B.1 A Prática da Meditação	60
B.1.1 Cristãos protestantes praticam a meditação?.....	60
B.1.2 Relação entre meditação e quietude	61
B.1.3 Frequência de meditação	62
B.1.4 Tempo de meditação	62
B.1.5 Tipos de Meditação.....	63
B.1.6 Prática da Meditação entre as denominações.....	65
B.1.7 Foco na prática de meditação.....	67
B.2 Orientação Religiosa (OR)	71
B.2.1 Frequência de Orientação Religiosa.....	71
B.2.2 Correlação entre Orientação Religiosa Extrínseca (ORE) e Intrínseca (ORI) ..	71
B.2.3 Orientação Religiosa nas denominações	71
B.3 Locus de controle (LOCC)	73
B.3.1 Média e desvio padrão de LOCC.....	73
B.3.2 Correlação entre Locus externo, Locus interno e Locus Deus	74
B.3.3 Locus de controle nas denominações	75
B.3.4 Perfis de Locus de controle (LOCC) nesta amostra	77
PARTE C – Matriz de Inter correlações: com destaque a OR e LOCC	80
8 DISCUSSÃO	82
8.1 Discussão sobre Estudo 1: Adaptação da Escala Locus de controle para cristãos (LOCC)	83
8.2 Discussão sobre Estudo 2: Meditação, Orientação religiosa (OR) e Locus de controle (LOC)	85
8.2.1 Meditação	85
8.2.2 Orientação religiosa (OR).....	90
8.2.3 Locus de controle entre cristãos (LOCC).....	91
8.2.4 Orientação Religiosa (OR) e Locus de controle (LOC)	92
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97

APÊNDICE A – Exemplos da Meditação Religiosa/Espiritual e Terapêutica nas tradições ocidentais e orientais.....	110
APÊNDICE B – Tipos de oração.....	111
APÊNDICE C – Componentes <i>Lectio Divina</i>.....	112
ANEXO A – Ficha tradução e <i>back translation</i>.....	113
ANEXO B – Formulário online.....	113
ANEXO C – Termos de Consentimento Livre Esclarecido.....	120
ANEXO – Parecer do Comitê de Ética	122

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Desde o início de 2011, tenho tido a oportunidade de frequentar o ambiente acadêmico do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Depois de um período na condição de aluna especial, ao cursar disciplinas e participar de grupos de estudo na área da Psicologia da Religião e *Stress-Coping*, ingressei no programa de mestrado em Psicologia Social e Trabalho (PST), e concluí a defesa da dissertação em março de 2017, sob a orientação do Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos. Durante este período, pude participar de diferentes disciplinas ministradas por diversos professores, todas elas relacionadas à teoria do *Stress*, *Burnout*, *Coping* e Resiliência, assim como disciplinas no campo da Psicologia da Religião, Psicologia do Trabalho, entre outras.

A partir da defesa da dissertação do mestrado, que teve como objetivo identificar a síndrome de *Burnout* no discurso de pastoras e pastores de uma denominação protestante, e com o acréscimo de um certo incômodo que emergia a partir das aulas com o Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos – que apontava a supremacia de estudos unilaterais relacionados ao *stress* em desconsideração aos estudos de coping – surgiu um interesse em aprofundar temas promotores de saúde.

Baseado em Eco (2019, p. 13), que afirma que “quanto mais se restringe o campo, melhor e com mais segurança se trabalha”, e dentre algumas práticas religiosas que influenciam a saúde física e mental elencadas por Lotufo *et al.* (2003), optamos por pesquisar a meditação entre cristãos protestantes. A Meditação neste contexto judaico-cristão, além de ser um conjunto de técnicas planejadas para aumentar certas capacidades, incluindo a concentração e a regulação de estados conscientes, é utilizada como um auxílio ao desenvolvimento da personalidade e do crescimento espiritual.

Desta forma, esta tese tem como objetivo mapear a prática da meditação em cinco denominações pertencentes ao protestantismo confessional no Brasil – luteranos, batistas, presbiterianos, congregacionais e metodistas – e verificar a sua associação com Orientação Religiosa (Intrínseca – ORI / Extrínseca – ORE) e Locus de controle (LOC). Em virtude do andamento da pesquisa, minuciosamente descrito, um objetivo prévio foi acrescentado: adaptar uma Escala de Locus de controle para cristãos (LOCC) e avaliar as propriedades psicométricas da versão adaptada em uma amostra de indivíduos cristãos brasileiros.

Apesar de a prática meditativa ser frequentemente associada às tradições religiosas orientais do Budismo e Hinduísmo, a meditação está presente em todas as tradições contemplativas, inclusive no mundo ocidental e cristão (ANDRESSEN, 2000; FOSTER, 1997; HOVORUN, 2021; LAIRD, 2021; SHAPIRO; WALSH, 2007). Estudos precedentes demonstraram a presença da meditação no cristianismo, embora alguns autores apontem a existência de uma lacuna nos estudos relacionados às práticas meditativas no contexto cristão (CHRISTIE, 2021; FERGUSON; WILLEMSSEN, CASTAÑETO, 2010; FINNEY; MALONY, 1985b; HOVORUN, 2021; KNABB; VAZQUEZ, 2018; KOENIG, 2018; KRISTELLER, 2010; LEVENSON; ALDWIN, 2014; OMAN, 2020).

A meditação configura-se como um mecanismo de *coping*, uma vez que engloba treino de atenção e autorregulação em busca de desenvolver controle e monitoramento. Trata-se de uma prática intencional, que abrange esforços cognitivos e comportamentais, originados no sistema neocortical, para lidarem com a ameaça e os efeitos deletérios dos estressores (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 1998; FOX *et al.*, 2015; MENEZES; DELL'AGLIO, 2009; VASCONCELLOS, 2017).

A partir do modelo transacional de *stress-coping* proposto por Lazarus e Folkman (1987), a meditação consiste em um *coping* focado na emoção, uma vez que a função principal a ser exercida é a regulação das emoções e angústias eliciadas pelo estressor (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 1998; DIAS; PAIS-RIBEIRO, 2019; FINKELSTEIN-FOX; PARK, 2019).

Vasconcellos (2017), que desde 1976 estuda não apenas os efeitos deletérios do *stress*, propõe uma abordagem integradora dos conceitos de *stress* e *coping*, que devem impreterivelmente ser estudados em seu conjunto e em sua articulação, uma vez que “não existe apenas *stress*, mas sempre *stress-coping*” (VASCONCELLOS, 2017, p. 294). Este estudo se fundamenta na premissa de que meditação é *coping* e, portanto, não faz parte do objetivo proposto verificar a meditação enquanto recurso de *coping*.

Esta tese se propõe a responder algumas questões norteadoras do estudo:

- a) O constructo dominante de LOC é aplicável aos cristãos?
- b) Cristãos protestantes confessionais no Brasil praticam a meditação?
- c) Quais os tipos de meditação que cristãos protestantes confessionais no Brasil praticam?

- d) Com qual frequência praticam a meditação?
- e) Qual a distribuição da prática de meditação nas denominações pertencentes ao protestantismo confessional no Brasil?
- f) Existe algum tipo de orientação religiosa (OR) predominante dentre protestantes confessionais praticantes da meditação?
- g) Existem nesta amostra perfis com diferentes níveis de LOCC (interno, externo e de Deus) dentre os praticantes da meditação?
- h) Qual a associação entre LOCC e OR dentre praticantes da meditação?

Com a finalidade de garantir a aplicabilidade do constructo LOC para esta amostra religiosa, foi desenvolvido um primeiro estudo com o objetivo de validar uma escala adaptada de Locus de controle para cristãos (LOCC). Em seguida foi realizado um mapeamento dos tipos de meditação, a frequência que os participantes praticam a meditação e a distribuição entre as denominações. Por fim, foram identificados os tipos de OR e LOCC presentes nesta amostra com a finalidade de verificar possíveis associações.

Nossa amostra para o Estudo 1 ($n = 597$) foi composta por cristãos, independentemente da sua filiação denominacional – católicos, protestantes, pentecostais ou neopentecostais. Para o Estudo 2 ($n = 394$), a nossa amostra foi composta exclusivamente por protestantes confessionais – luteranos, batistas, metodistas, presbiterianos e congregacionais – no Brasil. Dentre estes, 253 participantes são praticantes da meditação, e com essa amostra foram realizadas as associações com orientação religiosa e Locus de controle.

A partir dos critérios essenciais propostos por Oman (2021), foram identificados os praticantes da meditação. Embora não exista uma definição consensual, a maioria das pesquisas empíricas a respeito da meditação mencionam três características cardeais (Figura 1) nas práticas meditativas:

- a meditação envolve sentar-se com pouco ou nenhum movimento;
- a meditação envolve um treino da atenção através da concentração ou atentividade;
- a meditação é praticada durante um período dedicado intencionalmente pelo próprio indivíduo, e pode ser realizada em reclusão ou com outras pessoas.

Para atingir o objetivo proposto, utilizamos a combinação de métodos (multimétodo) com procedimentos quantitativos, de caráter correlacional e transversal, uma vez que diferentes pessoas foram estudadas em um período pontual.

Figura 1 – Características cardeais da prática da meditação



Fonte: Oman (2021).

2 MEDITAÇÃO E MEDITAÇÃO NO CRISTIANISMO

2 MEDITAÇÃO E MEDITAÇÃO NO CRISTIANISMO

2.1 Meditação

A meditação é uma família de práticas mentais, que abrange uma variedade de técnicas utilizadas como ferramentas para treinar a mente. Quanto ao seu direcionamento, podem ser orientadas tanto para um exterior, por exemplo objetos particulares e/ou estímulos sensoriais, quanto para um interior, como o funcionamento interno da mente e as experiências sentidas no corpo (FOX *et al.*, 2015; GOLEMAN, 1997; MENEZES; DELL'AGLIO, 2011; PLANTE, 2010).

A distinção mais comum é entre meditação concentrativa e *mindfulness*, que significa atenção plena. Nas tradições concentrativas, o foco da atenção está em um objeto particular, que frequentemente pode ser uma palavra, frase, oração ou mantra. A palavra “mantra” se refere a um som ou palavra que é repetida e que manifesta certos significados para o indivíduo. O uso do mantra está presente nas práticas meditativas de diversas tradições religiosas. No cristianismo, o rosário ou repetição da Oração de Jesus – extraído da prática ortodoxa oriental – desempenha um papel semelhante (KRISLTELLER, 2010; LUTZ; DUNNE; DAVIDSON, 2007).

A respiração também é frequentemente usada como um foco. Em práticas de concentração, o objetivo é manter o foco tanto quanto possível no objeto particular de atenção. De um modo geral, o objetivo principal dessas práticas, tanto tradicionalmente quanto no uso contemporâneo, é cultivar uma maior capacidade de estabilidade de atenção (GOLEMAN, 1997; KRISLTELLER, 2010; LUTZ; DUNNE; DAVIDSON, 2007).

Nas práticas de *mindfulness*, a atenção é intencionalmente mantida aberta, seja para um foco geral como a respiração ou experiências corporais, em vez de uma palavra ou frase. Trata-se de práticas de consciência aberta, atendendo a tudo o que entra no campo da consciência sem características típicas, engajamento analítico ou pensamento sobre o objeto de consciência. O objetivo é cultivar a capacidade de se desligar da reatividade a tudo o que está vindo à consciência (GOLEMAN, 1997; KRISLTELLER, 2010; LUTZ; DUNNE; DAVIDSON, 2007).

De acordo com Ospina *et al.* (2007), as práticas de meditação também podem ser classificadas de acordo com certas características fenomenológicas, a saber: (i) o objetivo principal da prática – terapêutico ou espiritual; (ii) a direção da atenção –

atenção plena, concentrativa e práticas que mudam entre o campo ou percepção e experiência de fundo; (iii) o tipo de âncora empregada – palavra, respiração, som, objeto ou sensação; (iv) ou de acordo com a postura utilizada – sentado ou em movimento.

Existem diversos estudos a respeito dos efeitos da meditação para indivíduos com dor crônica, doenças cardiovasculares, ansiedade, pânico, abuso de substâncias, redução de *stress*, dor de cabeça, transtorno pós-traumático, entre outros (OMAN; BORMANN, 2015; WACHHOLTZ; PARGAMENT, 2005; WACHHOLTZ; PARGAMENT, 2008). As investigações empíricas nos últimos 50 anos estão em ascendência e abordam uma variedade de questões sobre efeitos, correlatos, dinâmicas e fontes motivacionais das práticas meditativas (OMAN, 2020).

Apesar de o tema ter raízes religiosas, em 50 anos de estudo científico, verifica-se uma movimentação na qual vários paradigmas de pesquisa surgiram e desapareceram. Semelhantemente, o interesse nas fontes espirituais e nas aplicações da meditação flutuou, mas nunca diminuiu totalmente. É fato que os estudos a respeito da meditação não surgiram em um quadro conceitual em branco, uma vez que anteriormente a estes já havia uma rica e variada – embora não sistematizada – matriz de entrada cultural e religiosa (OMAN, 2021).

Muitos influentes pesquisadores sobre meditação que iniciaram suas carreiras nas décadas de 60 ou 70, como Roger Walsh, Deane Shapiro, David Orme-Johnson, Richard Davidson e Jon Kabat-Zinn, aprenderam a meditação por meio de tradições meditativas. (OMAN, 2021, p. 4).

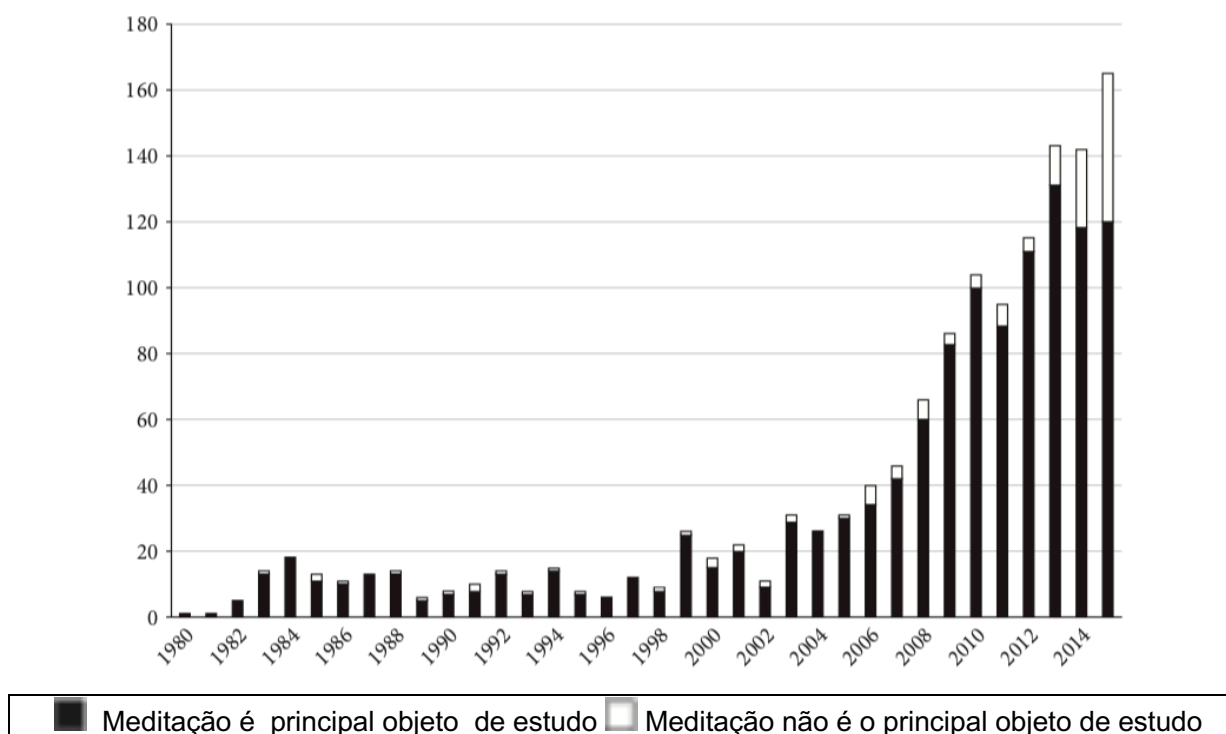
Embora a Meditação Transcendental tenha permanecido o modo mais proeminente tanto na pesquisa quanto na cultura popular, muitos outros métodos de meditação foram estudados nas décadas de 1970 e de 1980. No final deste período, as pesquisas revelaram alguns padrões recorrentes e demonstraram que a meditação estava vinculada a variedades fisiológicas e psicológicas. Contudo, diante de uma série de resultados, as descobertas eram inconclusivas ou com poucas conclusões uniformizadas em todas as formas de meditação (OMAN, 2021).

A despeito de suas raízes religiosas e espirituais, com o avanço dos estudos em diversas áreas, alguns autores afirmaram que o componente religioso espiritual pode estar ou não presente nas práticas meditativas. No contexto religioso e espiritual, o objetivo da meditação é cultivar qualidades mentais específicas, tais como:

concentração, calma e desenvolvimento de emoções como amor, alegria e compaixão, assim como práticas relacionadas às respectivas tradições religiosas. (RAMOS, 2016; WACHHOLTZ; PARGAMENT, 2005; WACHHOLTZ; PARGAMENT, 2008).

Nesta tese, denominamos meditação religiosa e espiritual aquela na qual, além dos benefícios afetivos, cognitivos, comportamentais e físicos, são cultivados os ensinamentos, práticas e virtudes transmitidos pelos preceitos religiosos e espirituais. De acordo com Shapiro e Walsh (2007), a meditação tem sido praticada de muitas formas e em muitas culturas ao longo de séculos, e trata-se de uma disciplina central no núcleo contemplativo de cada uma das maiores religiões do mundo.

Figura 2 – Publicações por ano sobre o tema Meditação



Fonte: Oman (2021, p. 5).

Pesquisas indicam que a meditação espiritual pode aumentar a tolerância à dor e diminuir os sintomas negativos de afeto e ansiedade, além de aumentar as experiências espirituais diárias (BENSON, 1996; FLINDERS; OMAN; FLINDERS 2009; KADRI; OMAR, 2020; WACHHOLTZ; AUSTIN, 2013; WACHHOLTZ; PARGAMENT, 2005; 2008; WALSH; SHAPIRO, 2006).

Todas as principais tradições religiosas e espirituais desenvolveram princípios e técnicas específicas para o desenvolvimento de comportamentos contemplativos com o objetivo de promover uma experiência mais completa de sabedoria, totalidade e iluminação (PLANTE, 2010). Especificamente para os cristãos, encontramos: *Lectio Divina* (FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021; HALL, 2015; NELSON, 2009), Oração Hesicasta ou Oração do Coração (ANÔNIMO DO SÉCULO XIX; FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021; GOLEMAN, 1997; LELOUP, 2003; LOIACONO, 2009), Oração Centrante (FERGUSON; WILLEMSSEN; CASTAÑETO, 2010; KOENIG, 2018; LEVENSON; ALDWIN, 2014) e Meditação Cristã (FREEMAN, 1997; MAIN, 1987; 2007), dentre outras formas de práticas contemplativas (PLANTE, 2008).

No clássico livro *A Mente Meditativa*, Goleman (1997) aborda as diferentes experiências meditativas no Oriente e no Ocidente (Apêndice A). Semelhantemente, Plante (2010) elenca uma série de práticas contemplativas por meio de estudos empíricos dentro das tradições ocidentais e orientais, bem como tradições que integram essas variadas concepções.

Na tentativa de discorrer a respeito das variadas práticas meditativas, Farias, Brazier e Lalljee (2021) utilizam-se da metáfora de uma árvore com muitos ramos. De acordo com a Figura 3, percebe-se que o lado esquerdo representa as tradições ocidentais, a partir de ordem cronológica, com o Judaísmo surgindo antes do Cristianismo e do Islã. Para as tradições orientais, o Budismo é colocado após o Hinduísmo, dadas as origens indianas do Budismo. Contudo, o Taoísmo, com suas origens na China, pode ser mais antigo que o Budismo – o lendário Laozi, por exemplo, talvez tenha vivido no século VI a.C. No topo da árvore estão as técnicas terapêuticas mais recentes, com foco no relaxamento muscular, no fluxo da consciência – terapias baseadas na atenção plena – ou na repetição de um mantra – como por exemplo a Meditação Transcendental (MT)¹.

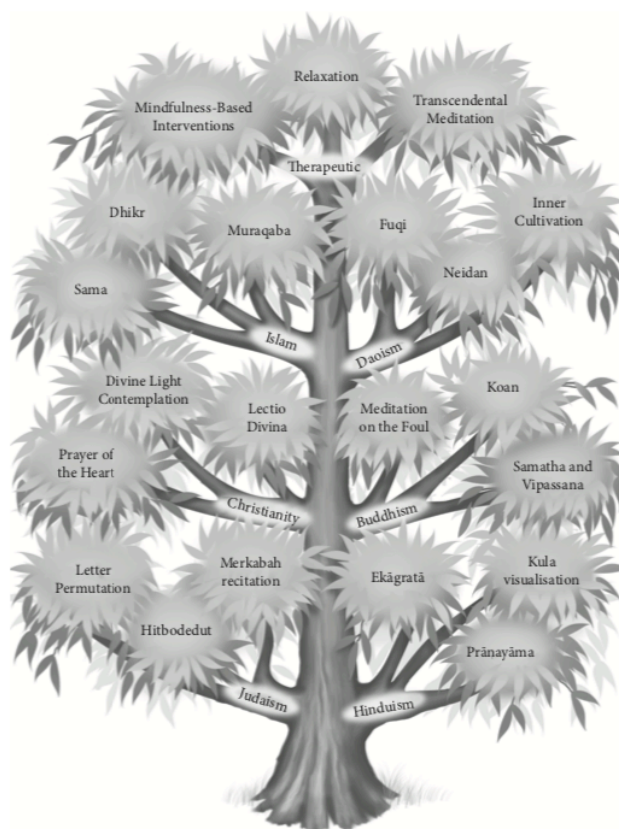
2.2 Meditação no cristianismo

A indagação a respeito da meditação no cristianismo ainda é frequente, causa estranheza e aparece carregada de concepções errôneas. De acordo com Kristeller

¹ Apesar de Farias, Brazier e Lalljee (2021) inserirem a MT dentro do o ramo terapêutico, o presente estudo terá como base as raízes da MT, dentro das tradições Hinduístas como proposto por Fagundes, 2019.

(2010), existe uma lacuna na literatura empírica que pode acarretar um dos principais equívocos: afirmar que não existe prática meditativa dentro do cristianismo. De acordo com Foster (1997, p. 26): “para muitos a meditação é tida como propriedade exclusiva das religiões orientais”.

Figura 3 – Árvore da meditação com exemplos de práticas de várias tradições orientais (lado direito) e ocidentais (lado esquerdo) e as técnicas terapêuticas modernas (topo do meio).



Fonte: Farias, Brazier e Lalljee (2021, p. 7).

Ao contrário de tal concepção, meditação e oração são práticas comuns para os cristãos. William James (2019), em seu livro clássico publicado originalmente em 1902, *“As variedades da experiência religiosa”*, afirma que sempre houve místicos na igreja cristã e que, a partir das experiências destes, surgiu um sistema codificado de teologia mística, que tem em sua base a oração e meditação. James (2019, p. 371) ainda acrescenta que: “pela prática pode-se atingir os níveis mais altos da experiência mística”.

Nos estudos empíricos a respeito da meditação com cristãos, percebe-se que a prática se sobrepõe à oração, corroborando assim o pressuposto de que alguns

tipos de oração, denominadas contemplativas, meditativas e de quietude, são equivalentes à meditação (FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021; FINNEY; MALONY 1985a, 1985b; KNABB; FREDERICK, 2017; KOENIG, 2018; NELSON, 2009).

De acordo com Ladd e Spilka (2002a; 2008b), a partir de uma concepção fosteriana (FOSTER, 1996), existem três orientações implícitas dentre os tipos de oração: (i) orientação interna (*inward*), que enfatiza o autoexame e a transformação pessoal; (ii) orientação externa (*outward*), com concentração no fortalecimento das conexões humano-humano; e, por fim, (iii) orientação ascendente (*upward*), que enfatiza o relacionamento humano-divino. Dessa forma, na prática, muitas vezes oração e a meditação se sobrepõem, especialmente a dois tipos de oração com orientação ascendente (LADD; SPILKA, 2002; 2006), denominada oração meditativa e oração contemplativa (APÊNDICE B).

Finney e Malony (1985a; 1985b) afirmam que apesar da oração ser uma prática de diversas tradições religiosas, na perspectiva cristã, está implícito uma comunicação íntima com Deus, que por sua vez ultrapassa expressões verbais. Dessa forma, a oração contemplativa² é tida como uma forma de desenvolvimento espiritual com total atenção a Deus, de uma maneira passiva, na qual não existe uma predominância do elemento verbal, assim como nos demais tipos de oração. A oração contemplativa normalmente resulta de uma experiência mística, ou seja, “um encontro com a realidade divina por meio direto e não racional, que proporciona um senso de unidade” (FINNEY; MALONY, 1985a, p. 174).

Segundo Plante (2010), existem muitos cristãos que, apesar da identificação e do envolvimento religioso com a sua tradição religiosa cristã, não possuem conhecimento da longa história de práticas contemplativas dentro do seu contexto religioso. Contudo, muitas pessoas estão gradativamente tornando-se cientes do núcleo contemplativo cristão por meio de práticas silenciosas em um mundo acelerado (FERGUSON; WILLEMSSEN; CASTAÑETO, 2010; LOTUFO NETO; LOTUFO; MARTINS, 2003).

Com base em uma revisão de literatura, identificamos quatro principais tipos (Quadro 1, p. 26) de meditação no cristianismo: *Lectio Divina*, Oração Hesicasta ou

² De acordo com Kristeller (2010, p. 161), no cristianismo, o termo “contemplação” é paralelo ao termo “meditação”. A contemplação refere-se ao uso contemporâneo da palavra meditação das tradições asiáticas. Já o termo “meditação” geralmente se refere a uma oração mais ativa e reflexiva, na qual a mente está analiticamente envolvida com conteúdo sagrado.

Oração do Coração, Oração Centrante e Meditação Cristã (CHRISTIE, 2021; FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021; FERGUSON *et al.*, 2010; HOVORUN, 2021; KNABB; VAZQUEZ, 2018; KOENIG, 2018; LEVENSON; ALDWIN, 2014; LOTUFO NETO *et al.*, 2003).

A expressão *Lectio Divina* é um termo proveniente do latim, praticamente impossível de ser traduzido para outros idiomas. Na literatura internacional, a nomenclatura é mantida no original. De acordo com Farias, Brazier e Lalljee (2021), trata-se de técnicas variadas focadas nas escrituras sagradas. O significado do termo é “leitura divina ou leitura com o coração”. *Lectio Divina* consiste em um método ocidental de oração e meditação que, apesar de suas raízes nos pais do deserto, de acordo com Nelson (2009, p. 444), “atualmente está crescendo em popularidade”.

A *Lectio Divina*, ou escuta divina, tem sido por séculos o método de prática contemplativa no cristianismo ocidental, e é tida como um antigo modo cristão de orar. Esse método envolve quatro etapas, que não acontecem necessariamente em uma única direção e pressupõem uma leitura (*lectio*), silêncio interior e escuta (*meditatio*), uma resposta pessoal (*oratio*) e, por fim, contemplação (*contemplatio*), que diz respeito a um silêncio total, obscuro, existencial, além de conceitos, palavras e sentidos. A *Lectio Divina* é considerada um tipo de experiência de caráter unitivo (HALL, 2015; LEVENSON; ALDWIN, 2014; NELSON, 2009; PAULA, 2012) (Ver APÊNDICE).

Um outro tipo de meditação no cristianismo é denominado de Oração Hesicasta ou Oração do Coração – especialmente no contexto brasileiro. Na literatura científica, preferencialmente, aparece como Oração de Jesus, Oração de Repetição ou Invocação do Santo Nome (BORMANN; OMAN, 2007; KIM; SEO; LEE, 2018; OMAN; DRISKILL, 2003). Nesse tipo de meditação, existe especial importância à repetição constante e a invocação: “*Senhor Jesus Cristo, filho de Deus, tem misericórdia de mim*”.

Trata-se de uma oração fundamentada na tradição Hesicasta, desenvolvida no século IV e, portanto, constitui-se em um tipo de meditação derivada da grande tradição ortodoxa cristã (NELSON, 2009). Apesar de ser tida por alguns como “virtualmente perdida no cristianismo ocidental” (GOLEMAN, 1997, p. 75), possui no ocidente a sua representatividade, por meio de São João Cassiano (LAIRD, 2021; LELOUP, 2003).

Diferentemente de um método de oração verbal e racional, o objetivo central é tornar a mente unida ao coração – por isso o termo Oração do Coração. O clássico livro intitulado *"Relatos de um Peregrino Russo"* descreve profundas ressonâncias a respeito da tradição Hesicasta, assim como da Oração do Coração. Neste livro, encontramos a proposta do método de meditação: "A Oração do Coração é uma meditação que possui um coração; orar é deixar a mente descer ao coração e ali permanecer" (ANÔNIMO DO SÉCULO XIX, p. 13).

Trata-se de um método psicofísico, que envolve o corpo e a mente, no qual o indivíduo sentado faz a repetição contínua da curta oração em coordenação com a respiração e/ou o batimento cardíaco. A tradição Hesicasta, afirma que tal oração curta e sem imagem pode ser repetida tanto durante momentos passageiros quanto de maneira rítmica e regular. Tanto um estado silencioso quanto vigilante podem ser produzidos, proporcionando desapego e liberdade espiritual (LAIRD, 2021; NELSON, 2009; OLIVEIRA, 2018). Portanto, a Oração Hesicasta é tida como um tipo de meditação praticada por cristãos, e caracterizada por Leloup (2003, p. 105) como uma "forma profundamente cristocêntrica de meditar".

Outro método de meditação dentro do cristianismo é denominado de Oração Centrante. Ele foi desenvolvido em meados da década de 1970 por Thomas Keating, então abade da Abadia de São José em Spencer, Massachusetts (EUA), e demais monges. A Oração Centrante surge a partir de um diálogo inter-religioso com professores e alunos budistas e hindus. Keating e outros, como Thomas Merton e John Main – que trataremos na seção posterior –, têm sido considerados nomes exponenciais que contribuíram para o desenvolvimento de práticas contemplativas e meditativas dentro do Cristianismo contemporâneo no Ocidente, denominado de novo monaquismo (CHRISTIE, 2021).

De acordo com Keating (1986), trata-se de um tipo de meditação que pressupõe um relacionamento pessoal com o divino, o que a distingue de algumas abordagens orientais de meditação que buscam exclusivamente uma mente quieta ou a observação do momento presente. O método de meditação da Oração Centrante é considerado psicofísico, uma vez que, além de pressupor a escolha e repetição de uma palavra sagrada, tem implícito o sentar fisicamente com os olhos fechados e a repetição de uma palavra sagrada sem utilizar lábios ou cordas vocais.

No âmbito acadêmico, encontramos estudos a respeito da Oração Centrante como resposta ao *stress* do dia a dia, em hospitais, prisões, adjuntos a psicoterapias

(FERGUSON *et al.*, 2010), prevenção de recaída à depressão (KNABB, 2012) e com pacientes em tratamento de quimioterapia (JOHNSON, 2009). De acordo com Christie (2021), a Oração Centrante é um método de meditação cristão contemporâneo e, de acordo com outros autores, necessita de maiores pesquisas empíricas (FOX *et al.*, 2015).

Meditação Cristã é o quarto tipo de prática meditativa dentro do cristianismo, e que possui muitos pontos de convergência com a Oração Centrante, uma vez que se trata de um método contemporâneo e ocidental (MAIN, 2007). Este tipo de meditação foi desenvolvida pelo monge beneditino John Main (2007), outro exponencial para o desenvolvimento e crescimento da meditação no cristianismo contemporâneo (CHRISTIE, 2021).

Main (1987), no seu livro “*A Palavra que leva ao silêncio*”, expõe um resumo do método, o qual tem como proposta a repetição de uma palavra sagrada, denominada mantra. A prática meditativa possui também um aspecto psicofísico, uma vez que pressupõe uma postura de quietude, sentada, com costas eretas e olhos fechados. Quanto à repetição do mantra, possui pontos convergentes à Oração Centrante, com a diferença de que, neste tipo, a palavra a ser utilizada é MA-RA-NA-TA, repetida interiormente e continuamente.

Quadro 1 – Principais tipos de meditação no Cristianismo

Tipo	
Oração do Hesicasta	Espiritualidade Ortodoxa
<i>Lectio Divina</i>	Espiritualidade Ocidental
Oração Centrante/ Meditação Cristã	Espiritualidade Ocidental Contemporânea

Fonte: Elaboração da autora com base em Christie (2021), Farias, Brazier e Lalljee (2021), Ferguson *et al.* (2010), Hovorun (2021), Knabb e Vazquez (2018), Lotufo Neto, Lotufo e Martins (2003), Koenig (2018) e Levenson e Aldwin (2014).

Dentre estes principais tipos de Meditação no cristianismo ressaltamos a forte intersecção com o método Mantra Repetição (MR), aplicável às principais tradições religiosas. Atualmente, o MR tem sido objeto de vários estudos empíricos em desenvolvimento, na tentativa de verificar o efeito da repetição do mantra de cunho religioso e espiritual e sua relação com saúde. Existem estudos sobre redução de *stress* com veteranos de guerra (BORMANN *et al.*, 2007; BORMANN; OMAN, 2007;

OMAN; BORMANN, 2015), em profissionais de saúde (BORMANN, 2005; BORMANN *et al.*, 2006), HIV positivo (BORMANN; CARRICO, 2009), *stress* pós-traumático (LANG *et al.*, 2012) e no período de pandemia do Covid-19 (OMAN; BORMANN; KANE, 2020).

Com a finalidade de clarearmos os conceitos fundamentais deste estudo, seguiremos as orientações de Ratcliff e Nye (2006) sobre o estabelecimento de “*working definitions*” (definições de trabalho), visando articular de forma coerente cada definição utilizada. Neste estudo, sempre que surgir a expressão Meditação Cristã – enquanto um dos tipos de meditação interligadas ao cristianismo – será acrescentado entre parêntese o nome do seu principal representante, John Main. Contudo, como parte da contribuição deste estudo, apresentaremos uma definição operacional da Meditação Cristã enquanto um conceito que abarca os vários tipos de meditação interligadas ao cristianismo.

Imprescindível enfatizarmos que um dos objetivos deste estudo é mapear de forma amplificada as práticas meditativas entre os cristãos protestantes confessionais, as quais podem ou não estar relacionadas aos principais tipos de meditação no cristianismo mencionados acima. O campo de pesquisas a respeito da meditação deve impreterivelmente levar em consideração a pluralidade de técnicas e evitar simplificações excessivas, quer seja de cunho religioso ou terapêutico, uma vez que “é muito fácil escorregar para caracterizações que tentam uma espécie de síntese que pode ser enganosa” (FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021, p. 5).

Desta forma, é averiguado qual o tipo de meditação e a frequência que cada sujeito medita e, mediante as características levantadas, será realizado uma categorização amplificada dos principais tipos de meditação incluindo, e não restringindo-se, a sistematização apontada acima. Trata-se de uma estratégia oportuna diante do fenômeno a ser estudado, uma vez que, de acordo com Farias, Brazier e Lalljee (2021, p. 4): “é relativamente fácil cair na armadilha de imaginar que a meditação que se pratica, ou a tradição na qual se é versado, é suficientemente representativa de todo o campo”.

**3 ORIENTAÇÃO RELIGIOSA
INTRÍNSECA (ORI) E EXTRÍNSECA (ORE)**

3 ORIENTAÇÃO RELIGIOSA INTRÍNSECA (ORI) E EXTRÍNSECA (ORE)

Gordon W. Allport (1897-1969) é considerado um dos principais nomes da psicologia do século XX. O cerne do seu trabalho foi o estudo da personalidade, e é nesse contexto que, em 1950, surge a sua teoria psicológica da religião denominada de religiosidade intrínseca e extrínseca. Tal construto surgiu na tentativa de verificar a relação entre preconceito racial e religiosidade extrínseca (ALLPORT; ROSS, 1967; VALLE, 2008). De acordo com Lotufo Neto (1997, p.17), esta classificação “tornou-se a melhor estudada e a que maior contribuição trouxe aos estudos sobre religião”.

O conceito de orientação intrínseca indica uma forma de religiosidade que tem por base uma orientação pessoal, orientada para uma unificação do ser. Apesar de reconhecer necessidades pessoais, elas são vistas como secundárias e existe uma busca de transcender as necessidades autocentradas. Nesse sentido, a orientação intrínseca expressa um desenvolvimento da personalidade em seu todo. Por sua vez, a orientação extrínseca refere-se a uma religiosidade baseada em uma orientação social, com ênfase na busca de consolo, conforto ou *status* social. Ela serve a si próprio e é heterônoma, uma vez que é subordinada à religião. Portanto, trata-se de uma orientação utilitarista (ALLPORT; ROSS, 1967; KAHOE, 1985; LOTUFO NETO, 1997; VALLE, 2008).

Segundo Allport e Ross (1967, p. 434), “talvez a maneira mais breve de caracterizar os dois polos da religião subjetiva seja dizer que a pessoa motivada extrinsecamente usa sua religião, enquanto a motivada intrinsecamente vive sua religião”. Os autores citam como exemplo um líder religioso que, a partir de uma perspectiva teológica, identificou uma distinção entre as pessoas que frequentavam a igreja: “algumas pessoas vêm à igreja para agradecer a Deus, reconhecer Sua glória e pedir Sua orientação [...], outros vêm pelo que podem obter. Seu interesse na igreja é dirigi-la ou explorá-la, em vez de servi-la” (ALLPORT; ROSS, 1967).

Os esforços para medir empiricamente aspectos distintos da espiritualidade e da religiosidade existem há várias décadas. O modelo de religiosidade intrínseca e extrínseca proposto por Allport (1950) foi pioneiro nas pesquisas empíricas (KRISTELLER, 2010). A partir do estabelecimento de tal construto (ALLPORT, 1950) e do desenvolvimento de uma primeira escala de Orientação Religiosa extrínseca e intrínseca (ALLPORT; ROSS, 1967), houve um aumento significativo nos estudos empíricos a respeito do comportamento religioso. Tais conceitos, por sua vez,

começaram a ser operacionalizados em várias outras escalas, e dessa forma produziram pesquisas consideráveis a respeito da orientação religiosa intrínseca e extrínseca (DONAHUE, 1985a; 1985b). Contudo, os mais bem sucedidos estudos cresceram a partir de uma revisão do trabalho original de Allport e Ross (GENIA, 1993; HILL, 2013; KIRKPATRICK, 1989; MALTBY, 1999).

Quadro 2 – Características da Religiosidade Intrínseca e Extrínseca segundo Allport

Religiosidade Intrínseca	Religiosidade Extrínseca
Devoção, forte compromisso pessoal, universalista; ética; amor ao próximo.	Religião de conveniência; surgimento em momentos de crise e necessidade.
Altruísta, humanitária, não egocêntrica.	Etnocêntrica, exclusivista, fechada grupalmente.
Influencia a vida diária e lhe dá sentido.	Não se integra no cotidiano.
A fé possui importância central; é aceita sem reservas; o credo é seguido inteiramente.	Fé e crenças são superficiais; as crenças sofrem seleção subjetiva
A fé tem significado último: é um bem final, um valor supremo; uma resposta última	Utilitária; sem visar outras finalidades; ao serviço de outras necessidades pessoais e sociais.
As pessoas são vistas como indivíduos.	Vê as pessoas em termos de categorias de sexo, idade e status.
Auto-estima elevada.	Auto-estima baixa ou confusa.
Vê Deus como amoroso e misericordioso.	Deus é visto como duro e punitivo.
Aberta a experiências religiosas intensas; vê positivamente a morte. Sentimentos de poder e capacidade própria.	Visão negativa da morte; sentimento de impotência e de controle externo.

Fonte: Versão adaptada de R. W. Hood Jr., reproduzida por Valle (2008, p. 270).

Desta forma, desde o início da primeira Escala de Orientação Religiosa intrínseca e extrínseca, várias críticas e sugestões têm sido feitas para melhorar a confiança psicométrica na medição dos construtos religiosos intrínsecos e extrínsecos. Apesar das críticas, alguns autores sugeriram que tal distinção entre uma orientação intrínseca e extrínseca em relação à religião provou ser muito útil no estudo da psicologia da religião e sua interface com a saúde (GENIA, 1993; GORSUCH, 1984; MALTBY, 1999; GORSUCH, 1988). Segundo Linares (2012, p. 33), “os

trabalhos de Allport têm sido de grande referência no estudo da compreensão da religiosidade, e apesar de muitas críticas, continuam despontando inúmeras pesquisas”.

No Brasil, diante da justificativa de escassez de instrumentos destinados à avaliação de religiosidade no contexto brasileiro, Taunay (2011) desenvolveu uma escala para mensurar o Índice de Religiosidade Intrínseca (IRI) a partir de uma revisão de literatura e com o acréscimo de sugestões de especialistas – teólogos, antropólogos, psiquiatras e psicólogos. Inicialmente, a escala foi desenvolvida com 14 itens, que posteriormente foram reduzidos a 10. Cada item foi organizado em escala Likert, com escores variando de 1 a 5 que refletem gradações de intensidade/frequência: 1 – nunca, 2 – raramente, 3 – ocasionalmente, 4 – frequentemente e 5 – sempre.

Em uma revisão sistemática de literatura, Lucchetti *et al.* (2013) identificam 20 instrumentos de medida de espiritualidade e / ou religiosidade que estão disponíveis na língua portuguesa. Dentre os instrumentos elencados, está incluso o Índice de Religiosidade Intrínseca (IRI), desenvolvido e validado por Taunay *et al.* (2012). Apesar de consistência interna e validade, destacamos que alguns acréscimos sugeridos por Taunay *et al.* (2012), como “Você acredita na existência de um(a) Deus/entidade superior”, “Você acredita na força da sua oração?”, “Você acredita na ocorrência de milagres?”, não correspondem na íntegra ao conceito religiosidade intrínseca proposto originalmente por Allport (1950).

Gorsuch e Venable (1983) inicialmente revisaram a escala de Allport e Ross (1967) com o objetivo de torná-la genericamente aplicável e independente do nível educacional. A partir de uma sugestão proposta por Kirkpatrick (1989), Gorsuch e McPherson (1989) identificaram que a Escala de Religiosidade Extrínseca se subdivide em duas categorias: Religiosidade Extrínseca Pessoal e Social.

Apesar de existir uma série de medidas de orientação religiosa, revisadas por Hill e Hood (1999), a escala de Orientação Religiosa Intrínseca e Extrínseca desenvolvida por Gorsuch e McPherson (1989) possui fortes qualidades psicométricas e é tida como uma das melhores medidas de OR. A escala encontra-se em uma posição vantajosa, uma vez que já se vão duas décadas com resultados acumulados em pesquisas sobre o construto Religiosidade Intrínseca e Extrínseca (HILL, 2003, p. 215).

Com o objetivo de investigar a relação entre envolvimento religioso e sintomatologia depressiva em imigrantes brasileiros, Linares (2012) realizou a tradução e adaptação da Escala de Orientação Religiosa I/E-R de Gorsuch e McPherson (1989) para essa população. O passo inicial foi efetuar a tradução da escala para o idioma português e aplicá-la em uma amostra de portugueses ($n = 432$). Após a tradução, a Escala de Orientação Religiosa I/E-R (GORSUCH; MCPHERSON, 1989) foi aplicada em estudantes universitários imigrantes brasileiros ($n = 69$). Maiores informações sobre a Escala de Orientação Religiosa I/E-R adaptada em uma amostra brasileira são descritas na seção “Instrumento” desta tese (Capítulo 6.1.3).

4 LOCUS DE CONTROLE (LOC)

4 LOCUS DE CONTROLE (LOC)

Locus de controle (LOC) é um conceito que por décadas tem recebido atenção da Psicologia Social, uma vez que lida com variáveis sociocognitivas e proporciona a integração de correntes da Psicologia (PASQUALI; ALVES; PEREIRA, 1998). Segundo Tsuda, Tanaka e Matsuda (2020), a maioria das teorias psicológicas afirma que ter um sentimento de controle pessoal é muito importante para o funcionamento adaptativo.

Julian Rotter, dentro da teoria de aprendizagem social, introduziu pela primeira vez a ideia de LOC para descrever a expectativa de que ações pessoais serão eficazes para controlar ou dominar o meio ambiente (ROTTER, 1954; 1966). Em outras palavras, o LOC está relacionado à tendência em acreditar que as coisas acontecem porque as controlamos *versus* acreditar que os resultados bons ou ruins estão fora do nosso controle (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002, p. 645).

De acordo com Rotter (1966), quanto mais os indivíduos percebem conexões entre seu comportamento e resultados, mais “internos” eles são. Em contraste, os indivíduos que são mais propensos a ver seus resultados como sendo determinados pela sorte, destino, acaso ou outros poderosos são denominados de “externos”.

Os resultados de estudos consistentes à definição de Rotter e que utilizaram medidas de LOC sugerem fortemente que a internalidade está relacionada a resultados mais positivos do que a externalidade. Segundo o constructo, as pessoas variam entre LOC “interno” (I) e “externo” (E), de acordo com a personalidade e diferenças individuais (ROTTER, 1966; LEFCOURT, 1976; NOWICKI; DUKE, 2016).

“Locus” significa “lugar”, e a lógica subjacente ao conceito de Rotter é que os indivíduos percebem mais controle quando o Locus é mais “interno” (LOCI) do que “externo” (LOCE). Isso acontece porque o LOCI depende do próprio comportamento da pessoa, enquanto o LOCE é dependente das ações de outras pessoas, ou de uma questão de destino, sorte ou acaso (ROTTER, 1966; LEFCOURT, 1976; NOWICKI; DUKE, 2016).

A partir do constructo proposto por Rotter (1966), Levenson (1973; 1974) afirmou existir três dimensões de LOC: a dimensão interna, denominada de pessoal (forte é o indivíduo), e a externa, dividida em social (outros poderosos) e impessoal (atribuição ao acaso, à sorte). Segundo a autora, esta atribuição ao acaso refere-se a crenças na sorte, azar ou no destino como forças determinantes. Já a expressão

“outros poderosos” relaciona-se à crença de que outras pessoas – profissionais de saúde, familiares etc. – que possuem ascendência sobre o sujeito controlam sua vida, e por isso lhes atribuem a ocorrência ou não dos eventos (OHY *et al.*, 2014).

Por se tratar de um conceito amplamente estudado no campo da Psicologia Social, as pesquisas surgem relacionando LOC com diversos temas ligados a Saúde, a Espiritualidade/Religiosidade, ao Bem-estar, ao Trabalho, dentre outros (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008; LEÃO, 2017; XAVIER, 2005).

4.1 Locus de controle e espiritualidade

Estudos a respeito do LOC podem ter intersecção com a própria Psicologia da Religião. Panzini (2004) afirma que o LOC é um importante conceito discutido na Psicologia e se propõem a investigar a relação entre *coping* religioso (CRE) e LOC na Psicologia da Religião. Inicialmente, a autora nos apresenta, por meio de uma linha cronológica, os desdobramentos conceituais relacionados ao LOC, com início em Rotter (1966) até Koplín (1976), que acrescentou uma medida de controle exercido por Deus (LOCD) no qual a pessoa dependia passivamente de um Deus ativo.

Posteriormente, ainda nesta relação entre CRE e LOC, Pargament *et al.* (1988) propuseram que por meio do estilo de *coping* religioso colaborativo, há pessoas que aceitam o controle externo exercido por Deus sem renunciar ao controle exercido por elas mesma.

Outras escalas foram desenvolvidas com o acréscimo dessa dimensão relacionada a Deus, com a finalidade de avaliar o quanto as pessoas atribuem a causa e o controle dos acontecimentos de suas vidas a Deus. É o caso da Escala “*God Locus of Health Control*” (GLHC), desenvolvida por Wallston *et al.* (1999).

A escala GLHC é uma medida de seis itens que avalia até que ponto um indivíduo acredita que Deus tem controle especificamente sobre a sua saúde. Recentemente, Boyd e Wilcox (2020) realizaram um estudo com o objetivo de verificar se uma crença ou fé em Deus está mais associada a uma fonte interna ou externa de controle da saúde especificamente em pessoas religiosas e espirituais.

O fato é que não existe um consenso entre os pesquisadores se Deus poderia ser considerado uma fonte externa ou interna de controle. Alguns pesquisadores concordam que o controle de Deus é um LOCE (GABBARD; HOWARD; TAGESON, 1986), ao passo que outros discordam (FURNHAM, 1982; JACKSON; COURSEY,

1988; PARGAMENT *et al.*, 1982). Estes afirmaram que a presença de Deus na vida de uma pessoa pode ter efeitos internos poderosos, como um aumento na autoeficácia e perseverança.

Welton *et al.* (1996) referiram-se ao “controle de Deus” (LOCD) como uma quarta dimensão, que está além das três fontes LOC originais, internas, aleatórias ou poderosas. Eles criaram uma das primeiras escalas LOC que mediam especificamente a presença de Deus em relação ao controle. Os autores propuseram “Controle de Deus” (LOCD) como uma quarta dimensão, uma que está além das fontes LOC originais interno ou externo (outros poderosos ou sorte/azar).

Estes pesquisadores acrescentaram itens empiricamente testados à escala de Levenson (1973), desenvolvidos para avaliar o controle exercido por Deus, denominando-o de “quarta dimensão”, produzindo uma melhora significativa na escala. Neste estudo foi encontrada uma pequena correlação negativa entre LOCI e LOCD (WELTON *et al.*, 1996). Curiosamente, no entanto, o LOCD não estava significativamente relacionado às fontes de LOCE de outras pessoas poderosas ou do acaso.

A partir deste estudo, Welton *et al.* (1996) sugerem que o “Controle de Deus” pode não ser totalmente interno ou totalmente externo no que se refere a uma fonte LOC e que a crença em Deus pode realmente ser uma quarta dimensão. Em conclusão, os autores afirmam que, para melhor compreensão do impacto do LOC nos comportamentos, é crucial considerar o elemento de LOCD e não limitar a discussão apenas a controles internos e externos relacionados a poderosos e ao acaso.

Especificamente dentro de amostras cristãs, como é o caso desta pesquisa, Welton *et al.* (1996) sinalizam que estudos relacionados à saúde apontaram correlações nas quais as pontuações de hábitos de saúde mais favoráveis estavam relacionadas a pontuações altas de LOCI de LOCD e pontuações baixas de LOCE outros poderosos. Esta pesquisa demonstrou a complexa interação entre a religião e fontes de controle, e que LOCD pode não ser sinônimo de fonte externa LOC para todas as populações.

5 OBJETIVOS

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivos gerais

Em virtude do andamento que a pesquisa teve, que está detalhadamente descrito no Capítulo 6, sobre o método, dois objetivos gerais são apresentados:

- 1) Validar uma Escala de LOC para cristãos e avaliar as propriedades psicométricas da versão adaptada em uma amostra de indivíduos cristãos brasileiros.
- 2) Mapear a prática da meditação entre protestantes confessionais – luteranos, presbiterianos, batistas, confessionais e metodistas – no Brasil e verificar a sua associação com ORI/ORE e LOCC.

5.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos, elencamos:

- 1) Identificar os tipos de meditação que protestantes confessionais praticam.
- 2) Verificar a frequência da prática da meditação.
- 3) Verificar a distribuição da prática de meditação dentre as denominações estudadas.
- 4) Identificar o tipo de OR predominante entre protestantes confessionais que praticam meditação.
- 5) Identificar os perfis com diferentes níveis de LOCC (interno, externo e de Deus) dentre os protestantes confessionais que praticam meditação.
- 6) Verificar a correlação entre OR e LOCC entre protestantes confessionais que praticam meditação.

6 MÉTODO

6 MÉTODO

6.1 Estudo 1: Adaptação da Escala Locus de controle para cristãos

6.1.1 Delineamento do estudo

Este trabalho como um todo caracteriza-se como uma pesquisa de campo do tipo exploratória e quantitativa. Contudo, especificamente, este estudo diz respeito a uma adaptação de um instrumento, que contempla seu processo de tradução, adaptação e avaliação psicométrica (BORSA; BANDEIRA, 2012), com a finalidade de ser utilizado para a realização do Estudo 2 e alcançar o objetivo geral desta tese.

6.1.2 Amostra

Os participantes foram selecionados por conveniência e de maneira intencional. A pesquisa para a adaptação da Escala de LOC para cristãos contou com a participação de 597 respondentes ($n = 597$). Para delimitação desta amostra, os critérios utilizados foram adultos (acima de 18 anos) pertencentes a algum grupo religioso cristão no Brasil, independentemente de a filiação religiosa ser católica, protestante, evangélica pentecostal ou neopentecostal.

6.1.3 Instrumento

Para a avaliação de LOC entre cristãos realizou-se uma ampla revisão da literatura existente, com o objetivo de verificar especificidades do instrumento para essa população. Os 32 itens da escala LOCC inicialmente adaptados foram inspirados na escala desenvolvida por Levenson (1973), traduzida e adaptada ao português brasileiro por Dela Coleta (1987) e Tamayo (1989).

A escala LOC originalmente é composta por 24 itens distribuídos igualmente em três fatores: LOCE relacionado ao acaso; LOCE relacionado a pessoas poderosas; e LOCI. Estudos brasileiros anteriores têm apresentado propriedades psicométricas com alfas variando de 0,54 a 0,57 para o fator interno, 0,62 a 0,68 para externo poderosos, e 0,65 a 0,70 para externo acaso (DELA COLETA, 1987; TAMAYO, 1989).

Além disso, foram adicionados oito itens nesta escala LOC, buscando avaliar um fator adicional de controle de Deus, com base no estudo realizado por Welton *et al.* (1996). Todos os itens foram respondidos em um formato dicotômico e, através da AFE, de igual forma, foi corroborada a presença de todos os fatores (LOCE, LOCI e LOCD). Após as análises psicométricas, que são apresentadas na seção de resultados, a versão final da escala ficou constituída com 28 itens, respondidos em formato dicotômico.

6.1.4 Procedimentos de coleta dos dados

Com a finalidade de um pré-teste e adequação semântica, um questionário contendo dados sociodemográficos, questões a respeito da prática de meditação, orientação religiosa e Locus de controle foi enviado previamente para professores e pesquisadores de doutorado e pós-doutorado ($n = 10$) do Instituto de Psicologia da USP.

Tais participantes funcionaram como “juízes” para essa referida adaptação. Além desses pesquisadores acadêmicos, o questionário também foi enviado para um pré-teste com pessoas ($n = 10$) fora do ambiente acadêmico, como representantes dos futuros participantes da pesquisa. Os critérios que foram avaliados pelos juízes foram categorizados em questões de formatação e conteúdo do instrumento. Quanto ao conteúdo do instrumento, alguns juízes trouxeram pontos fundamentais:

- *“No último bloco a intenção é saber se acredito na sorte/ azar e destino? E se dependo de pessoas poderosas? Não faz nenhuma alusão a crer em Deus ou em um "ser" superior”.*
- *“No Locus de controle em algumas questões fiquei confusa para responder, por exemplo: "Não dá para proteger meus interesses pessoais da influência do azar”.*
- *“Explicar melhor a aplicação das escalas”.*
- *“Azar/sorte faltou atribuição à Deus. Esse publico lida com a providência, cuidado. Providência é uma linguagem com essa população”.*

Portanto, após adequações semânticas e a inserção dos itens relacionados ao controle de Deus e aplicação da escala com uma nova métrica (com variáveis dicotômicas), foi iniciada a coleta de dados. Especialmente no que diz respeito à nova métrica, ressalta-se que foi aplicada a título de experimentação e com a finalidade de verificar se todos os fatores do constructo permaneceriam na nova escala. Os resultados são apresentados nas seções posteriores.

A plataforma online Google Formulários foi utilizada para a coleta de dados do estudo, o que especialmente no período de pandemia da Covid-19 possibilitou a aplicação do questionário e a tabulação dos dados de maneira segura e simplificada.

O processo de coleta de dados foi realizado por meio do método de amostragem denominado “bola de neve virtual” (COSTA, 2018; SZWARCOWALD *et al.*, 2021; VIEIRA *et al.*, 2018). De acordo com Cozby (2003), as pessoas são denominadas de informantes, ou seja, sujeitos que ajudam o pesquisador a compreender a dinâmica do ambiente e identificar os participantes da pesquisa.

Desta forma, cada um dos participantes da pesquisa, que voluntariamente desejaram participar, clicaram no *link* e foram automaticamente direcionados para o questionário. Ressalta-se que, para este primeiro estudo, foram utilizados apenas os dados sociodemográficos e a escala adaptada de Locus de controle para cristãos.

6.1.5 Análise dos dados

Com o objetivo de encontrar a estrutura ‘fatorial’ foi realizada uma análise fatorial exploratória (AFE), que consiste em um conjunto de técnicas estatísticas amplamente utilizadas nas pesquisas em Psicologia. A AFE tem sido um dos procedimentos estatísticos mais comumente utilizados no desenvolvimento, avaliação e refinamento de instrumentos psicológicos (FLOYD; WIDAMAN, 1995).

Tais análises fatoriais exploratórias são efetuadas a partir de um conjunto de técnicas multivariadas, com o objetivo de encontrar a estrutura ‘fatorial’ e, desta forma, gerar escores a partir dos itens. Para o presente estudo, foi utilizado o *software* FACTOR (FERRANDO PIERA; LORENZO-SEVA, 2017).

De acordo com Brown (2015), uma AFE pode ser realizada quando o pesquisador quer confirmar ou refutar a estrutura fatorial de determinado instrumento e pode ser realizada tanto em escalas do tipo Likert quanto em escalas dicotômicas. O objetivo foi alcançado, uma vez que se obteve, no presente estudo, uma redução

de um número maior de indicadores a um número menor de variáveis (fatores). Contudo, algumas limitações da AFE são apresentadas em seções posteriores deste capítulo.

A decisão sobre o número de fatores a ser retido foi realizada por meio da técnica da Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (TIMMERMAN; LORENZO-SEVA; KIERS, 2011). Optou-se pela análise a partir da matriz policórica e o método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (ASPAROUHOV; MUTHEN, 2010), com a rotação dos dados com o uso do método Robust Promin para a rotação dos dados (FERRANDO PIERA; LORENZO-SEVA, 2017).

A adequação do modelo foi avaliada por meio dos índices de ajuste *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). De acordo com Brown (2015), valores de RMSEA devem ser menores que 0,08, com intervalo de confiança não atingindo 0,10, e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90 ou, preferencialmente, 0,95.

Para a verificação da confiabilidade do instrumento, utilizou-se o alfa de Cronbach, mesmo índice avaliado no estudo de Welton *et al.* (1996). O índice foi calculado a partir do programa SPSS 21.

6.1.6 Aspectos éticos

A pesquisa respeitou devidamente todos os princípios legais e metodológicos de estudos com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS), resolução 466/12. Conseqüentemente, antes de seu desenvolvimento, a pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Universidade de São Paulo (USP) sob o CAAE 50822621.0.0000.5561 e número de parecer 4.976.272.

6.2 Estudo 2: Meditação e Protestantes, OR e LOCC

6.2.1 Delineamento do estudo

De acordo com Torres e Neiva (2011), a Psicologia Social pode estudar assuntos variados envolvendo diversas abordagens metodológicas. Segundo Cozby

(2003), a escolha do método impreterivelmente deve ser feita em função do tipo de problema a ser investigado. Dessa forma, para o alcance do objetivo proposto, foi utilizada a combinação de métodos (multimétodo) com procedimentos quantitativos e qualitativos, de caráter correlacional e transversal, uma vez que diferentes pessoas foram estudadas em um período pontual.

Segundo Aronson, Wilson e Akert (2002), apesar de não ser sinônimo de causalidade, o método de correlação é bastante utilizado nos Levantamentos. Estudos com esse delineamento possibilitam perguntar a uma amostra questões a respeito de suas atitudes e comportamentos. O foco consiste em verificar a relação entre as variáveis e prever comportamentos. De acordo com Machado (2009), estudos de Levantamentos podem ser entendidos como “uma espécie de mapeamento e reconhecimento de possíveis associações ou correlações a partir da perspectiva dos sujeitos” (MACHADO, 2009, p. 101).

6.2.2 Amostra

Nesta pesquisa, não foram selecionados uma amostra clínica pertencente a um grupo ou a uma patologia específica, uma vez que não existiu neste estudo a preocupação com os efeitos terapêuticos da meditação. Para delimitação da amostra, os critérios de inclusão adotados foram: adultos (acima de 18 anos), praticantes de meditação e protestantes confessionais (FERREIRA, 2008; MENDONÇA, 2005; TORRES, 2016), pertencentes a uma das denominações: luteranos, batistas, presbiterianos, congregacionais e metodistas.

A pesquisa contou com a participação inicial de 394 respondentes ($n = 394$). Dentre estes, compuseram a amostra final de 253 cristãos protestantes que praticam a meditação ($n = 253$).

6.2.3 Instrumentos

O questionário completo foi composto por 54 itens relacionados a questões sociodemográficas, a prática da meditação, a OR e ao LOCC.

- Questionário sociodemográfico (5 questões): idade, sexo, estado civil, local que reside e filiação denominacional.

- Questões sobre a prática da meditação (7 questões):
 - Você pratica meditação, oração meditativa, oração contemplativa, hora silenciosa nas suas práticas religiosas/espirituais?
 - Nas suas práticas religiosas/espirituais existe algum momento que envolve sentar-se em quietude (com pouco ou nenhum movimento) e que você dedica um tempo regular para um treino da atenção, concentração (Obs.: esse tempo pode ser sozinho ou com outras pessoas)?
 - Você pratica meditação com qual frequência?
 - Você pratica meditação por quanto tempo?
 - Como você poderia denominar a sua prática?
 - Você possui algum foco da sua atenção durante a sua prática? (Por exemplo, um texto bíblico, uma oração, respiração, algum objeto, etc.)
 - Assinale o/os foco/os da sua atenção durante a sua prática.
- Escala Orientação Religiosa I/E-R (GORSUCH; MCPHERSON 1989; LINARES, 2012): escala desenvolvida por Gorsuch e McPherson (1989), traduzida e adaptada por Linares (2012), composta por 14 itens, que correspondem a ORI em 8 itens (1, 3, 4, 5, 7, 10, 12 e 14) e a ORE em 6 itens (2, 6, 8, 9, 11 e 13).
- Escala multidimensional de LOC adaptada para cristãos brasileiros (LOCC) brasileiros (DELA COLETA, 1987; TAMAYO, 1989; WELTON *et al.*, 1996): a escala foi adaptada para cristãos brasileiros (Estudo 1). É composta por 28 itens, que correspondem a LOCE em 13 itens (1, 3, 4, 7, 8, 11, 12, 15, 16, 19, 20, 23 e 29), LOCI em 7 itens (5, 9, 13, 17, 21, 24 e 27) e LOCD em 8 itens (2, 6, 10, 14, 18, 22, 25 e 28), em que o participante responde sim ou não às perguntas.

6.2.4 Procedimentos de coleta dos dados

Foi utilizada a plataforma online Google Formulários para uma coleta única de dados para o Estudo 1 e o Estudo 2. Especialmente no período de pandemia da Covid-19, esta plataforma possibilitou a aplicação do questionário e a tabulação dos dados de maneira segura e simplificada. Para tanto, foi elaborado um questionário composto por dados demográficos, filiação denominacional, dados a respeito da prática de

meditação, assim como a inserção das escalas Orientação Religiosa I/E (GORSUCH; MCPHERSON, 1989; LINARES, 2012) e Locus de controle adaptada para cristãos brasileiros (LOCC) (DELA COLETA, 1987; TAMAYO, 1989; WELTON *et al.*, 1996).

O processo de coleta de dados foi realizado por meio do método de amostragem denominado “bola de neve virtual” (COSTA, 2018; SZWARCOWALD *et al.*, 2021; VIEIRA *et al.*, 2018). O *link* com o questionário foi enviado para representantes de cada uma das denominações que compõem os protestantes confessionais – luteranos, batistas, congregacionais, presbiterianos e metodistas.

Tais pessoas são denominadas por Cozby (2003) de informantes, ou seja, sujeitos que ajudam o pesquisador a compreender a dinâmica do ambiente e a identificar os participantes da pesquisa. O *link* com o questionário foi enviado para cinco informantes ligados a cada uma das denominações ($n = 25$) selecionados pela pesquisadora. A partir deste envio, foi solicitado aos informantes o compartilhamento da pesquisa em suas redes sociais (*Facebook, Instagram, Telegram* e grupos de *WhatsApp*). Desta forma, cada um dos participantes da pesquisa, que voluntariamente desejaram participar, clicaram no *link* e foram automaticamente direcionados para o questionário.

Especificamente sobre a prática de meditação, primeiramente ponderou-se apenas uma pergunta inicial para identificar se a pessoa pratica ou não meditação. No entanto, com o aprofundamento da pesquisa teórica, nos deparamos com alguns desafios semânticos relacionados ao conceito de meditação em específico nesta população. Conforme já abordamos, no cristianismo a meditação e a oração são temas que se sobrepõem, especialmente com tipos de oração denominados de oração contemplativa (FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021; FINNEY; MALONY 1985a, 1985b; KNABB; FREDERICK, 2017; KOENIG, 2018; NELSON, 2009).

Diante do pressuposto de que os participantes podem atribuir ao termo meditação significados diferentes, e com a finalidade de não comprometer os resultados da pesquisa, inicialmente o questionário possuiu uma pergunta abrangente: “*Você pratica meditação, oração meditativa/contemplativa, hora silenciosa nas suas práticas devocionais?*”. Em seguida, foi apresentada uma pergunta contendo os três

componentes cardeais das práticas meditativas, segundo Oman (2021)³, presentes nas pesquisas modernas sobre meditação.

Dessa forma, identificou-se os praticantes da meditação. Este procedimento constituiu-se de um passo importante, que por sua vez possibilitou a diferenciação daqueles que praticam a meditação e daqueles que possuem algum outro tipo de prática religiosa com outro caráter.

6.2.5 Análise dos dados

Os dados dos questionários quantitativos foram tabulados e transcritos em uma planilha do aplicativo Microsoft Excel. Considerou-se o valor de $p \leq 0,05$ para a significância estatística. Todas as etapas do procedimento de análise de dados foram realizadas no *software* R versão 4.1.3 (R Core Team 2022).

Inicialmente foram realizadas análises descritivas dos dados para apresentação da amostra e as frequências de práticas de meditação, bem como os tipos de meditação, tempo da prática, presença ou não de um foco e seus tipos.

Em seguida, foram realizadas uma série de análises de variância de uma via (ANOVA – *One Way*) com o objetivo de avaliar possíveis diferenças entre grupos, categorizados em relação à denominação religiosa, em relação aos escores de Locus de controle e Orientação Religiosa.

Os modelos de ANOVAs foram testados quanto à homogeneidade de variância, colinearidade, linearidade dos resíduos, presença de observações discrepantes e normalidade dos resíduos. A normalidade dos resíduos foi avaliada por meio do teste de Shapiro-Wilk e por inspeção visual do QQ-plot. O pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado por meio do teste de Levene.

Também foram realizados testes de qui-quadrado de independência para avaliar se havia associação entre a denominação religiosa e as seguintes variáveis: uso de foco na prática, tipo de foco utilizado, e prática de meditação. O teste do qui-quadrado de independência também foi utilizado para verificar se existe uma associação entre prática de meditação e envolvimento em momentos de quietude na

³ Oman (2021) afirma existir três componentes cardeais que definem uma prática meditativa: a meditação envolve sentar-se com pouco ou nenhum movimento; um treino da atenção através da concentração ou atetividade e é praticada durante um período dedicado intencionalmente pelo próprio individuo, e pode ser realizada em reclusão ou com outras pessoas.

prática religiosa. Um nível de significância de 5% foi adotado para todas as comparações estatísticas. Seguindo as análises de variância significativas, testes *post hoc* foram realizados entre todas os grupos utilizando a correção de *Holm*.

Por fim, com a finalidade de identificar o perfil da amostra quanto ao Locus de controle em protestantes confessionais que praticam a meditação, foi realizada uma Análise de Classes Latentes (LCA). A LCA é um método de identificar e descrever grupos não observáveis (ou latentes) na população. Ela pode ser entendida de forma análoga a um modelo de variáveis latentes convencional (e.g., Análise Fatorial Exploratória), com a diferença de que, no primeiro, o agrupamento por similaridade é feito em relação aos indivíduos, enquanto o segundo agrupa os indicadores (NYLUND-GIBSON; CHOI, 2018). As classes formadas pela LCA são obtidas por meio da maximização da diferença entre os grupos e minimização das diferenças dentro dos grupos (SCHREIBER, 2017).

Para identificar perfis de Locus de Controle (LOCC) dentre protestantes confessionais que praticam meditação, os 28 itens da escala LOCC foram como indicadores. Em seguida foram estimados e comparados uma sequência de modelos aninhados com um número crescente de classes de modo a avaliar se modelos mais complexos (i.e., com mais classes) se ajustam melhor aos dados do que modelos mais parcimoniosos (i.e., com menos classes).

Testamos modelos com 1 a 6 classes latentes para identificar o número de perfis. Para identificar inicialmente o número ótimo de perfis latentes nos dados, utilizamos o critério estatístico do *Bayesian Information Criterion* (BIC), por ser este o indicador de ajuste mais confiável e informado com maior frequência (Nylund et al., 2007; Vermunt, 2002). O critério de BIC é utilizado para comparar soluções de LCA e prioriza modelos mais parcimoniosos, com menores valores de BIC indicando melhor ajuste do modelo (Weller et al., 2020).

Também foram examinadas outras estatísticas de ajuste como *consistent Akaike information criterion* (cAIC) e o *sample-size adjusted Bayesian Information Criterion* (aBIC). Assim como o BIC, valores mais baixos destas estatísticas indicam melhor ajuste do modelo. Para avaliar a acurácia do modelo em definir o número de classes, utilizamos o critério da entropia. Embora não exista um ponto de corte definido para este indicador, valores acima de 0,8 são aceitáveis e próximos a 1, ideais (Celeux & Soromenho, 1996). Valores maiores de entropia indicam menores erros de classificação. Além dos critérios estatísticos, a escolha do número de classes também

foi avaliada de forma qualitativa, tendo como critério a escolha por modelos mais parcimoniosos para explicar os dados.

Todas as análises foram conduzidas no *software* R, versão 4.1.3 (R Core Team, 2022). Os modelos de LCA foram estimados com auxílio do pacote *poLCA* versão 1.6.0.1 (LINZER; LEWIS, 2011) e as imagens criadas com o pacote *ggplot2* versão 3.3.6 (WICKHAM, 2016). Para as análises foram considerados apenas participantes com dados completos.

6.2.6 Aspectos éticos

A pesquisa respeitou devidamente todos os princípios legais e metodológicos de estudos com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS), resolução 466/12. Conseqüentemente, antes de seu desenvolvimento, a pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Universidade de São Paulo (USP) sob o CAAE 50822621.0.0000.5561 e número de parecer: 4.976.272.

7 RESULTADOS

7 RESULTADOS

7.1 Estudo 1: Adaptação da Escala Locus de controle para cristãos

PARTE A – Dados demográficos

Entre os participantes, 68,3% ($n = 418$) eram mulheres e 31,7% ($n = 189$) homens, com idades entre 18 e 85 anos ($M = 46$; $DP = 0,59$). Quanto ao estado civil dos participantes, a maioria é casada 66,7% ($n = 398$) e apenas 3,2% ($n = 19$) viúvas/os.

Participaram da pesquisa cristãos de 22 estados brasileiros, do total de 26, mais o Distrito Federal, sendo que os que tiveram maior número de participantes foram: estado de São Paulo ($n = 326$; 54,6%), Paraná ($n = 64$; 10,7%), Rio de Janeiro ($n = 30$; 5%) e Minas Gerais ($n = 26$; 4,4%).

No que se refere à filiação denominacional, os protestantes ($n = 417$; 69,8%) tiveram o maior número de participantes, seguidos por católicos ($n = 80$; 13,4%), e pentecostais/neopentecostais ($n = 72$; 12,1%). Destaca-se ainda que 4,7% ($n = 28$) dos participantes se autodenominaram cristãos sem nenhuma filiação denominacional (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição da amostra de acordo com a filiação religiosa

	Frequência	
	n	%
Protestantes ⁴	417	69,8
Católico	80	13,4
Pentecostais e Neo pentecostais	72	12,1
Sem filiação	28	4,7
Total	597	100

⁴ Neste estudo, a classificação dos protestantes, pentecostais e neopentecostais teve como base a diferenciação dos grupos proposta por Torres (2016, pp. 28-29), que por sua vez privilegiou o lugar dado às experiências carismáticas dentro do seu corpo doutrinário e não às suas raízes históricas propriamente ditas. Uma classificação semelhante, com o predomínio das questões doutrinárias e não questões históricas, foi adotada no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), ao classificar o grupo de pessoas evangélicas em missionários, que abarca as denominações protestantes, e pentecostais, que abarca tanto os pentecostais quanto os neopentecostais.

Fonte: Elaboração da autora.

PARTE B – Adaptação da Escala Locus de controle para cristãos brasileiros

Após o processo de pré-teste, isto é, análise de juízes e adequação semântica, e aprofundamento teórico em pesquisas sobre LOC – especificamente com grupos religiosos cristãos – optou-se, a título de experimentação, pela inserção de novos itens relacionados ao controle de Deus como uma quarta dimensão do constructo.

Tal acréscimo teve como base o apontamento de juízes sobre as possíveis dificuldades de cristãos responderem o instrumento original, bem como o estudo realizado por Welton *et al.* (1996), criadores da primeira escala de LOCC que media especificamente a presença de Deus em relação ao controle. Os autores propuseram “Controle de Deus” como uma quarta dimensão, que segundo eles está além das fontes LOC originais de interno, externo (outros poderosos) ou externo (sorte/azar).

Para tal adaptação, além dos 24 itens originais da escala multidimensional de Locus de controle (DELA COLETA, 1987; TAMAYO, 1989), foram inseridas perguntas ($n = 6$) relacionadas à quarta dimensão – controle de Deus – propostas por Welton *et al.* (1996). O processo de tradução contou com tradutores colaboradores e foi realizada nas seguintes etapas: tradução, síntese das traduções e *back* tradução, até chegar a uma versão final (ANEXO A). Abaixo estão as questões que foram primeiramente acrescentadas:

1. O que acontece na minha vida é determinado pelos propósitos de Deus
2. Minha vida é controlada, principalmente, por Deus
3. Sofrer ou não um acidente de carro depende dos planos de Deus
4. Para que os meus planos deem certo, me certifico se eles se encaixem nos mandamentos de Deus
5. Quando as coisas não são do meu jeito eu procuro orar
6. Quando coisas boas acontecem comigo é por causa da bênção de Deus

Seguindo a escala original de Levenson (1973), com a finalidade de manter uniformidade no número de perguntas – 8 perguntas para cada um dos fatores –, outras duas perguntas foram acrescentadas:

1. Embora eu tenha capacidade, só conseguirei ter uma posição importante se estiver nos planos de Deus
2. Meus amigos são estabelecidos por Deus

Assim, o instrumento para aplicação neste estudo ficou composto por 32 itens, respondidos em um formato dicotômico (sim ou não). Contudo, conforme apresentaremos no Capítulo 8, após análises fatoriais exploratórias e matriz rotacional dos fatores, a versão final da escala adaptada ficou composta por 28 itens.

PARTE C – Análise das propriedades psicométricas

Inicialmente ao solicitarmos as análises referentes a AFE, identificamos um erro no programa, denominado “*smoothing of correlation matrix*”, que se refere à matriz de correlação não definida positivamente. A literatura nos diz que esse tipo de erro não é raro, e que pode acontecer por alguns fatores, como número baixo de participantes, grande número de *missings* (dados faltantes) ou multicolinearidade (ALIN, 2010).

Após uma checagem na amostra e respectivos dados, identificou-se que, neste caso em específico, o principal fator foi a multicolinearidade e dependência linear entre os indicadores. Multicolinearidade acontece se os itens da escala são muito redundantes e têm uma correlação positiva muito alta entre si. Também acontece se um determinado item pode ser totalmente reproduzido pela combinação linear de outros itens, ou seja, trata-se de uma possível relação linear entre as variáveis (ALIN, 2010).

Diante disso, foram realizadas análises minuciosas quanto ao conteúdo e quanto às correlações entre os itens, com o objetivo de verificarmos possíveis redundâncias entre eles. Neste sentido, na tentativa de refinar a escala, os itens que possuíam maior correlação entre si e potencialmente redundantes foram excluídos (itens 2, 3 e 25).

A partir da exclusão desses itens, foi solicitada uma análise para os quatro fatores (LOCE poderoso, LOCE acaso, LOCI e LOCD), como propostos por Welton *et al.* (1996). Os testes de esfericidade de Bartlett (6740.8, $df = 406$, $p < 0,001$) e KMO

(0,790) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. A análise paralela sugeriu três fatores como sendo os mais representativos para os dados.

Os três fatores descritos foram nomeados como LOCE, LOCI e LOCD. Neste, observou-se o agrupamento dos itens que originalmente pertencem aos denominados LOCE poderosos e LOCE acaso.

As cargas fatoriais dos itens são apresentadas na Tabela 2. Observa-se que os itens apresentaram cargas fatoriais adequadas, com cargas fatoriais elevadas em seus respectivos fatores. Os itens 12 e 17 tiveram padrão de cargas cruzadas, de forma que optou-se em mantê-los no fator teoricamente correspondente, e nos quais apresentaram maiores cargas fatoriais. Apenas o item 30 não pontuou em nenhum dos fatores (*i.e.*, itens com cargas fatoriais abaixo de 0,30) e, portanto, foi excluído da escala adaptada. Desta forma, na versão final da escala, foram excluídos os itens 2, 3, 25 e 30.

Na versão final, o Fator 1, denominado de LOCE ficou composto por 13 itens (V1, V5, V6, V9, V10, V13, V14, V17, V18, V21, V22, V26 e V29). Já o fator 2, denominado LOCD, ficou composto por 8 itens (V4, V8, V12, V16, V20, V24, V28 e V32). Por fim, o fator 3, denominado LOCI, com 7 itens (V7, V11, V15, V19, V23, V27 e V31).

A escala LOCC adaptada para cristãos apresentou boas medidas de adequação para AFE com índices de ajuste adequados ($X^2 = 3086.955$; $p < 0,001$; RMSEA = 0,000; CFI = 0,999). Destaca-se que, apesar de a escala original LOC composta por 24 itens (LEVENSON, 1973; DELA COLETA, 1987; TAMAYO, 1989) ter apresentado índice de maior confiabilidade ($\alpha = 0.727$) do que a nova escala LOCC ($\alpha = 0.627$), optou-se por mantê-la na forma adaptada para o Estudo 2, por entender que ela é mais apropriada para medir o constructo entre essa população cristã.

Tabela 2 – Análise Fatorial Exploratória da escala adaptada LOCC para cristãos

Item	Fator 1	Fator 2	Fator 3
Locus Externo ($\alpha = 0,660$)	α	α	α
16 Embora eu tenha muita capacidade, só conseguirei ter uma posição importante se pedir ajuda a uma pessoa de prestígio.	0,862		

20 Para que meus planos se realizem, devo ajustá-los aos desejos das pessoas mais poderosas que eu.	0,823	
23 Se pessoas importantes não gostam de mim, provavelmente eu não conseguirei ter sucesso e amigos	0,801	
12 Sinto que o que ocorre na minha vida é determinado, principalmente, por pessoas mais poderosas que eu.	0,748	
4 Para conseguir o que desejo, necessito da ajuda de pessoas poderosas, superiores a mim.	0,642	
8 Pessoas como eu tem pouca chance de proteger seus interesses pessoais quando estes entram em choque com os interesses de pessoas poderosas.	0,505	
3 Tudo na vida depende, principalmente, de ter sorte em entrar no lugar certo, na hora certa.	0,478	
1 Penso que nem sempre é desejável fazer planos com muita antecedência, porque muitas coisas acontecem por uma questão de sorte.	0,444	
11 O fato de eu ter poucos ou muitos amigos se deve, principalmente, à influência do destino	0,444	
26 Minha vida é, em grande parte, determinada por acontecimentos inesperados.	0,378	
15 Eu tenho sorte, por isso, frequentemente, consigo o que quero.	0,374	0,313
7 Se eu vou ou não sofrer um acidente de automóvel, isto é, principalmente uma questão de sorte	0,372	
19 Não dá para proteger meus interesses pessoais da influência do azar.	0,319	
Locus Deus ($\alpha = 0,760$)		
18 Embora eu tenha muita capacidade, só conseguirei ter uma posição importante se estiver nos planos de Deus.	0,904	

25 O que acontece na minha vida é determinado pelos propósitos de Deus.	0,878	
22 Meus amigos são estabelecidos por Deus.	0,780	
6 Quando coisas boas acontecem comigo é por causa da bênção de Deus	0,763	
14 Para que os meus planos deem certo, me certifico se eles se encaixam nos mandamentos de Deus.	0,733	
28 Minha vida é principalmente controlada por Deus.	0,657	
2 Sofrer ou não um acidente de carro, depende dos planos de Deus	0,516	
10 Quando as coisas não são do meu jeito eu procuro orar.	0,481	0,347
Locus Interno ($\alpha = 0,691$)		
17 Minha vida é determinada por minhas próprias ações.		0,891
9 Quando eu consigo o que quero, frequentemente, é porque eu me esforcei muito.		0,713
5 Eu posso, quase sempre, determinar o que vai acontecer na minha vida		0,638
13 Geralmente sou capaz de proteger meus interesses pessoais.		0,592
21 Se eu vou ou não me tornar um(a) líder depende, principalmente da minha capacidade.		0,541
27 Quando faço planos, sempre tenho certeza de vou realizá-los.		0,418
24 Se eu vou sofrer ou não sofrer um acidente de automóvel depende principalmente de eu ser ou não um bom motorista.		0,398
Confiabilidade (α de Cronbach)	0,627	
Escala Total		

Fonte: Elaboração da autora.

7.2 Estudo 2: Locus de controle (LOCC), Orientação Religiosa (OR) e a prática da meditação entre protestantes confessionais

PARTE A – Dados Demográficos

Entre os participantes ($n = 253$), 62% eram mulheres ($n = 156$) e 38% ($n = 97$) homens, com idades entre 18 e 82 anos ($M = 48,6$; $DP = 14,3$). Quanto ao estado civil dos participantes, a maioria é casado 72% ($n = 181$) e apenas 4% ($n = 10$) viúvas/os.

Participaram cristãos de 21 estados brasileiros, do total de 26 estados mais o Distrito Federal, sendo que os que tiveram maior número de participantes foram: estado de São Paulo ($n = 127$; 50,2%), Paraná ($n = 32$; 16,55%), Santa Catarina ($n = 25$; 9,88%) e Minas Gerais ($n = 16$; 32%).

No que se refere à filiação denominacional, os presbiterianos ($n = 138$; 54,55%) tiveram o maior número de participantes, seguidos por batistas ($n = 51$; 20,16%), luteranos ($n = 33$; 13,04%), congregacionais ($n = 16$; 6,32%) e metodistas ($n = 15$; 5,93%).

Tabela 3 – Distribuição da amostra de acordo com a afiliação religiosa

	n	%
Presbiterianos	138	54,55
Batistas	51	20,16
Luteranos	33	13,04
Congregacionais	16	6,32
Metodistas	15	5,93
TOTAL	253	100%

Fonte: Elaboração da autora.

PARTE B – Análises Estatísticas dos Instrumentos

B.1 A Prática da Meditação

B.1.1 Cristãos protestantes praticam a meditação?

Nesta amostra pesquisada, a maioria dos participantes ($n = 253$; 64%) praticam a meditação.

Tabela 4 – Praticantes e não praticantes da meditação

Pratica meditação?	
Sim (n = 253)	Não (n = 141)
N = 394	

Fonte: Elaboração da autora.

B.1.2 Relação entre meditação e quietude

Um teste de independência qui-quadrado foi realizado para examinar a relação entre praticar meditação e se envolver em um momento de quietude na prática religiosa. Foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre as variáveis: $\chi^2(1) = 84, p < 0,001$. Pessoas que praticam meditação são mais prováveis de se envolverem em um momento de quietude na prática religiosa do que pessoas que não praticam meditação.

Tabela 5 – Tabela de contingência 2x2 para prática de meditação e envolvimento em momento de quietude

Pratica meditação	Momento de quietude			
	Sim		Não	
	N	%	N	%
Sim	253	64,0	80	20,3
Não	10	2,5	52	13,2
$\chi^2(1) = 84, p < 0,001$				

Fonte: Elaboração da autora.

Análises de razão de chance – tamanho de efeito – demonstraram que pessoas que praticam a meditação apresentaram 16,4 vezes mais chance de se envolverem em um momento de quietude quando comparadas com as que não praticam a meditação.

B.1.3 Frequência de meditação

Quanto à frequência da prática da meditação, a maioria dos participantes ($n = 156$; 61,66%) pratica a meditação diariamente, enquanto a minoria ($n = 3$; 1,19%) pratica quinzenalmente.

Tabela 6 – Frequência da prática da meditação

Frequência	N	%
Mensalmente	9	3,56
Quinzenalmente	3	1,19
Uma vez por semana	28	11,07
Duas/três vezes por semana	57	22,53
Diariamente	156	61,66

Fonte: Elaboração da autora.

B.1.4 Tempo de meditação

Diferentemente da frequência, no tempo da prática da meditação existe uma distribuição mais homogênea. A maioria dos participantes ($n = 53$; 20,95%) praticam por 15 minutos, seguidos por 10 minutos ($n = 50$; 19,76%) e 20 minutos ($n = 37$, 14; 62%). De uma forma geral, a prática é realizada com um tempo pré-definido, e apenas 1,19% ($n = 3$) não possuem definição prévia do tempo.

Tabela 7 – Tempo de meditação

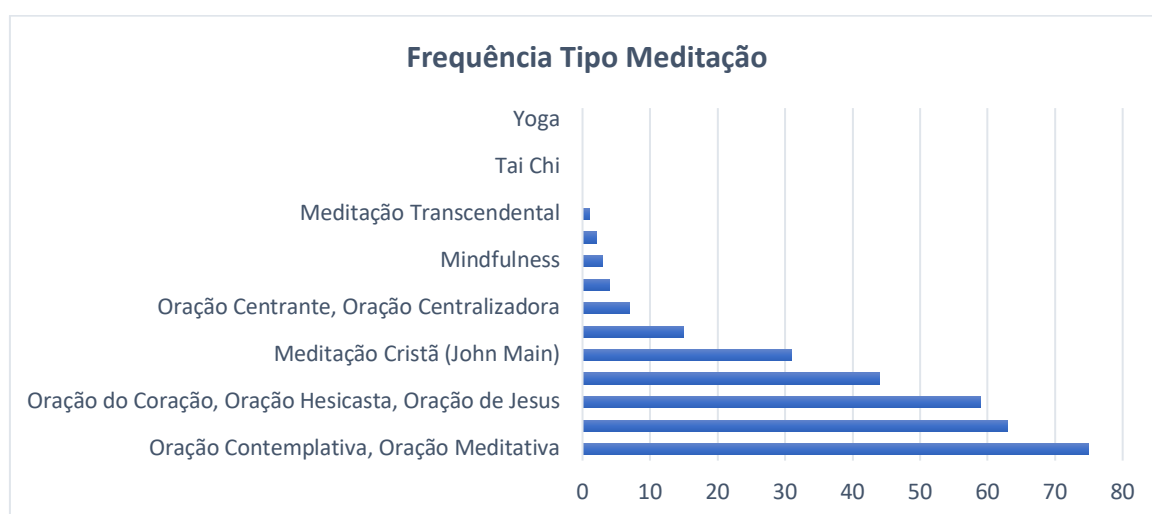
Tempo	N	%
5 minutos	34	13,44
10 minutos	50	19,76
15 minutos	53	20,95
20 minutos	37	14,62
30 minutos	31	12,25
40 minutos	20	7,91
60 minutos	11	4,35
Acima de 60 minutos	4	1,58
Variado	10	3,95
Sem tempo definido	3	1,19

Fonte: Elaboração da autora.

B.1.5 Tipos de Meditação

Por meio da Tabela 8 e da Figura 4, percebe-se que os três tipos de meditação mais praticados pela amostra estão relacionados à prática da oração: Oração contemplativa/meditativa, *Lectio divina* e Oração do coração/Hesicasta. Em contrapartida, não foram identificadas práticas meditativas relacionadas ao Qi Gong, Tai Chi, Vipassana e Yoga.

Figura 4 – Frequência do tipo de meditação – formato completo



Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 8 – Tipos de Meditação formato completo

Tipo de meditação	N	%
Oração Contemplativa, Oração Meditativa	75	24,67
<i>Lectio divina</i>	63	20,72
Oração do Coração, Oração Hesicasta, Oração de Jesus	59	19,41
Não sei denominar	44	14,47
Meditação Cristã (John Main)	31	10,20
Outros	15	4,93
Oração Centrante, Oração Centralizadora	7	2,30
Resposta de Relaxamento	4	1,32
<i>Mindfulness</i>	3	0,99
Meditação Zen	2	0,66
Meditação Transcendental	1	0,33
Qi Gong	0	0,00
Tai Chi	0	0,00
Vipassana	0	0,00
Yoga	0	0,00
<i>Total</i>	304	100

Obs.: Aqui o $n = 304$ porque alguns sujeitos praticam mais do que um tipo de meditação.

Fonte: Elaboração da autora.

De acordo com a Tabela 9, identifica-se que no mínimo 80,24% ($n = 205$) praticam a meditação utilizando-se de técnicas dentro do cristianismo. Outro resultado em destaque é que 17,39% ($n = 44$) não souberam nomear as suas práticas e, portanto, o número total de participantes que praticam a meditação cristã neste estudo aparece como indefinido.

Outro ponto a ser considerado é que, apesar de a meditação atualmente ser uma prática laica, com finalidades terapêuticas, é interessante pontuar que nesta amostra apenas 1,19% ($n = 3$) dos participantes praticam a meditação com finalidades exclusivamente terapêuticas.

Tabela 9 – Tipos de Meditação formato compacto

Tipo de meditação	N	%
Meditação Budista	2	0,79
Meditação Cristã	203	80,24
Meditação Hinduísta	1	0,40
Meditação Terapêutica/Laica	3	1,19
Não soube nomear	44	17,39
<i>Total</i>	253	100

Fonte: Elaboração da autora.

O formato compacto da apresentação dos tipos de meditação praticados pelos participantes teve como base a árvore da meditação proposta por Farias, Brazier e Lalljee (2021), com exemplos de práticas de várias tradições orientais (lado direito) e ocidentais (lado esquerdo) e as técnicas terapêuticas modernas (topo do meio).

B.1.6 Prática da Meditação entre as denominações

O teste de qui quadrado foi realizado com a finalidade de verificar qual a associação entre a prática da meditação e as denominações estudadas. Não foram encontradas diferenças significativas entre a frequência de prática de meditação nas cinco denominações ($\chi^2(4) = 7,8; p = 0,10$).

Tabela 10 – Prática da meditação entre as denominações

Denominação	Sim (n = 253)		Não (n = 142)	
	N	%	N	%
Batista	51	76,0	16	24,0
Congregacional	16	73,0	6	27,0
Luterana	33	57,0	25	43,0
Metodista	15	71,0	6	29,0
Presbiteriana	138	61,0	89	39,0

$\chi^2(4) = 7,8; p = 0,10$

Fonte: Elaboração da autora.

A partir das tabelas 11 e 12, tanto no formato completo quanto no formato compacto, identifica-se que a distribuição está equivalente, e, portanto, não existe diferença entre a proporção de quem pratica e de quem não pratica a meditação entre esses grupos.

Tabela 11 – Frequência do tipo de meditação por denominação - formato compacto

	Batista		Congregacional		Luterana		Metodista		Presbiteriana	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Meditação Budista	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	6,67	1	0,72
Meditação Cristã	42	82,35	15	93,75	26	78,79	9	60,00	111	80,43
Meditação Hinduísta	1	1,96	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Meditação Terapêutica/Laica	2	3,92	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,72
Não soube nomear	6	11,76	1	6,25	7	21,21	5	33,33	25	18,12
<i>Total</i>	51	100	16	100	33	100	15	100	138	100

Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 12 – Frequência do tipo de meditação por denominação - formato completo

	Batista		Congregacional		Luterana		Metodista		Presbiteriana	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Lectio divina</i>	15	25,42	3	18,80	7	17,10	6	30,00	32	19,00
Meditação Cristã (John Main)	4	6,78	0	0,00	4	9,80	2	10,00	21	12,50
Meditação Zen	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	5,00	1	0,60
<i>Mindfulness</i>	1	1,69	1	6,30	0	0,00	0	0,00	1	0,60
Não sei denominar	6	10,17	1	6,30	7	17,10	5	25,00	25	14,90
Oração Centrante, Oração Centralizadora	2	3,39	0	0,00	2	4,90	0	0,00	3	1,80
Oração Contemplativa, Oração Meditativa	9	15,25	7	43,80	6	14,60	6	30,00	47	28,00
Oração do Coração, Oração Hesicasta, Oração de Jesus	16	27,12	3	18,80	12	29,30	0	0,00	28	16,70
Outros	3	5,08	0	0,00	3	7,30	0	0,00	9	5,40
Resposta de Relaxamento	2	3,39	1	6,30	0	0,00	0	0,00	1	0,60
Transcendental	1	1,69	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00

Fonte: Elaboração da autora.

B.1.7 Foco na prática de meditação

De acordo com a Tabela 13, a grande maioria (91,3%; $n = 231$) dos praticantes possui um foco durante a meditação.

Tabela 13 – Frequência de religiosos que possuem foco na prática

Possui foco na prática?	N	%
Não	22	8,7
Sim	231	91,3

Fonte: Elaboração da autora.

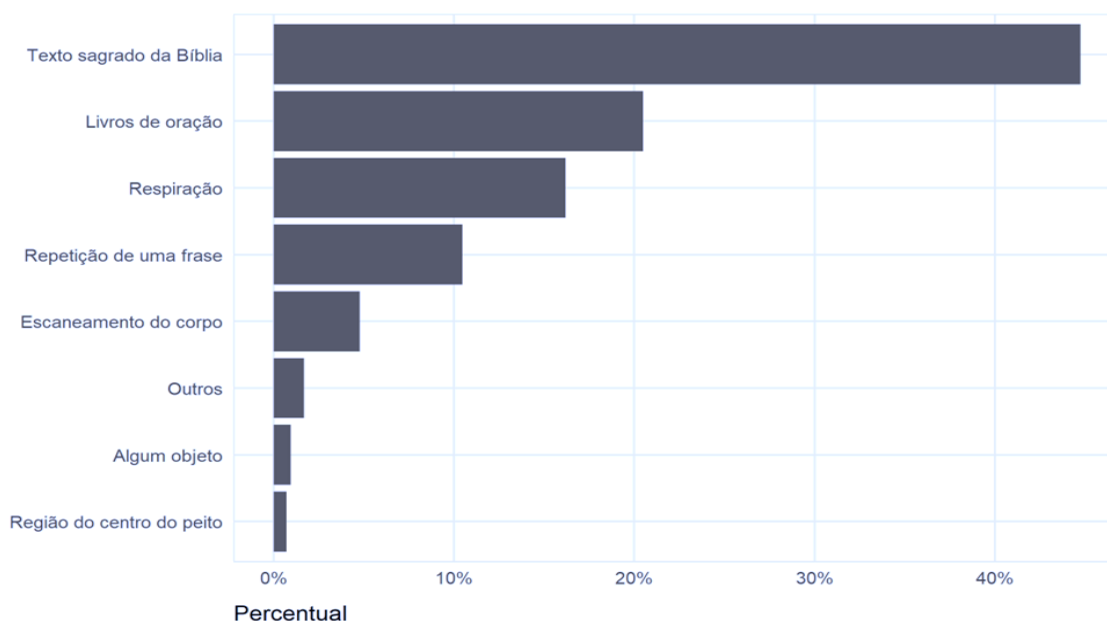
Quanto aos tipos de foco, apesar de serem variados, os focos mais utilizados são textos sagrados (44,76%; $n = 188$) seguido de livros de oração, guia devocional etc. (20,48%; $n = 86$).

Tabela 14 – Frequência de tipos de foco praticados por religiosos

Tipo de foco	N	%
Algum objeto	4	0,95
Escaneamento do corpo	20	4,76
Livros de oração, Guia devocional etc.	86	20,48
Outros	7	1,67
Região do centro do peito, coração	3	0,71
Repetição de uma frase, palavra ou oração curta	44	10,48
Respiração	68	16,19
Texto sagrado da Bíblia	188	44,76
<i>Total</i>	420	100

Fonte: Elaboração da autora.

Interessante também apontar que, de acordo com o número de focos utilizados ($n = 420$), dentre aqueles que utilizam um foco na prática da meditação ($n = 231$), identifica-se a presença da utilização de mais de um foco nas práticas de meditação.

Figura 5 – Frequência de tipos de foco praticados por protestantes

Fonte: Elaboração da autora.

Conforme a Tabela 15, não foram encontradas diferenças significativas entre a frequência de foco na prática ($\chi^2(4) = 1,8$; $p = 0,77$) e as denominações pesquisadas.

Tabela 15 – Frequência de religiosos que possuem foco na prática por denominação

Denominação	Possui foco na prática?			
	Sim ($n = 231$)		Não ($n = 22$)	
	N	%	N	%
Batista	48	94,1	3	5,9
Congregacional	15	93,8	1	6,2
Luterana	31	93,9	2	6,1
Metodista	14	93,3	1	6,7
Presbiteriana	123	89,1	15	10,9

$\chi^2(4) = 1,8$; $p = 0,77$

Fonte: Elaboração da autora.

De igual forma, por meio do teste qui quadrado, a Tabela 16, que descreve o tipo de foco na prática meditativa entre as cinco denominações, indica que não foram encontradas diferenças significativas ($\chi^2(28) = 32, p = 0,287$).

Desta forma, não houve diferenças significativas tanto no que diz respeito à presença do foco quanto ao tipo de foco utilizado entre as denominações. Por não terem sido encontradas diferenças significativas, assume-se que as denominações são iguais em relação ao foco na prática meditativa.

Tabela 16 – Tipos de foco praticados por religiosos por denominação

Tipo de foco	Batista		Congregacional		Luterana		Metodista		Presbiteriana	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Algum objeto	1	1,37	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	1,28
Escaneamento do corpo	2	2,74	1	4,55	3	5,08	3	9,68	11	4,68
Livros de oração, Guia devocional	11	15,07	2	9,09	18	30,51	7	22,58	48	20,43
Outros	4	5,48	0	0,00	1	1,69	1	3,23	1	0,43
Região do centro do peito, coração	1	1,37	1	4,55	0	0,00	0	0,00	1	0,43
Repetição de uma frase, palavra ou oração curta	9	12,33	2	9,09	4	6,78	2	6,45	27	11,49
Respiração	12	16,44	2	9,09	8	13,56	8	25,81	38	16,17
Texto sagrado da Bíblia	33	45,21	14	63,64	25	42,37	10	32,26	106	45,11
<i>Total</i>	73	100	22	100	59	100	31	100	235	100

$\chi^2(28) = 32,$

$p 0,287$

Fonte: Elaboração da autora.

B.2 Orientação Religiosa (OR)

B.2.1 Frequência de Orientação Religiosa

De acordo com a Tabela 17, observando os valores das médias dos dois tipos de OR, percebe-se que os participantes mostraram maiores escores de ORI (M = 37,23; DP 3,19) do que ORE (M = 17,29; DP4,94).

Tabela 17 – Predominância de religiosidade intrínseca e extrínseca

	Média	DP
Extrínseca	17,29	4,94
Intrínseca	37,23	3,19

Fonte: Elaboração da autora.

B.2.2 Correlação entre Orientação Religiosa Extrínseca (ORE) e Intrínseca (ORI)

A partir da Tabela 18, de correlação entre as ORE e ORI, percebe-se que não existe correlação significativa ($r = 0,015$; $p < 0,050$) entre as duas orientações, sugerindo serem dimensões independentes.

Tabela 18 – Correlação entre os tipos de orientação religiosa

	Orientação Intrínseca	Orientação Extrínseca
Orientação Intrínseca	1	.
Orientação Extrínseca	0,15	1

Fonte: Elaboração da autora.

B.2.3 Orientação Religiosa nas denominações

Os testes de distribuição de normalidade dos resíduos demonstraram que o modelo para o desfecho ORI apresentou distribuição normal (Shapiro-Wilk = 0,81, $p < 0,001$), mas que o modelo para o desfecho ORE não atendeu a este pressuposto

(Shapiro-Wilk = 0,99, $p = 0,22$). O teste de Levene demonstrou que os grupos não apresentam homogeneidade de variância no modelo para o desfecho ORI (Levene(4, 248) = 5,24, $p < 0,001$), tampouco no modelo para o desfecho ORE (Levene(4, 248) = 2,70, $p = 0,03$).

Deste modo, para avaliar as diferenças entre grupos em relação à ORI e à ORE, foram realizadas ANOVAs com procedimentos de *bootstrapping* (1000 reamostragens), a fim de obter uma maior confiabilidade dos resultados e corrigir desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos (HAUKOOS; LEWIS, 2005).

Tabela 19 – Média e desvio padrão da orientação religiosa por denominação

Denominação	Orientação Extrínseca		Orientação Intrínseca	
	M	DP	M	DP
Batista	18,35	5,29	36,67	3,94
Congregacional	19,62	5,71	36,94	2,32
Luterana	18,48	4,47	38,24	2,17
Metodista	17,20	2,40	38,27	2,31
Presbiteriana	16,35	4,86	37,12	3,21

Fonte: Elaboração da autora.

O resultado das ANOVAs indicou que os grupos de denominações religiosas apresentaram diferença estatisticamente significativa em relação aos escores de ORE ($F(4,248) = 4,17$, $p = 0,04$, $\eta^2_p = 0,06$), mas não para os escores de ORI ($F(4,248) = 1,70$, $p = 0,15$, $\eta^2_p = 0,03$). O teste *post hoc* com correção de *Holm* não identificou diferenças significativas de ORE nas comparações par a par entre as denominações.

Tabela 20 – Comparações *post hoc* com correção de Holm entre as denominações em relação à ORE

Contraste	B	EP B	t(390)	p_{holm}	Cohen's <i>d</i>
Batista - Congregacional	-1,27	1,39	-0,91	1,00	-0,26
Batista - Luterana	-0,13	1,08	-0,12	1,00	-0,03
Batista - Metodista	1,15	1,43	0,81	1,00	0,24
Batista - Presbiteriana	2,04	0,80	2,56	0,10	0,41
Congregacional - Luterana	1,14	1,48	0,77	1,00	0,23
Congregacional - Metodista	2,43	1,74	1,39	1,00	0,50
Congregacional - Presbiteriana	3,31	1,28	2,58	0,10	0,68
Luterana - Metodista	1,28	1,51	0,85	1,00	0,26
Luterana - Presbiteriana	2,17	0,94	2,31	0,18	0,44
Metodista - Presbiteriana	0,89	1,32	0,67	1,00	0,18

B = Estimativa de diferenças de médias; EP B = Erro padrão da estimativa

Fonte: Elaboração da autora.

Isso significa que, por meio dos testes de ANOVAS, não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos e a ORI. Contudo, identificou-se que existe diferença significativa entre um dos grupos (5 denominações) quanto à ORE. Com a finalidade de identificar em qual grupo essa diferença existe, foi realizado teste de *post hoc*, porém, apesar de haver diferenças significativas identificadas, não foram encontradas em qual dos grupos elas estão.

B.3 Locus de controle (LOCC)

B.3.1 Média e desvio padrão de LOCC

Por meio da Tabela 21, percebe-se que, na amostra, a média do LOCE foi baixa e a média do LOCD foi alta.

Tabela 21 – Média e desvio padrão de LOCC para a amostra total

<i>n</i> = 253	Média	Desvio Padrão
Locus Total	10,4	3,03
Locus Externo	1,47	1,59
Locus Deus	6,37	1,64
Locus Interno	2,53	1,56

Nota: Sim = 1, Não = 0.

Fonte: Elaboração da autora.

B.3.2 Correlação entre Locus externo, Locus interno e Locus Deus

A partir da tabela de correlações de Pearson entre os fatores da escala de Locus de controle, percebe-se que:

- Não houve correlação significativa entre as subescalas LOCE e LOCD ($r = 0,060$, $p < 0,05$), bem como entre LOCI e LOCD ($r = -0,076$; $p < 0,05$).
- Há correlação significativa entre as subescalas LOCI e LOCE ($r = 0,317$; $p < 0,001$). Considerando-se a classificação de Cohen (1992)⁵, essa é uma correlação que pode ser considerada mediana.
- As três subescalas (LOCI, LOCD e LOCE) apresentaram correlações significativas e acima da média com LOCC total ($r = 0,667$; $0,704$ e $0,727$; todas $p < 0,001$), conforme esperado.

Tabela 22 – Correlação entre os escores por fator e total da escala de Locus de controle

	Locus Total	Locus Externo	Locus Deus	Locus Interno
Locus Total	1			
Locus Externo	0,727 ***	1		
Locus Deus	0,704 ***	0,060	1	
Locus Interno	0,667 ***	0,317 ***	-0,076	1

⁵ Segundo Cohen (1992): $0,10 \leq r \leq 0,30$ = Correlação baixa; $0,30 < r < 0,50$ = Correlação média; $r \geq 0,50$ = Correlação alta. É do nosso conhecimento que existem autores que se utilizam de outros parâmetros, como por exemplo Hair *et al.* (2009), dentre outros. Para futuras publicações, buscaremos ampliar as análises desses dados.

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$ ⁶

Fonte: Elaboração da autora.

B.3.3 Locus de controle nas denominações

A Tabela 23 descreve o LOCC por denominação.

Tabela 23 – Média e desvio padrão dos escores de LOCC

	Total		Externo		Deus		Interno	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Batista	10,86	3,35	1,86	1,84	6,24	1,62	2,76	1,75
Congregacional	12,75	4,78	2,88	2,94	6,94	1,12	2,94	1,84
Luterana	9,76	2,70	1,12	1,34	6,33	1,55	2,30	1,61
Metodista	10,67	1,88	1,80	1,70	5,53	2,10	3,33	1,23
Presbiteriana	10,01	2,70	1,21	1,17	6,45	1,49	2,36	1,59

Nota: Sim = 1, Não = 0; DP = Desvio Padrão.

Fonte: Elaboração da autora.

O teste de distribuição de normalidade dos resíduos indicou violação deste pressuposto (Shapiro Wilk = 0,96, $p < 0,001$). No entanto, a inspeção do QQ-plot dos resíduos indicou apenas ligeiros desvios dos quantis teóricos esperados. A aparente contradição entre os diagnósticos é esperada para amostras grandes, nas quais os testes padronizados tendem a detectar como significativos desvios da normalidade mesmo que pequenos (HOWELL, 2013). Deste modo, considerou-se que foi acatado o pressuposto da normalidade. O teste de Levene demonstrou que os grupos apresentam homogeneidade de variância (Levene(4, 248) = 1,68, $p = 0,16$).

O resultado da ANOVA indicou que os grupos de denominações religiosas apresentaram diferença em relação ao escore total de LOCC ($F(4,248) = 3,78$, $p = 0,005$, $\eta^2_p = 0,06$). O teste *post hoc* com correção de *Holm* demonstrou que foram

⁶ Segundo Cohen (1992): $0,10 \leq r \leq 0,30$ = Correlação baixa; $0,30 < r < 0,50$ = Correlação média; $r \geq 0,50$ = Correlação grande.

encontradas diferenças significativas de LOCC entre cristãos Congregacionais e Luteranos, bem como entre Congregacionais e Presbiterianos.

Também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as denominações cristãs nos escores do fator LOCE ($F(4,248) = 5,73$, $p < 0,001$, $\eta^2_p = 0,08$), o que não foi observado para os fatores LOCD ($F(4,248) = 1,80$, $p = 0,13$, $\eta^2_p = 0,03$) e LOCI ($F(4,248) = 1,98$, $p = 0,10$, $\eta^2_p = 0,03$). O teste *post hoc* com correção de *Holm* demonstrou que foram encontradas diferenças significativas de LOCE entre cristãos Congregacionais e Luteranos, bem como entre Congregacionais e Presbiterianos.

Tabela 24 – Comparações *post hoc* com correção de *Holm* entre as denominações em relação ao LOCC total

Contraste	B	EP B	$t(248)$	p_{holm}	Cohen's d
Batista - Congregacional	-1,89	0,85	-2,21	0,22	-0,64
Batista - Luterana	1,11	0,66	1,66	0,50	0,37
Batista - Metodista	0,20	0,87	0,22	1,00	0,07
Batista - Presbiteriana	0,85	0,49	1,74	0,50	0,29
Congregacional - Luterana	2,99	0,91	3,30	0,01	1,00
Congregacional - Metodista	2,08	1,07	1,95	0,37	0,70
Congregacional - Presbiteriana	2,74	0,79	3,48	0,01	0,92
Luterana - Metodista	-0,91	0,93	-0,98	1,00	-0,31
Luterana - Presbiteriana	-0,26	0,58	-0,45	1,00	-0,09
Metodista - Presbiteriana	0,65	0,81	0,81	1,00	0,22

B = Estimativa de diferenças de médias; EP B = Erro padrão da estimativa

Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 25 – Comparações *post hoc* com correção de *Holm* entre as denominações em relação ao LOCE

Contraste	B	EP B	t(248)	p_{holm}	Cohen's d
Batista - Congregacional	-1,01	0,44	-2,30	0,16	-0,66
Batista - Luterana	0,74	0,34	2,16	0,19	0,48
Batista - Metodista	0,06	0,45	0,14	1,00	0,04
Batista - Presb	0,65	0,25	2,58	0,08	0,43
Congregacional - Luterana	1,75	0,47	3,74	< 0,001	1,14
Congregacional - Metodista	1,08	0,55	1,94	0,26	0,70
Congregacional - Presb	1,66	0,41	4,09	< 0,001	1,08
Luterana - Metodista	-0,68	0,48	-1,42	0,63	-0,44
Luterana - Presb	-0,09	0,30	-0,30	1,00	-0,06
Metodista - Presb	0,59	0,42	1,41	0,63	0,38

Fonte: Elaboração da autora.

Isso significa que, por meio dos testes de ANOVAS, não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos e LOCD e também LOCI. Contudo, identificou-se que existe diferença tanto no LOCD quanto no LOCE entre Congregacionais e Luteranos e Congregacionais e Presbiterianos no Locus de controle externo. Nos testes *post hoc*, além de ter sido identificado em quais grupos estavam essas diferenças, identificou-se um tamanho de efeito grande, conforme índices *Cohen's d* grifados nas tabelas acima⁷.

B.3.4 Perfis de Locus de controle (LOCC) nesta amostra

Para identificar perfis de Locus de Controle (LC) dentre protestantes confessionais que praticam meditação, incluímos os 28 itens da escala LC como indicadores.

⁷ Segundo Cohen (1992): $0,20 \leq d \leq 0,50$ = Tamanho de efeito pequeno; $0,50 < d < 0,80$ = Tamanho de efeito médio; $d \geq 0,8$ = Tamanho de efeito grande.

Os resultados da LCA sugerem a existência de diferentes perfis de Locus de controle em cristãos protestantes praticantes de meditação. Ressalta-se que o escore z tem a média 0 e o desvio padrão 1, ou seja, para aqueles escores perto de 0, identifica-se o fator que está dentro da média. O desvio padrão indica quanto os sujeitos estão fora das médias. Neste caso, se positivo, subentende-se que estão acima da média e, se negativos, abaixo da média.

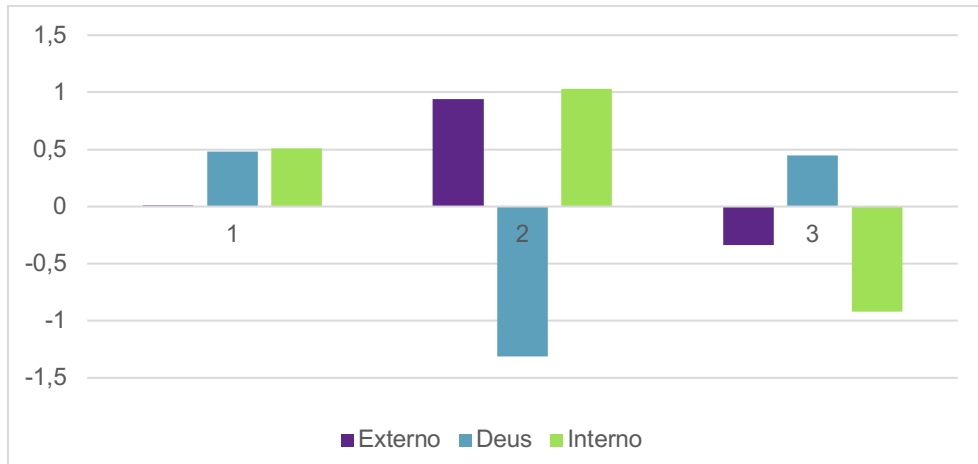
Tabela 26 – Perfis de Locus de controle da amostra

Perfil	Fator	Escore-z médio
1 (<i>n</i> = 112)	Externo Acaso e Poderosos	0,01
	Deus	0,48
	Interno	0,51
2 (<i>n</i> = 37)	Externo Acaso e Poderosos	0,94
	Deus	-1,31
	Interno	1,03
3 (<i>n</i> = 104)	Externo Acaso e Poderosos	-0,34
	Deus	0,45
	Interno	-0,92

Fonte: Elaboração da autora.

No perfil 1 (*n* = 112), apesar do LOCE estar na média (0,01), percebe-se que tanto o fator LOCD quanto o fator LOCI estão acima da média (0,48; 0,51). Importante destacar que, neste perfil, o fator LOCI é superior ao fator LOCD. No perfil 2 (*n* = 37), por sua vez, os fatores LOCE e LOCI é que estão acima da média (0,94; 1,03). Contudo, o fator LOCD (-1,31) está abaixo da média. Por fim, no perfil 3 (*n* = 104), o fator LOCD está acima na média (0,45) e os fatores LOCI e LOCE estão abaixo da média (-0,92; -0,34).

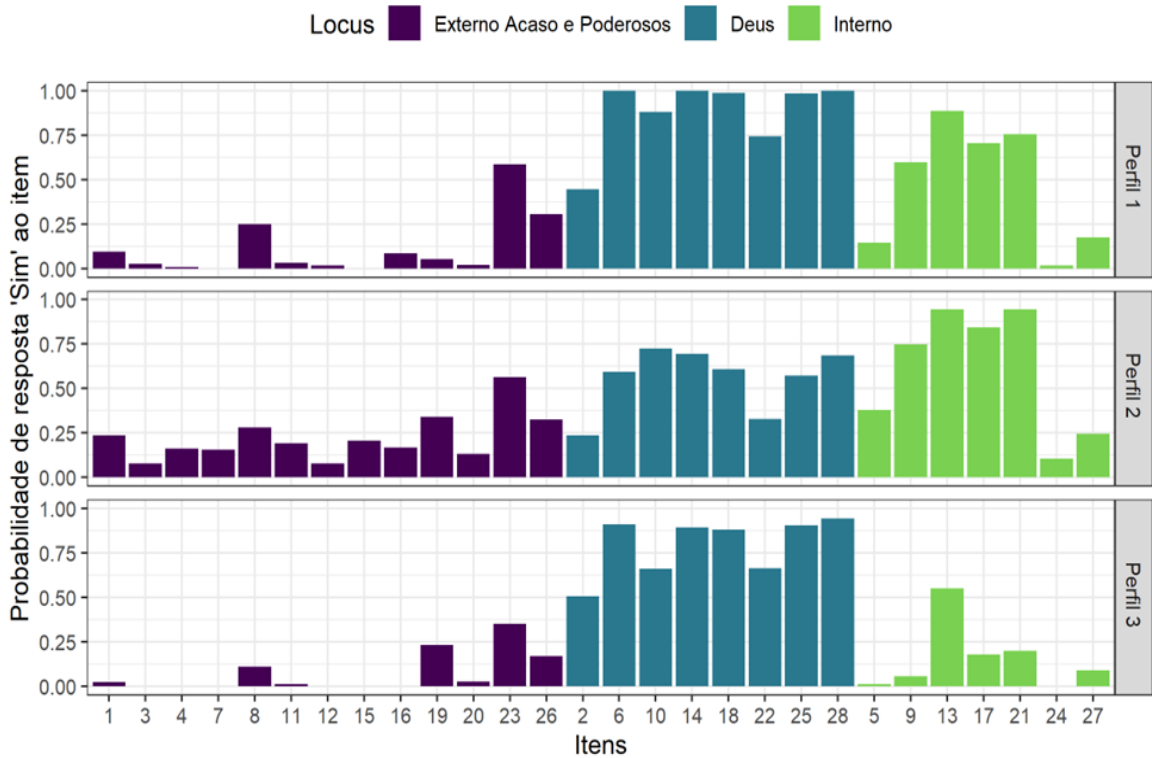
Figura 6 – Escore z médio de cada fator nos três perfis



Fonte: Elaboração da autora.

Na Figura 7, identifica-se a probabilidade de os sujeitos responderem sim ou não em cada item – quanto maior a barra maior a probabilidade de responder sim e menor a probabilidade de responder não.

Figura 7 – Probabilidade dos participantes responderem sim ou não nos itens correspondentes a cada fator



Fonte: Elaboração da autora.

Apesar de a LCA apontar 3 perfis diferentes dentro da amostra, destaca-se que a probabilidade de os participantes responderem sim aos itens relacionados ao fator LOCE ($n = 13$) é baixa. Em contrapartida, a probabilidade de os participantes responderem sim para o fator LOCD foi alta em todos os itens ($n = 8$). Quanto ao fator relacionado ao LOCI, percebe-se uma variação mediana, com destaque ao item 24, que em todos os três perfis apresentou probabilidade de responder não.

PARTE C – Matriz de Inter correlações: com destaque a OR e LOCC

Foi realizado um cruzamento total para verificar as correlações entre as variáveis demográficas, OR e LOCC, e não foram encontradas diferenças significativas entre elas. A Tabela 27 descreve as correlações entre OR e LOCC, de acordo com os valores propostos por Cohen (1992). O critério que utilizado para a interpretação do valor do coeficiente de correlação de Pearson (r) é:

- $0,10 \leq r \leq 0,30$ = Correlação baixa
- $0,30 < r < 0,50$ = Correlação média
- $r \geq 0,50$ = Correlação grande

Tabela 27 – Matriz de correlação entre as Orientação Religiosa e Locus de controle

	OR. Int.	OR. Ext.	Locus Ext.	Locus Deus	Locus Int.	Locus Total
OR. Int.	1					
OR. Ext.	0.015	1				
Locus Ext.	-0.100	0.297***	1			
Locus Deus	0.434***	0.091	0.060	1		
Locus Int.	0.522***	0.226***	0.217***	-0.076	1	
Locus Total	0.302***	0.325***	0.727***	0.704***	0.667***	1

Nota: * $p < 0,05$; *** $p < 0,001$; OR. Int. = Orientação Religiosa Intrínseca; OR. Ext. = Orientação Religiosa Extrínseca; Locus Ext. = Locus Externo; Locus Int. = Locus Interno

Fonte: Elaboração da autora.

De acordo com a Tabela 27, destaca-se as seguintes correlações:

- Locus de controle (LOCC)
 - Tanto o LOCE (0,727) quanto o LOCI (0,667) e o LOCD (0,704) estão correlacionados de maneira significativa ($p < 0,001$) e positivamente com o LOCC total. Dentre estas, destaca-se que existe uma correlação acima da média entre o LOCE e o LOCC total (0,727), o que indica um peso maior do LOCE no LOCC total.

- Orientação Religiosa (ORI/ORE)
 - ORE não se correlaciona com intrínseca ($r = 0,015$; $p < 0,05$).

- Orientação religiosa interna (ORI) e Locus de controle (LOCC)
 - ORI não apresentou correlação significativa com LOCE ($r = - 0,100$; $p < 0,05$).
 - ORI apresentou correlação mediana e significativa com LOCD ($r = 0,434$; $p < 0,001$).
 - ORI apresentou correlação mediana e significativa com LOCI ($r = 0,522$; $p < 0,001$).
 - ORI apresentou correlação mediana e significativa com LOCC total ($r = 0,302$; $p < 0,001$).

- Orientação religiosa extrínseca (ORE) e Locus de controle (LOCC)
 - ORE apresentou baixa correlação significativa com LOCE ($r = 0,297$; $p < 0,001$).
 - ORE não apresentou correlação significativa com LOCD ($r = 0,091$; $p < 0,05$).
 - ORE apresentou baixa correlação significativa com LOCI ($r = 0,226$; $p < 0,001$).
 - ORE apresentou correlação mediana e significativa com LOCC total ($r = 0,325$; $p < 0,001$).

8 DISCUSSÃO

8.1 Discussão sobre Estudo 1: Adaptação da Escala Locus de controle para cristãos (LOCC)

O objetivo do presente estudo foi avaliar as propriedades psicométricas de uma Escala de Locus de controle (LOCC) adaptada para cristãos brasileiros. Esse processo de avaliação foi importante considerando que a aplicação da escala original de LOC proposta por Levenson (1973) e adaptada para o Brasil por Dela Coleta (1987) e Tamayo (1989) não foi adequada para a população de cristãos em um pré-teste.

Com a inserção da dimensão LOCD, as análises de componentes principais indicaram que há validade do instrumento em relação às dimensões propostas por Levenson (1973) e Welton *et al.* (1996). Contudo, algumas diferenciações foram inseridas, as quais descrevemos detalhadamente abaixo. Todos os seus itens foram distribuídos nos fatores LOCE, LOCI e LOCD, com conteúdos próximos ao sentido de cada item.

Ressalta-se que, no estudo original desenvolvido por Welton *et al.* (1996) para inserir o LOCD como uma quarta dimensão, não foram realizadas análises fatoriais exploratórias. Para verificar a confiabilidade dos fatores, Welton *et al.* (1996) analisaram especificamente a consistência interna demonstradas por meio da confiabilidade (α de Cronbach) e a validade entre os fatores. No entanto, neste estudo, com a finalidade de ampliar as análises psicométricas para a adaptação desta escala, além das análises de confiabilidade (α de Cronbach), foram realizadas análises fatoriais exploratórias (AFE).

Quanto aos fatores, apesar de Welton *et al.* (1996) apresentarem o LOCD como uma quarta dimensão, a partir de indicadores psicométricos propostos pela AFE, obtivemos uma indicação de que, para esta população em específico, há uma orientação em manter a escala com apenas três fatores com uma nova distribuição e agrupamento dos itens relacionados ao LOCE.

Desta forma, o LOCE foi agrupado como uma única dimensão, composta por 13 itens. Tal decisão foi pautada nos parâmetros psicométricos sugeridos pela AFE ao sugerir manter-se a escala com três fatores. É notório que este apontamento estatístico é corroborado com o fato que, para cristãos, mencionar um controle externo relacionado tanto ao acaso quanto a pessoas poderosas se trata, de igual forma, de

uma dimensão única externa que acaba sendo atravessada pela dimensão transcendental.

Desta forma, um dos objetivos deste estudo é atingido, uma vez que a intenção de acrescentar a dimensão LOCD é contemplada por meio da inserção deste novo fator na escala. Nota-se que, com o acréscimo da nova dimensão denominada LOCD, ganha-se em termos de conteúdo, considerando a população alvo do estudo, assim como apontam Welton *et al.* (1996). Na nova versão que apresentamos, além desses novos redirecionamentos dos itens e fatores (LOCE unificado, LOCI e LOCD), uma nova instrução de respostas foi igualmente modificada para um formato dicotômico.

Na análise de confiabilidade, observou-se que, nesta proposta com as três dimensões, a maioria das escalas obtiveram índices adequados, sendo o LOCD o maior ($\alpha = 0,760$) e o LOCE o menor ($\alpha = 0,660$). Apesar de os estudos originais (DELA COLETA, 1987; TAMAYO, 1989) apresentarem um índice de confiabilidade da escala LOC total superior ($\alpha = 0,727$) ao encontrado na escala adaptada para cristãos LOCC ($\alpha = 0,627$), destaca-se que, com o acréscimo da dimensão LOCD, nas sub escalas atuais, os índices estão superiores (LOCE $\alpha = 0,660$; LOCI $\alpha = 0,690$ e LOCD $\alpha = 0,760$).

De maneira geral, a literatura afirma que a dimensão LOCE possui uma natureza multidimensional. De acordo com Levenson (1973), para alguns indivíduos o LOCE está vinculado a crenças de que o mundo é desordenado e, portanto, ligado ao acaso. Por outro lado, para outros indivíduos, o LOCE se relaciona com a crença de que o mundo é ordenado por pessoas poderosas.

Por meio da adaptação de uma escala de Locus de controle para uma população cristã (LOCC), que geralmente privilegia a vontade divina e não acredita muito na sorte/azar ou em pessoas poderosas, o presente estudo cumpre o seu objetivo, ao destacar o quanto tal constructo, para alguns indivíduos, pode também ser influenciado por algumas crenças religiosas e espirituais. Tal afirmação pode ser corroborada a partir do estudo realizado por Boyd e Wilcox (2020) com 838 estudantes universitários, ao concluir que, para muitas pessoas, a influência de acreditar em um poder superior pode provocar efeitos poderosos.

Desta forma, as pesquisas sobre LOC, de maneira geral, devem impreterivelmente considerar os muitos processos psicológicos subjacentes aos comportamentos, uma vez que diz respeito a uma teoria que explica até que ponto os indivíduos acreditam que podem controlar os eventos da vida (Al *et al.*, 2005).

Apesar de existir alguns autores que interpretam o LOCD como sendo uma fonte externa (GABBARD; HOWARD; TAGESON, 1986) e outros que não concordam com tal afirmação (FURNHAM, 1982; JACKSON; COURSEY, 1988; PARGAMENT *et al.*, 1982), por meio da adaptação desta escala de LOCC para cristãos, constata-se que o LOCD pode não ser algo totalmente interno ou totalmente externo. Neste sentido, constata-se que a crença em Deus pode realmente ser uma nova dimensão, como sugerido por Welton *et al.* (1996).

8.2 Discussão sobre Estudo 2: Meditação, Orientação religiosa (OR) e Locus de controle (LOC)

8.2.1 Meditação

Dentre os 394 participantes deste estudo, 64,21% ($n = 253$) praticam a meditação. O critério utilizado para delimitar quem são os praticantes foi a resposta ter sido positiva para duas perguntas cruciais. A primeira pergunta foi abrangente e diretiva: *“Você pratica a meditação, oração meditativa, oração contemplativa nas suas práticas religiosas/espirituais?”* A segunda foi pautada nos pontos cardeais apontados por Oman (2021) a respeito do que consiste a meditação: *“Nas suas práticas religiosas/espirituais existe algum momento que envolve sentar-se em quietude (com pouco ou nenhum movimento) e que você dedica um tempo intencional e regular para um treino da atenção, concentração que pode ser sozinho ou com outras pessoas?”*.

Tabela 28 – Distribuição da amostra quanto à prática da meditação

	G1 ($n = 253$)	G2 ($n = 80$)	G3 ($n = 51$)	G4 ($n = 10$)
Você pratica meditação [...]?	Sim	Sim	Não	Não
Nas suas práticas existe algum tempo dedicado a quietude, treino atenção individual ou grupo?	Sim	Não	Não	Sim

Fonte: Elaboração da autora.

É interessante observar que dentre todos os respondentes, a maioria (G1) respondeu Sim-Sim ($n = 253$; 64,21%. Contudo, 20,30% da amostra ($n = 80$)

responderam Sim-Não (G2), e 12,94% ($n = 51$) responderam prontamente Não-Não (G3) nas respectivas perguntas. Apesar de ter sido uma minoria ($n = 10$; 2,54%), é importante destacar o grupo dos que responderam Não-Sim (G4).

A partir destes dados descritivos, é possível identificar alguns pontos importantes no que diz respeito à prática da meditação entre cristãos. Primeiramente, ao contrário do que erroneamente se pensa, a prática da meditação não está vinculada a um único sistema religioso. Pelo contrário, conforme afirmam Farias, Brazier e Lalljee (2021), a meditação é uma prática que pode estar ou não ligada a algum sistema religioso. Além disso, enquanto prática religiosa, ela não é propriedade exclusiva de uma única tradição religiosa.

Outro ponto a ser destacado, é que, apesar de ter sido uma minoria (G4, $n = 10$), existem alguns participantes para os quais possivelmente a palavra meditação em si já pode despertar um certo estranhamento. Desta forma, sentiram-se confortáveis em responder *“não pratico meditação ... mas nas minhas práticas eu tenho um tempo que eu dedico para quietude, treino da atenção e concentração”*.

Por fim, a Tabela 28 acima demonstra o quão fundamental foi a inserção de uma pergunta aberta com o acréscimo de outra pergunta delimitadora contendo critérios elencados por Oman (2021) a respeito do que consiste a prática da meditação. A respeito destes critérios, vale a pena ainda mencionar que eles podem ser vistos como um formato resumido da definição operacional proposta por Cardoso (2019), que estabelece cinco critérios universalmente aceitos (CARDOSO *et al.*, 2004) para uma prática ser considerada meditação:

- Ter uma técnica específica e claramente definida;
- Relaxamento muscular em algum ponto do processo;
- “Relaxamento da lógica”;
- Ser um estado autoinduzido;
- Possuir uma ancora.

Alguns desses critérios sugeridos por Cardoso *et al.* (2004) são identificados na pergunta delimitadora: *“Nas suas práticas religiosas/espirituais existe algum momento que envolve sentar-se em quietude, com pouco ou nenhum movimento (**relaxamento muscular**) e que você dedica (**estado autoinduzido**) um tempo*

intencional e regular para um treino da atenção, concentração (relaxamento da lógica) que pode ser sozinho ou com outras pessoas?”.

Nos demais dados obtidos, podem ser encontrados os outros dois critérios sugeridos por Cardoso *et al.* (2004). Apesar de não ter sido objeto de estudo aprofundado, a **técnica específica** pode ser identificada quanto aos tipos de meditação mencionados. Já a presença da **âncora** é possível ser identificada com a presença de foco e tipos de focos utilizados pelos praticantes.

Outra questão interessante apontada pela literatura e que foi identificada nos resultados é a sobreposição, neste contexto cristão, da prática da meditação com a prática de alguns tipos de oração, especialmente as orações contemplativas⁸. Ou seja, entre os cristãos, alguns tipos de oração são equivalentes à prática da meditação. Farias, Brazier e Lalljee (2021) afirmam o quão importante é reconhecer que o significado original e os limites da meditação são confusos. Portanto, em alguns contextos religiosos, a meditação é uma prática espiritual com sobreposição a outras, como por exemplo a oração ou canto, especialmente quando envolve a concentração na repetição de sílabas, nomes religiosos ou trechos de escritos sagrados.

Um termo comumente utilizado neste contexto é “contemplação”, que por sua vez tem sido utilizado na tradição cristã de uma forma que se assemelha mais ao que atualmente se denomina meditação. Desta forma, alguns tipos de oração, como por exemplo a oração contemplativa (FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021; FOSTER, 1996; 1997; LADD; SPILKA, 2006; NELSON, 2009), podem ser consideradas equivalentes à prática de meditação.

No que diz respeito aos dez tipos de meditação identificados, foram encontrados praticantes dos quatro principais tipos de meditação no cristianismo (FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021; FERGUSON, WILLEMSSEN; CASTAÑETO 2010; LEVENSON; ALDWIN, 2014; MAIN, 1987; 2007; NELSON, 2009): *Lectio divina* ($n = 63$), oração Hesicasta ou oração do coração ($n = 63$), oração Centrante ($n = 7$) e meditação cristã ($n = 31$). Contudo, destaca-se que a maioria dos participantes do estudo denominam a sua prática meditativa como oração contemplativa/meditativa ($n = 75$; 24,67%). Por fim, identifica-se um grupo considerável ($n = 44$; 14,47%) de pessoas que não souberam denominar a sua prática.

⁸ A oração contemplativa foi descrita como uma prática de silêncio profundo e abertura especial a Deus, diferenciada da oração vocal (FARIAS; BRAZIER; LALLJEE, 2021, pp. 4-5).

Quanto aos objetivos que se pretende alcançar com a prática da meditação, nesta amostra observa-se que a prática transcende questões de cunho terapêutico. Ou seja, apesar de a meditação ser muito praticada independentemente de questões religiosas ou espirituais para fins terapêuticos, nesta amostra apenas 1,19% possuem práticas meditativas denominadas laicas com fins terapêuticos.

Seldmeier *et al.* (2012) afirmam haver duas respostas básicas ao porquê de as pessoas meditarem. Em primeiro lugar, porque desejam superar problemas psicológicos ou emocionais, e neste sentido a meditação aparece como um meio de autorregulação. Em segundo lugar, as pessoas meditam para alcançar uma melhor compreensão da vida, ampliar sua consciência e ganhar sabedoria, ou seja, como um meio para transformações – positivas – na consciência.

Com base nisso, destaca-se que neste estudo a meditação apareceu como uma prática devocional de cunho espiritual, como aponta Laird (2021) ao examinar as principais características de algumas práticas cristãs de contemplação com raízes no cristianismo primitivo e especialmente desenvolvidas durante os séculos IV e XIV. Trata-se de práticas que procuram treinar a mente, cultivando habilidades interiores de consciência, postura e respiração, além de quietude física e interior, e que permanecem de importância central até hoje.

Quanto à prática da meditação entre cristãos protestantes confessionais, não foram identificadas diferenças significativas nas cinco denominações estudadas. Apesar de Freston (1993) pontuar que o mundo protestante contém uma imensa diversidade organizacional, teológica, litúrgica e até mesmo política, é necessário ressaltar que a amostra pesquisada neste estudo está inserida em um subgrupo dentro do protestantismo geral. Como Ferreira (2008) bem define, o protestantismo confessional é:

[...] um conjunto de denominações (presbiterianas, congregacionais, luteranas, batistas, metodistas) guiadas teologicamente pelos princípios originados na Reforma do século XVI e dinamizadas em sua atividade evangelizadora pelas ênfases avivalistas do pietismo e do metodismo. (FERREIRA, 2008, p. 79).

Portanto, trata-se de um grupo de denominações com muitos pontos de convergências, que “professam uma fé e uma consciência individual, que tem inspiração na interpretação direta e pessoal da Bíblia e que pautam as suas ações na ética racional do trabalho” (TORRES, 2016, p. 25).

Por fim, quanto à presença e ao tipo de foco na meditação, os dados apontaram que a grande maioria ($n = 231$; 91,3%) dos praticantes possuem um foco durante a meditação. Este dado corrobora com os critérios elencados por Cardoso *et al.* (2004), ao identificar que a existência da âncora é algo imprescindível na prática da meditação. Segundo os autores, a âncora é um artifício de auto focalização presente em todas as técnicas de meditação, que “permite que a mente focalize em um ponto, na tentativa de diminuir sua produção frenética de conteúdos” (CARDOSO *et al.*, 2004, p. 62).

Dentre os vários tipos de foco utilizados, percebe-se uma supremacia em textos sagrados da Bíblia ($n = 188$; 44,76%), livros de oração e guias devocionais ($n = 86$; 20,48%). Neste sentido, 65,24% dos tipos de foco utilizados durante a meditação estão relacionados a textos que são sagrados para essa população. Não se trata de uma leitura racional, com a utilização exclusiva do pensamento lógico, como proposta pela teologia escolástica. Como bem assinala Hernandez (2015, p. 16), que propõe o uso dos textos sagrados para uma leitura meditativa da Bíblia, este tipo de prática pressupõe “desconstruções, desmontagens de interpretações intelectualizadas, e por isso, não consiste em uma experiência racional, mas sim relacional”.

Laird (2021) menciona o quanto os textos da Bíblia desempenharam um papel significativo nas principais práticas de contemplação cristã, desde o cristianismo primitivo até os dos séculos IV ao XIV. Essas práticas são identificadas em *Evagrius Ponticus*, na tradição da Oração Hesicasta, em João Cassiano, Guigo II em *Lectio divina*, e o autor anônimo inglês do livro *A Nuvem do não saber*, livro base da Oração Centrante. Segundo Laird (2021):

[...] isso ficou evidente não apenas no uso contínuo (a frase de oração ou palavra de oração) que é extraída ou adaptada das Escrituras, mas também na prática contemplativa da *lectio divina* [...] enquanto foco para a prática meditativa, os textos sagrados devem ser lidos lentamente, com a finalidade de absorver uma mera palavra, frases ou apenas algumas frases. (LAIRD, 2021, p. 160).

Além da utilização de textos, destaca-se o foco na respiração ($n = 68$; 16,19%) e a repetição de uma frase, palavra ou oração curta ($n = 44$; 10,48%). Apesar da resistência à palavra mantra neste contexto cristão, observa-se a incorporação desta prática novamente sobreposta à prática da oração.

Com base nesses resultados apresentados, e inspirada pela definição operacional de meditação proposta por Cardoso *et al.* (2004), está sendo proposta uma definição operacional sobre meditação cristã. A ideia é incluir tanto os aspectos subjetivos assim como os componentes práticos que caracterizam a prática meditativa. Sendo assim, definimos que: A meditação cristã é um prática devocional, com raízes nas tradições contemplativas cristãs, interligada à prática da oração contemplativa em que os objetivos principais transcendem aos objetivos terapêuticos. Apesar dos vários tipos, existe algo incomum: envolver um tempo de quietude física, interior, e que poderá fazer uso de algum foco durante a prática.

8.2.2 Orientação Religiosa (OR)

Nesta amostra estudada, observa-se que os participantes mostraram maiores escores na ORI (M = 37,23; DP 3,19) do que na ORE (M = 17,29; DP 4,94), a partir da média e desvios padrão. Autores previamente apontaram que a ORI tem por base uma orientação pessoal direcionada para uma unificação do ser e para transcender necessidades autocentradas (ALLPORT, 1967; KAHOE, 1985; LOTUFO NETO, 1997; VALLE, 2008). Neste sentido, existe concordância com os resultados que apontaram que a grande maioria dos participantes praticam a meditação com objetivos religiosos e/ou espirituais que transcendem finalidades terapêuticas.

As duas orientações religiosas, ORI e ORE, não obtiveram correlação ($r = 0,015$; $p < 0,05$). Este dado corrobora com a teoria proposta por Allport (1950; 1967), que apresenta as duas dimensões como antagônicas. Paiva (2022) muito bem pontua que, antes de Allport denominá-las como intrínseca e extrínseca, ele as mencionava enquanto orientação madura e imatura correlacionadas com “os conceitos de religião-fim e religião-meio” (PAIVA, 2022, p. 58). Desta forma, a prática da meditação enquanto prática religiosa e/ou espiritual como demonstrada nestes participantes poderia ser inserida dentre os comportamentos religiosos denominados por Allport como “funcionalmente autônomos” e que, por sua vez, poderiam ser considerados automotivados (PAIVA, 2022, p. 59).

Por meio das análises ANOVAS, uma diferença significativa foi encontrada especificamente na ORE. Nos testes *post hoc* realizados entre as cinco denominações, surgiu uma aparente contradição: as análises iniciais ANOVAS apontaram para a existência de diferença entre um dos grupos, mas, quando no *post*

hoc procurou-se identificar onde estava esta diferença, ela não foi encontrada. Provavelmente isso ocorreu pelo fato de o tamanho do efeito não ser grande e, portanto, para ser encontrado, seria necessária uma amostra maior. Não foram encontrados estudos anteriores sobre $r = \text{ORE}$ nesses grupos específicos, de forma que futuros estudos poderão ser realizados nesta direção.

8.2.3 Locus de controle entre cristãos (LOCC)

Na amostra como um todo, observa-se que a média do LOCE foi baixa e que a de LOCD foi alta. Apesar de a LCA apontar três perfis diferentes dentro da amostra, ressalta-se que houve variações em cada um dos perfis relacionados aos três fatores (LOCE, LOCI e LOCD) e que merecem ser detalhadamente descritas.

Primeiramente, no perfil 1, com o maior número de participantes ($n = 112$), os fatores LOCD e LOCI estão acima da média ($M = 0,48$ e $M = 0,51$). Contudo, nota-se que, apesar de pouca diferença, o fator LOCI está acima do fator LOCD. Ou seja, esses indivíduos atribuem o controle sobre eventos da sua vida tanto aos seus próprios comportamentos quanto a Deus. Isso corrobora com estudo desenvolvido por Pargament *et al.* (1982), que propõem que o LOC ideal seria uma combinação de LOCI e LOCD, uma vez que muitos ensinamentos religiosos enfatizam tanto a soberania divina quanto a responsabilidade humana.

Já no perfil 3 ($n = 104$), o fator LOCD ($M = 0,45$) está acima da média, enquanto os fatores LOCI ($M = -0,92$) e LOCE ($M = -0,34$) estão abaixo da média. Para esse grupo de sujeitos, conforme apontado pela literatura (WELTON *et al.*, 1996), a influência das crenças espirituais impacta diretamente o controle atribuído a Deus pelas situações da vida. Neste sentido, podemos inferir que, especialmente para esse grupo, não faria sentido a aplicação de uma escala de LOC sem a presença da dimensão LOCD.

Apesar de uma minoria, é importante também ser destacado o perfil 2 ($n = 37$), no qual o fator LOCD esteve abaixo da média ($M = -1,31$) e os fatores LOCI e LOCE estiveram acima da média ($M = 1,03$; $M = 0,94$). Tudo indica que, para estes sujeitos, a crença do controle de Deus não é necessariamente uma dimensão fundamental. Estudos futuros podem ser aprofundados com esse perfil, inclusive com o objetivo de verificar níveis de religiosidade e espiritualidade.

A despeito dos perfis elencados, de uma forma resumida, constata-se que 85,38% (G1 + G3; $n = 216$) dos participantes apresentaram um perfil no qual o fator LOCD está dentro ou acima da média, o que corrobora com o estudo conduzido por Welton *et al.* (1996), que afirmam que, para indivíduos religiosos em particular, o controle é frequentemente atribuído a Deus.

Além disso, destaca-se que a probabilidade de os participantes responderem “sim” aos itens relacionados ao fator LOCE é baixa, e o inverso acontece com os itens LOCD. Ou seja, a probabilidade dos participantes responderem sim para o fator LOCD foi alta em todos os itens ($n = 8$). Já no fator LOCI, percebeu-se uma variação mediana nas respostas aos itens.

No que diz respeito à correlação entre os fatores da escala, observa-se que não houve correlação significativa entre LOCE e LOCD ($r = 0,06$; $p < 0,05$), assim como entre LOCI e LOCD ($r = - 0,076$; $p < 0,05$). Tudo indica que o fator LOCD é uma sub escala mais independente e não se correlaciona com as demais. Tal resultado corrobora com estudos propostos por Welton *et al.* (1996) ao propor o LOCD como uma nova dimensão, distinta das demais.

Sobre as correlações de LOCC nas cinco denominações estudadas, após realização de ANOVAs e testes *post hoc* de correção, identificou-se diferenças significativas quanto ao LOCC total e ao LOCE nos grupos Congregacionais-luteranos e Congregacionais-presbiterianos. Nas duas diferenças encontradas acima destaca-se um efeito grande, e por isso futuros estudos especificamente com cristãos protestantes congregacionais poderão ser realizados a fim de entender melhor essas diferenças. Quanto aos LOCI e LOCD, não foram encontradas diferenças estaticamente significativas entre os grupos.

8.2.4 Orientação Religiosa (OR) e Locus de controle (LOC e LOCC)

Os estudos que investigam a relação entre o LOC de maneira geral e a OR têm produzido resultados intrigantes, mas inconsistentes (COURSEY *et al.*, 2013). Enquanto algumas pesquisas encontraram correlações positivas entre ORI e LOCI (JACKSON; COURSEY, 1988; KAHOE, 1974; WIGERT, 2001), outros encontraram correlações positivas entre ORI e LOCE (WILEY, 2006; ZAHL; GIBSON, 2008). Outros ainda não encontram correlação significativa entre OR e LOC (LOWIS *et al.*, 2009;

WONG-MCDONALD; GORSUCH, 2004). Devido a esses resultados divergentes, o *status* da relação entre os dois construtos permanece inconclusivo.

Neste estudo em específico, quando analisados os constructos LOCC e OR separadamente, em primeiro lugar percebe-se, como já apontado, que não existe correlação significativa entre a ORE e ORI. Diferentemente no LOCC, identifica-se que todos os fatores (LOCE, LOCI e LOCD) correlacionaram positivamente com o LOCC total.

Quanto ao LOCC total e à OR, identifica-se uma correlação estatisticamente significativa e mediana tanto com a ORI (0.302; $p < 0,001$) quanto com a ORE (0.325; $p < 0,001$). A religião é uma força motivadora central por trás de grande parte da população, mas a maneira pela qual a religião influencia de fato as crenças e cognições muitas vezes ainda não é clara. Desta forma, uma religiosidade tanto intrínseca quanto extrínseca pode até impactar a forma como os sujeitos atribuem o controle da sua vida a questões internas ou externas. Mas, de acordo com esses dados não é possível quantificar este impacto – o qual poderia ter sido analisado a partir do tamanho do efeito, desde que a correlação tivesse sido mais forte.

Um dado interessante que deve ainda ser abordado diz respeito à correlação tanto entre ORI e LOCI (0,522; $p < 0,001$) quanto ORI e LOCD (0,434; $p < 0,001$). Segundo Allport e Ross (1967) para os indivíduos intrinsecamente orientados, o papel da religião engloba e domina todos os outros aspectos da vida, na qual a fé é parte integrante de seu senso de identidade e suas vidas são um reflexo de seus valores e crenças religiosas. Neste sentido, o controle de suas vidas independe, em certo sentido, de elementos institucionais e/ou questões exteriores.

Uma perspectiva secular comum – e muitas vezes errônea – sobre a religião pressupõe que acreditar que Deus é um agente ativo na vida de alguém e que requer renunciar a um senso de controle pessoal ou interno. Por meio desses resultados, percebe-se que o tipo de religiosidade, e não a religiosidade por si só, é que pode ser determinante, uma vez que o LOCI, e não apenas LOCD, apareceu correlacionado à ORI.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese atingiu os seus objetivos e foi pioneira em dois sentidos. Em primeiro lugar, ao inserir a dimensão LOCD para essa população de brasileiros cristãos, a tese validou um novo instrumento relacionado ao constructo LOCC na psicometria. Mencionar que este instrumento está validado, porém, não é sinônimo de que não possa e deva ser aprimorado. Contudo, de acordo com alguns autores, a validade de um teste atesta que este mede o que se propõe a medir (OLIVEIRA NUNES *et al.*, 2010; PRIMI, 2010; URBINA, 2007).

Neste sentido, podemos afirmar que por meio da escala LOCC, esse constructo tão importante para a Psicologia pode ser utilizado de maneira apropriada entre a população cristã. Ressaltamos que se trata de uma contribuição importante para o contexto brasileiro, uma vez que, apesar de existir vários apontamentos levantados com o censo demográfico de 2010, o Brasil ainda possui uma maioria de cristãos incluindo católicos e evangélicos (IBGE, 2010).

Em segundo lugar, a tese inova ao mapear a prática da meditação entre cristãos protestantes no Brasil, e ao esclarecer o equívoco em associar a prática da meditação exclusivamente a promoção de saúde ou a um determinado sistema religioso. Conforme elencamos, são muitas as pesquisas sobre os efeitos da meditação (OMAN, 2021), mas pouco ainda se sabe sobre a prática da meditação enquanto prática espiritual interligada ao cristianismo.

No entanto, a partir dos referenciais bibliográficos e dos dados levantados, identificamos que a prática da meditação cristã pode estar inserida no cotidiano de muitos cristãos, até mesmo entre aqueles que não conseguem denominá-las enquanto tal. Isso corrobora com a afirmação de que cristãos podem sim meditar e que tanto os ensinamentos cristãos orientais quanto ocidentais enfatizaram o uso da meditação como um caminho que proporciona uma conexão – aqui, neste caso, uma conexão consigo e com Deus.

De forma geral, o conjunto de estudos da tese contribui tanto para o avanço no campo dos estudos do LOCC quanto da prática da meditação e, especialmente, contribui com a avaliação da relação desta prática com o cristianismo, OR e LOCC integrada aos cristãos protestantes.

Esse trabalho foi desenvolvido a partir do interesse de ampliar os estudos sobre meditação para além das situações clínicas – relacionadas tanto a promoção de saúde

física quanto mental – e para além de um único sistema religioso. Pesquisar meditação exige uma disposição ao diálogo, aos pontos de convergências, divergências sem privilegiar nenhum aspecto unilateral.

Embora os resultados apresentados contribuam para o conhecimento do tema estudado, é importante apontar algumas limitações do trabalho. Primeiramente, apontamos que o estudo foi realizado dentro de um grupo de certa forma homogêneo, ligado apenas ao protestantismo confessional. Além disso, outro ponto de limitação deste estudo diz respeito à não homogeneidade entre as cinco denominações estudadas.

Quanto à OR, o estudo teve como base apenas as ORI e ORE, orientações estas inicialmente propostas por Allport (1967), sem levar em consideração uma terceira forma de OR, denominada *quest*, como proposta por Batson, Schoenrade e Ventis (1993). Quanto ao LOCC, a pesquisa apenas identificou os perfis relacionados a cada um dos fatores, mas um aspecto ainda a ser descoberto diz respeito a como Deus é percebido como fonte de controle, como proposto por Boyd e Wilcox (2020).

O estudo sobre a meditação poderia ser realizado com outros grupos cristãos, incluindo católicos, pentecostais e até mesmo aqueles que se autodenominam cristãos espirituais, mas não religiosos. E, por fim, uma limitação do estudo foi ter abordado esses temas apenas quantitativamente; o trabalho teria alcançado outros dados com o acréscimo de uma etapa qualitativa que não pôde ser contemplada neste estudo.

Concluimos que, quanto à dimensão LOCD, ela impreterivelmente deve ser incluída ao avaliar o constructo LOC em populações cristãs. A respeito da meditação, constatamos que esta é uma prática existente também entre os cristãos protestantes confessionais brasileiros, interligada a alguns tipos de orações especialmente as orações meditativas e/ou contemplativas.

REFERÊNCIAS

- Al, A. L. *et al.* Faith factors and internal health locus of control in patients prior to open-heart surgery. **Journal of Health Psychology**, v. 10, n. 5, pp. 669-676, 2005.
- ALBUQUERQUE, F. J. B. *et al.* Locus de controle e bem-estar subjetivo em estudantes universitários da Paraíba. **Psicologia para América Latina**, n. 13, 2008.
- ALIN, A. Multicollinearity. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Computational Statistics**, v. 2, n. 3, pp. 370-374, 2010.
- ALLPORT, G. W. **Desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: Herder, 1962.
- ALLPORT, G.W. **The individual and his religion**. New York: Mac Millan. 1950.
- ALLPORT, G. W.; ROSS, J. M. Personal religious orientation and prejudice. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 5, n. 4, pp. 432-443, 1967.
- ANDRESEN, J. Meditation meets behavioural medicine. The story of experimental research on meditation. **Journal of Consciousness Studies**, v. 7, n. 11-12, pp. 17-74, 2000.
- ANÔNIMO DO SÉCULO XIX. **Relatos de um Peregrino Russo**. Tradução: Karin Andrea da Guise. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 3, n. 2, pp. 273-294, 1998.
- ARONSON, E.; WILSON, T. D.; AKERT, R.M. **Psicologia Social**. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.
- ASPAROUHOV, T.; MUTHÉN, B. Simple second order chi-square correction. **Mplus Technical Appendix**, p. 1-8, 2010.
- BATSON, C. D.; SCHOENRADE, P.; VENTIS, W. L. **Religion and the individual: A social-psychological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- BENSON, H. **Timeless healing**. New York: Scribner, 1996.
- BORMANN, J. E. Frequent, silent mantram repetition: A Jacuzzi for the mind. **Advanced Emergency Nursing Journal**, v. 27, n. 2, pp. 163-166, 2005.
- BORMANN, J. E. Mantram repetition: A "portable contemplative practice" for modern times. *In*: PLANTE, T. G. (Ed.). **Contemplative practices in action: spirituality, meditation, and health**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.
- BORMANN, J. E.; CARRICO, A. W. Increases in positive reappraisal coping during a group-based mantram intervention mediate sustained reductions in anger in HIV-positive persons. **International Journal of Behavioral Medicine**, v. 16, n. 1, pp. 74-80, 2009.

- BORMANN, J. E. *et al.* Quality Toolbox: Self-Monitoring of a Stress Reduction Technique Using Wrist-Worn Counters. **Journal for Healthcare Quality**, v. 29, n. 1, pp. 45-52, 2007.
- BORMANN, J. E. *et al.* Relationship of frequent mantram repetition to emotional and spiritual well-being in healthcare workers. **The Journal of Continuing Education in Nursing**, v. 37, n. 5, pp. 218-224, 2006.
- BORMANN, J. E.; OMAN, D. Mantram or holy name repetition: Health benefits from a portable spiritual practice. *In*: PLANTE, T. G.; THORESEN, C. E. (Eds.). **Spirit, science, and health: How the spiritual mind fuels physical wellness**. Westport: Praeger Greenwood, 2007.
- BORSA, J. C.; DAMÁSIO, B. F.; BANDEIRA, D. R. Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 22, n. 53, pp. 423-432, 2012.
- BOYD, J. M.; WILCOX, S. Examining the relationship between health locus of control and God Locus of Health Control: Is God an internal or external source?. **Journal of Health Psychology**, v. 25, n. 7, p. 931-940, 2020.
- BROWN, T. A. **Confirmatory factor analysis for applied research**. New York: Guilford Publications, 2015.
- CARDOSO, R. *et al.* Meditation in health: an operational definition. **Brain Research Protocols**, v. 14, n. 1, pp. 58-60, 2004.
- CARDOSO, R. **Medicina e meditação: um médico ensina a meditar**. 8 ed. São Paulo: MG Editores, 2019.
- CELEUX, G., SOROMENHO, G. **An entropy criterion for assessing the number of clusters in a mixture model**. *Journal of Classification*, 13(2), 195-212, 1996.
- CHRISTIE, D. E. C. Contemplative Thought and Practice in the Contemporary World. *In*: FARIAS, M.; BRAZIER, D.; LALLJEE, M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Meditation**. Oxford: Oxford University Press, 2021.
- COHEN, J. Statistical Power Analysis. **Current Directions in Psychological Science**, v. 1, n. 3, pp. 98-101, 1992.
- COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 7, n. 1, 2018.
- COURSEY, L. E., KENWORTHY, J. B.; JONES, J. R. A meta-analysis of the relationship between intrinsic religiosity and locus of control. **Archive for the Psychology of Religion**, v. 35, n. 3, pp. 347-368, 2013.

COZBY, P. C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

DELA COLETA, M. F. Escala multidimensional de locus de controle de Levenson. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 39, n. 2, pp. 79-97, 1987.

DIAS, E. N.; PAIS-RIBEIRO, J. L. O modelo de coping de Folkman e Lazarus: aspectos históricos e conceituais. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 2, pp. 55-66, 2019.

DONAHUE, M. J. Intrinsic and Extrinsic Religiousness: The empirical research. **Journal for the Scientific study of Religion**, v. 24, n. 4, pp. 418-423, 1985a.

DONAHUE, M. J. Intrinsic and extrinsic religiousness: review and meta-analysis. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 48, n. 2, p. 400-419, 1985b.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FAGUNDES, A. S. **A meditação transcendental de Maharishi Mahesh Yogi (1918-2008)**: um caminho de realização espiritual. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

FARIAS, M.; BRAZIER, D.; LALLJEE, M. Introduction: Understanding and Studying Meditation. *In*: FARIAS, M.; BRAZIER, D.; LALLJEE, M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Meditation**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

FERGUSON, J. K. Centering Prayer: A Method of Christian Meditation for Our Time. *In*: PLANTE, T. G. (Ed.). **Contemplative Practices in Action: Spirituality, meditation, and health**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.

FERGUSON, J. K.; WILLEMSSEN, E. W.; CASTAÑETO, M. V. Centering prayer as a healing response to everyday stress: A psychological and spiritual process. **Pastoral Psychology**, v. 59, n. 3, pp. 305-329, 2010.

FERRANDO PIERA, P. J.; LORENZO-SEVA, U. Program FACTOR at 10: Origins, development and future directions. **Psicothema**, v. 29, n. 2, pp. 236-240, 2017.

FERREIRA, V. A. **Protestantismo e modernidade no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FINKELSTEIN-FOX, L.; PARK, C. L. Control-coping goodness-of-fit and chronic illness: a systematic review of the literature. **Health Psychology Review**, v. 13, n. 2, pp. 137-162, 2019.

FINLEY, J. **Christian meditation: Experiencing the Presence of God**. San Francisco: HarperSanFrancisco, 2004.

- FINNEY, J. R.; MALONY, H. N. Contemplative prayer and its use in psychotherapy: A theoretical model. **Journal of Psychology and Theology**, v. 13, n. 3, pp. 172-181, 1985a.
- FINNEY, J. R.; MALONY, H. N. Empirical studies of Christian prayer: A review of the literature. **Journal of Psychology and Theology**, v. 13, n. 2, pp. 104-115, 1985b.
- FLINDERS, T.; OMAN, D.; FLINDERS, C. L. Meditation as empowerment for healing. In: ELLENS, J. H. **The Healing Power of Spirituality: How Faith Helps Humans Thrive**. Vol. 1. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2009.
- FLOYD, F. J.; WIDAMAN, K. F. Factor analysis in the development and refinement of clinical assessment instruments. **Psychological Assessment**, v. 7, n. 3, 1995.
- FOSTER, R. **Celebração da disciplina**. 7 ed. Editora Vida, 1997.
- FOSTER, R. **Oração: refúgio da alma**. Campinas: Editora Cristã Unida, 1996.
- FOX, J. *et al.* A phenomenological investigation of centering prayer using conventional content analysis. **Pastoral Psychology**, v. 64, n. 6, pp. 803-825, 2015.
- FOX, K. C. *et al.* Functional neuroanatomy of meditation: A review and meta-analysis of 78 functional neuroimaging investigations. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 65, pp. 208-228, 2016.
- FREEMAN, D. L. **Prática Diária da Meditação Cristã**. São Paulo: Paulus, 1997.
- FRESTON, P. **Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. Tese (Doutorado em Sociologia) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- FURNHAM, Adrian F. Locus of control and theological beliefs. **Journal of Psychology and Theology**, v. 10, n. 2, pp. 130-136, 1982.
- GABBARD, C. E.; HOWARD, G. S.; TAGESON, C. W. Assessing locus of control with religious populations. **Journal of Research in Personality**, v. 20, n. 3, p. 292-308, 1986.
- GENIA, V. A psychometric evaluation of the Allport-Ross I/E Scales in a religiously heterogeneous sample. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 32, n. 3, pp. 284-290, 1993.
- GOLEMAN, D. **A mente meditativa: as diferentes experiências meditativas no oriente e no ocidente**. São Paulo: Ática, 1997.
- GORSUCH, R. L. Measurement: The boon and bane of investigating religion. **American Psychology**, v. 39, n. 3, p. 228, 1984.
- GORSUCH, R. L. Psychology of religion. **Annual Review of Psychology**, v. 39, n. 1, pp. 201-221, 1988.

GORSUCH, R. L.; MCPHERSON, S. E. Intrinsic/extrinsic measurement: I/E-revised and single-item scales. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 28, n. 3, pp. 348-354, 1989.

GOUVEIA, V. V. *et al.* Medindo a satisfação com a vida dos médicos no Brasil. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 54, n. 4, pp. 298-305, 2005.

GUEDEA, M. T. D. *et al.* Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 2, pp. 301-308, 2006.

HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. 6 ed. São Paulo: Bookman, 2009.

HALL, T. **Lectio Divina**: o que é, e como se faz. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

HARRIS, A. H. S. *et al.* Spiritually and religiously oriented health interventions. **Journal of Health Psychology**, v. 4, n. 3, pp. 413-433, 1999.

HAUKOOS, J. S.; LEWIS, R. J. Advanced statistics: bootstrapping confidence intervals for statistics with "difficult" distributions. **Academic emergency medicine: official journal of the Society for Academic Emergency Medicine**, v. 12, n. 4, pp. 360-365, 2005.

HILL, P. C. Measurement assessment and issues in the psychology of religion and spirituality. *In*: PALOUTZIAN, R. F.; PARK, C. L. (Eds.). **Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality**. New York; London: The Guilford Press, 2013.

HILL, P. C.; HOOD, R. W. (Eds.). **Measures of religiosity**. Birmingham: Religious Education Press, 1999.

HILL, P. C.; PARGAMENT, K. I. Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: Implications for physical and mental health research. **American Psychologist**, v. 58, n. 1, pp. 64-74, 2003.

HOVORUN, C. Eastern Christianity and Meditation. *In*: FARIAS, M.; BRAZIER, D.; LALLJEE, M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Meditation**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

HOWELL, D. C. **Statistical Methods for Psychology**. 8 ed. Belmont: Cengage Learning: 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 09 nov. 2022.

JACKSON, L. E.; COURSEY, R. D. The relationship of God control and internal locus of control to intrinsic religious motivation, coping, and purpose in life. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 27, pp. 399-410, 1988.

JAMES, W. **As Variedades da Experiência Religiosa**. 2 Ed. São Paulo: Cultrix, 2019.

JOHNSON, M. E. *et al.* Centering prayer for women receiving chemotherapy for recurrent ovarian cancer: a pilot study. **Oncology Nursing Forum**, v. 36, n. 4, pp. 421-428, 2009.

JOSIPOVIC, Z. Duality and nonduality in meditation research. **Consciousness and Cognition**, v. 19, n. 4, pp. 1119-1121, 2010.

KADRI, R.; HUSAIN, R.; OMAR, S. H. S. Impact of Spiritual Meditation on Drug Addiction Recovery and Wellbeing: A Systematic Review. **International Journal of Human and Health Sciences**, v. 4, n. 4, pp. 237-250, 2020.

KAHOE, R. D. The development of intrinsic and extrinsic religious orientations. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 24, n. 4, pp. 408-412, 1985.

KEATING, T. **Open heart, open mind: The contemplative dimension of the gospel**. New York: Amity House, 1986.

KIM, J. **The Efficacy of Christian Devotional Meditation on Stress, Anxiety, Depression, and Spiritual Health with Korean Adults in the United States: A Randomized Comparative Study**. Thesis (Doctor of Philosophy) – Liberty University, 2014.

KIM, J.; SEO, I. S.; LEE, H. The Effects of Holy Name Meditation on Spiritual Well-being, Depression, and Anxiety of Patients With Cancer. **Journal of Hospice & Palliative Nursing**, v. 20, n. 4, pp. 368-376, 2018.

KIRKPATRICK, L. A psychometric analysis of the Allport-Ross and Feagin measures of intrinsic-extrinsic religious orientation. **Research in the Social Scientific Study of Religion**, v. 1, pp. 1-31, 1989.

KNABB, J. J. Centering prayer as an alternative to mindfulness-based cognitive therapy for depression relapse prevention. **Journal of Religion and Health**, v. 51, n. 3, pp. 908-924, 2012.

KNABB, J. J.; FREDERICK, T. V. **Contemplative prayer for Christians with chronic worry: An eight-week program**. New York: Routledge, 2017.

KNABB, J. J.; VAZQUEZ, V. E. (2018). A randomized controlled trial of a 2-week internet-based contemplative prayer program for Christians with daily stress. **Spirituality in Clinical Practice**, v. 5, n. 1, pp. 37-53, 2018.

KOENIG, H. G. **Religion and mental health: Research and clinical applications**. London: Academic Press, 2018.

KRISTELLER, J. L. Spiritual engagement as a mechanism of change in mindfulness- and acceptance-based therapies. *In*: BAHER, R. (Ed.). **Assessing mindfulness and acceptance processes in clients: Illuminating the theory and practice of change**. Oakland: New Harbinger, 2010.

LADD, K. L.; SPILKA, B. Inward, outward, and upward: Cognitive aspects of prayer. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 41, n. 3, pp. 475-484, 2002.

LADD, K. L.; SPILKA, B. Inward, outward, upward prayer: Scale reliability and validation. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 45, n. 2, pp. 233-251, 2006.

LAIRD, M. Western Christianity and Meditation. *In*: FARIAS, M.; BRAZIER, D.; LALLJEE, M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Meditation**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

LANG, A. J. *et al.* The theoretical and empirical basis for meditation as an intervention for PTSD. **Behavior Modification**, v. 36, n. 6, pp. 759-786, 2012.

LEÃO, E. M. S. F. **Novas perspectivas entre resiliência e espiritualidade através de escalas psicológicas**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LEFCOURT, H. M. Locus of control and the response to aversive events. **Canadian Psychological Review/Psychologie Canadienne**, v. 17, n. 3, pp. 202-209, 1976.

LELOUP, J. Y. **Escritos sobre o Hesicasmo: Uma Tradição Contemplativa Esquecida**. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEVENSON H. Activism and powerful others: distinctions within the concept of internal-external control. **Journal of Personality Assessment**, v. 38, n. 4, pp. 377-383, 1974.

LEVENSON H. Multidimensional locus of control in psychiatric patients. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 41, n. 3, pp. 397-404, 1973.

LEVENSON, M. R.; ALDWIN, C. M. Mindfulness in Psychology and Religion, *In*: *In*: PALOUTZIAN, R. F.; PARK, C. L. (Eds.). **Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality**. New York; London: The Guilford Press, 2014.

LINARES, R. **O envolvimento religioso e a sintomatologia depressiva em imigrantes brasileiros**. Tese (Doutorado Psicologia clínica) – em Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

LINZER, D. A.; LEWIS, J. B. polCA: An R package for polytomous variable latent class analysis. **Journal of Statistical Software**, v. 42, pp. 1-29, 2011.

LOIACONO, M. O Hesicasmo: a prática da oração na ortodoxia russa. **Último Andar**, v. 17, pp. 28-49, 2009.

- LORENZO-SEVA, U.; TIMMERMAN, M. E.; KIERS, H. A. The Hull method for selecting the number of common factors. **Multivariate Behavioral Research**, v. 46, n. 2, pp. 340-364, 2011.
- LOTUFO NETO, F.; LOTUFO, Z. E.; MARTINS, J. C. **Influências da Religião sobre a Saúde Mental**. Santo André: ESETec, 2003.
- LOWIS, M. J.; EDWARDS, A. C.; BURTON, M. Coping with retirement: Well-being, health, and religion. **Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied**, v. 143, n. 4, pp. 427-448, 2009.
- LUCCHETTI, G.; LUCCHETTI, A. L. G.; VALLADA, H. Measuring spirituality and religiosity in clinical research: a systematic review of instruments available in the portuguese language. **São Paulo Medical Journal**, v. 131, n. 2, pp. 112-122, 2013.
- LUTZ, A.; DUNNE, J. D.; DAVIDSON, R. J. Meditation and the neuroscience of consciousness: An introduction. *In*: ZELAZO, P. D.; MOSCOVITCH, M.; THOMPSON, E. (Eds.). **The Cambridge Handbook of Consciousness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- MACHADO, F. R. **Experiências anômalas na vida cotidiana**: Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MAIN, J. **A palavra que leva ao silêncio**. São Paulo: Paulus, 1987.
- MAIN, J. **Meditação Cristã**. São Paulo: Paulus, 2007.
- MALTBY, J. The internal structure of a derived, revised, and amended measure of the religious orientation scale: The Age Universal I-E Scale – 12. **Social Behavior and Personality**, v. 27, pp. 407-412, 1999.
- MENDONÇA, A. G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, v. 67, pp. 48-67, 2005.
- MENEZES, C. B. Evento científico sobre meditação e mindfulness no Brasil: relato de experiência. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 1, pp. 143-152, 2017.
- MENEZES, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Os efeitos da meditação à luz da investigação científica em Psicologia: revisão de literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, pp. 276-289, 2009a.
- MENEZES, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Por que meditar? A experiência subjetiva da prática de meditação. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 3, pp. 565-573, 2009b.
- MENEZES, C. B.; DELL'AGLIO, D. D.; BIZARRO, L. Meditação, bem-estar e a ciência psicológica: revisão de estudos empíricos. **Interação em Psicologia**, v. 15, n. 2, 2011.

MOREIRA, C. N. D. O. *et al.* Locus de controle em saúde, Espiritualidade e Esperança de cura nos indivíduos com estoma intestinal. **Journal of Coloproctology (Rio de Janeiro)**, v. 36, n. 4, pp 208-215, 2016.

NELSON, J. M. **Psychology, religion, and spirituality**. New York: Springer Science & Business Media, 2009.

NOWICKI, S.; DUKE, M. P. Foundations of locus of control. *In*: REICH, J. W.; INFURNA, F. J. (Eds.). **Perceived control: Theory, research, and practice in the first 50 years**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

NYLUND-GIBSON, K.; CHOI, A. Y. Ten frequently asked questions about latent class analysis. **Translational Issues in Psychological Science**, v. 4, n. 4, pp. 440-461, 2018.

OLIVEIRA, V. H. P. D. **Um caminho entre a literatura e a espiritualidade: as ressonâncias do hesicasmos nos Relatos de um Peregrino Russo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

OLIVEIRA NUNES, M. F. *et al.* Escala Fatorial de Socialização-Versão Reduzida: Seleção de Itens e Propriedades Psicométricas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n. 2, 2010.

OMAN, D. Similarity in diversity? Four shared functions of integrative contemplative practice systems. *In*: PLANTE, T. G. (Ed.). **Contemplative Practices in Action: Spirituality, meditation, and health**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.

OMAN, D. Studying the effects of meditation: the first fifty years. *In*: FARIAS, M.; BRAZIER, D.; LALLJEE, M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Meditation**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

OMAN, D.; BORMANN, J. E. Mantram repetition fosters self-efficacy in veterans for managing PTSD: A randomized trial. **Psychology of Religion and Spirituality**, v. 7, n. 1, 2015.

OMAN, D.; BORMANN, J. E.; KANE, J. J. Mantram Repetition as a Portable Mindfulness Practice: Applications During the COVID-19 Pandemic. **Mindfulness**, pp. 1-12, 2020.

OMAN, D.; DRISKELL, J. D. Holy Name Repetition as a Spiritual Exercise and Therapeutic Technique. **Journal of Psychology & Christianity**, v. 22, n. 1, 2003.

OMAN, D. *et al.* Learning from spiritual models and meditation: A randomized evaluation of a college course. **Pastoral Psychology**, v. 55, pp. 473–493, 2007.

OHY, J. B. *et al.* Adaptação transcultural da escala Locus of Control of Behaviour para o português: versão para idosos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 3, pp. 227-231, 2014.

OSPINA, M. B. *et al.* Meditation practices for health: state of the research. **Evidence Report/Technology Assessment**, n. 155, pp. 1-263, 2007.

PAIVA, G. J. **Psicologia da Religião: Um Introdução**. São Paulo: Edusp, 2022.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Spiritual/religious coping scale (SRCOPE Scale): elaboration and construct validation. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, pp. 507-516, 2005.

PARGAMENT *et al.* Patterns of attribution of control and individual psychosocial competence. **Psychological Reports**, v. 51, pp. 1243-1252, 1982.

PASQUALI, L.; ALVES, A. R.; PEREIRA, M. A. M. Escala de locus de controle ELCO/TELEBRÁS. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, pp. 363-378, 1998.

PAULA, D. D. **Espiritualidade terapêutica: critérios da Logoterapia aplicados na *Lectio Divina* para reabilitação de adictos**. 2012. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

PELLETIER, L. R.; BORMANN, J. E. Evidence-Based Portable Mindful Strategies for Well-Being. *In*: PLANTE, T. G. (Ed.). **Healing with Spiritual Practices: Proven Techniques for Disorders from Addictions and Anxiety to Cancer and Chronic Pain**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2018.

PLANTE, T. G. (Ed.). **Contemplative Practices in Action: Spirituality, meditation, and health**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.

PLANTE, T. G. (Ed.). **Healing with Spiritual Practices: Proven Techniques for Disorders from Addictions and Anxiety to Cancer and Chronic Pain**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2018.

PLANTE, T. G. What do the spiritual and religious traditions offer the practicing psychologist?. **Pastoral Psychology**, v. 56, n. 4, pp. 429-444, 2008.

PLANTE, T. G.; SHERMAN, A. C. (Eds.). **Faith and health: Psychological perspectives**. New York: Guilford Press, 2001.

PRIMI, R. Avaliação psicológica no Brasil: fundamentos, situação atual e direções para o futuro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, pp. 25-35, 2010.

R CORE TEAM. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing. 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

RAMOS, T. P. T. **Mindfulness: boundaries between religion and science**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RATCLIFF, D.; NYE, R. Childhood spirituality: Strengthening the research foundation. *In*: RAGINS, B. R. ROEHLKEPARTAIN, E. C. *et al.* (Eds.). **The**

handbook of spiritual development in childhood and adolescence. Thousand Oaks: Sage Publications, 2006.

ROTTER, J. B. Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. **Psychological Monographs: General and Applied**, v. 80, n. 1, 1966.

ROTTER, J. B. **Social learning and clinical psychology.** New York: Prentice-Hall, 1954.

SCHREIBER, J.B. Latent class analysis: an example for reporting results. **Research in Social and Administrative Pharmacy**, v. 13, n. 6, pp. 1196-1201, 2017.

SEDLMEIER, P. *et al.* The psychological effects of meditation: a meta-analysis. **Psychological Bulletin**, v. 138, n. 6, 2012.

SHAPIRO, S. L. *et al.* Cultivating mindfulness: effects on well-being. **Journal of Clinical Psychology**, v. 64, n. 7, pp. 840-862, 2008.

SHAPIRO, S. L.; VON GARNIER, S. Mindfulness and Health: Evidence-Based and Clinical Applications. *In*: PLANTE, T. G. (Ed.). **Healing with Spiritual Practices: Proven Techniques for Disorders from Addictions and Anxiety to Cancer and Chronic Pain.** Santa Barbara: ABC-CLIO, 2018.

SHAPIRO, S. L.; WALSH, R. An analysis of recent meditation research and suggestions for future directions. **The Humanistic Psychologist**, v. 31, n. 2-3, pp. 86-114, 2003.

SHAPIRO, S. L.; WALSH, R. Meditation: Exploring the farther reaches. *In*: PLANTE, T. G.; THORESEN, C. E. **Spirit, science, and health: How the spiritual mind fuels physical wellness.** Westport: Praeger Greenwood, 2007.

SPIILKA, B.; LADD, K. L. **The Psychology of Prayer: A Scientific Approach.** New York; London: Guilford Press, 2012.

SZWARCWALD, C. L. *et al.* ConVid – Pesquisa de Comportamentos pela Internet durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: concepção e metodologia de aplicação. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 3, 2021.

TAMAYO, Á. Validade fatorial da escala Levenson de locus de controle. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 5, n. 1, pp. 111-122, 1989.

TAUNAY, T. C. D. E. **Desenvolvimento e validação do índice de religiosidade intrínseca:** correlações com saúde mental e qualidade de vida. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

TAUNAY, T. C. D. E. *et al.* Validação da versão brasileira da escala de religiosidade de Duke (DUREL). **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 39, n. 4, pp. 130-135, 2012.

TORRES, C. M. **Religiosidade e experiências anômalas no protestantismo brasileiro**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. (Eds.). **Psicologia Social: Principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

TSUDA, A.; TANAKA, Y.; MATSUDA, E. Locus of Control, Personality Correlates of. *In: CARDUCCI, Bernardo J.; NAVE, C. S. The Wiley Encyclopedia of Personality and Individual Differences*. Vol. 1. New Jersey: John Wiley & Sons, 2020.

URBINA, S. Estatística Básica para Testagem. *In: URBINA, S. Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VALLE, Edênio. **Psicologia e experiência religiosa**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

VASCONCELLOS, E. G. **O Modelo Psiconeuroendocrinológico de Stress**. *In: SERGER, L. (Org.) Psicologia e Odontologia*. 4 ed. São Paulo: Editora Santos, 2000.

VASCONCELOS, E. G. **Stress, coping, burnout, resiliência: troncos da mesma raiz**. A Psicologia social e a questão do hífen. São Paulo: Blucher, 2017.

VERMUNT, J. K. **Latent class analysis of complex sample survey data: Application to dietary data: Comment**. *Journal of the American Statistical Association*, 97(459), 736-737, 2002.

VIEIRA, A. C. *et al.* Uso da rede social Facebook TM na coleta de dados e disseminação de evidências. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 3, 2018.

VIETEN, C. *et al.* Future directions in meditation research: Recommendations for expanding the field of contemplative science. **PLoS ONE**, v. 13, n. 11, p. e0205740, 2018.

WACHHOLTZ, A. B.; AUSTIN, E. T. Contemporary spiritual meditation: Practices and outcomes. *In: PARGAMENT, K. I.; EXLINE, J. J.; JONES, J. W. APA Handbook of Psychology, Religion, and Spirituality (Vol 1): Context, theory, and research*. American Psychological Association, 2013.

WACHHOLTZ, A. B.; PARGAMENT, K. I. Is spirituality a critical ingredient of meditation? Comparing the effects of spiritual meditation, secular meditation, and relaxation on spiritual, psychological, cardiac, and pain outcomes. **Journal of Behavioral Medicine**, v. 28, n. 4, pp. 369-384, 2005.

WACHHOLTZ, A. B.; PARGAMENT, K. I. Migraines and meditation: does spirituality matter?. **Journal of Behavioral Medicine**, v. 31, n. 4, pp. 351-366, 2008.

WAHBEH, H. *et al.* A systematic review of transcendent states across meditation and contemplative traditions. **Explore**, v. 14, n. 1, pp. 19-35, 2018.

WALLSTON, K. A. *et al.* Does God determine your health? The God locus of health control scale. **Cognitive Therapy and Research**, v. 23, n. 2, pp. 131-142, 1999.

WALSH, R.; SHAPIRO, S. L. The meeting of meditative disciplines and Western psychology: a mutually enriching dialogue. **American Psychologist**, v. 61, n. 3, 2006.

WELTON, G. L. *et al.* God control: The fourth dimension. **Journal of Psychology and Theology**, v. 24, n. 1, 1996.

WELLER, B. E. *et al.* **Latent Class Analysis: A Guide to Best Practice**. *Journal of Black Psychology*, 46(4), 287–311, 2020.

WIGERT, L. R. **An investigation of the relationships among personality traits, locus of control, religious orientation, and life satisfaction: A path analytical study**. 2001. Dissertation (Doctor of Philosophy) – University of Nebraska, Nebraska, 2001.

WICKHAM, H. ggplot2. **Elegant Graphics for Data analysis**. Springer Verlag New York, 2016.

WILEY, E. **Locus of control and spiritual meaning as mediators of relations among religious orientation and anxious symptomatology and depressive symptomatology**. 2006. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Texas A&M University, Texas, 2006.

WONG-MCDONALD, A.; GORSUCH, R. L. A multivariate theory of God concept, religious motivation, locus of control, coping, and spiritual well-being. **Journal of Psychology and Theology**, v. 32, n. 4, pp. 318-334, 2004.

XAVIER, V. M. C. **Locus de controle, comprometimento organizacional e satisfação no trabalho: um estudo correlacional**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

ZAHL, B. P.; GIBSON, N. J. S. **God concepts?** Depends on how you ask: Exploring measurement differences in God concept research. Paper presented at the annual conference of the Christian Association of Psychological Studies, Phoenix, AZ, 2008.

APÊNDICE A – Exemplos da Meditação Religiosa/Espiritual e Terapêutica nas tradições ocidentais e orientais

Quadro 3 – Exemplos da Meditação Religiosa/Espiritual e Terapêutica nas tradições ocidentais e orientais

Meditação Religiosa Espiritual

Zen	Hinduísmo	Islamismo	Judaísmo	Cristianismo	MRE
Budismo			Cabala		
Zazen	Yogas			<i>Lectio divina,</i> Oração de Jesus, Meditação Cristã	Meditação da Passagem e Mantra Repetição

Meditação Laica secular / Terapias Baseadas em mindfulness

MBSR redução de stress	MBCT Terapia Cognitiva	MBRP prevenção de cpto aditivos	Resposta de Relaxamento (Benson)
---	------------------------------	--	--

Fonte: Elaboração da autora com base em Plante (2010).

REFERÊNCIA:

PLANTE, T. G. (Ed.). **Contemplative Practices in Action: Spirituality, meditation, and health**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.

APÊNDICE B – Tipos de oração

Quadro 4 – Tipos de oração de acordo com Foster (1996)

Inward – Orientação interna: transformação pessoal

Orientação interna: transformação pessoal

Oração simples

Oração do desamparado

Oração de auto exame

Oração de coração contrito das lágrimas

Oração da entrega, renúncia a Deus

Oração do crescimento, formação

Oração da aliança, compromisso

Outward – Orientação externa: direção e orientação

Oração comum

Oração de petição

Oração intercessória

Oração de cura

Oração de sofrimento

Oração de autoridade

Oração radical, de mudança

Upward – Orientação ascendente: identificação, união com Deus

Oração de adoração

Oração de descanso, confiança no amor de Deus

Oração sacramental, litúrgica

Oração incessante

Oração por intimidade, ser um com Deus

Oração meditativa

Oração contemplativa

Fonte: Elaboração da autora com base em Spila e Ladd (2012).

REFERÊNCIA:

SPIILKA, B.; LADD, K. L. **The Psychology of Prayer: A Scientific Approach**. New York; London: Guilford Press, 2012.

APÊNDICE C – Componentes *Lectio Divina*

Quadro 5 – Componentes *Lectio Divina*

Componentes da *Lectio Divina*

<i>Lectio</i>	Ler e ouvir a Bíblia e/ou textos sagrados
<i>Meditatio</i>	Refletir sobre o que leu, ouvir, silêncio
<i>Oratio</i>	Resposta espontânea e orante
<i>Contemplatio</i>	Ausência de conceitos, palavras e sentidos; um tipo de experiência unitiva.

Fonte: Elaboração da autora com base em Hall (2015) e Nelson (2009).

REFERÊNCIA:

HALL, T. *Lectio Divina*: o que é, e como se faz. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

NELSON, J. M. *Psychology, religion, and spirituality*. New York: Springer Science & Business Media, 2009.

ANEXO A – Ficha tradução e *back translation*

O processo foi realizado de acordo com as orientações propostas por Psicometria Online:

Os itens abaixo buscam avaliar a crença que indivíduos cristãos brasileiros possuem sobre o Controle de Deus . Por favor, realize o processo de tradução, buscando atentar para as normas.

Itens originais

1. What happens in my life is determined by God's purpose.
2. My life is primarily controlled by God.
3. Whether or not I get into a car accident depends on God's plans.
4. In order to have my plans work, I make sure they fit in with the commands of God.
5. When things don't go my way I ought to pray.
6. When good things happen to me it is because of God's blessing.

Tradutor 1

1. O que acontece na minha vida é determinado pelos propósitos de Deus.
2. Minha vida é controlada, principalmente, por Deus.
3. Sofrer ou não um acidente de carro, depende dos planos de Deus.
4. Para que os meus planos deem certo, me certifico de que eles se encaixem nos mandamentos de Deus.
5. Quando as coisas não vão como planejei, eu tenho que orar
6. Quando coisas boas acontecem comigo é por causa da benção de Deus

Tradutor 2

1. O que acontece em minha vida é determinado pelo propósito de Deus.
2. Minha vida é primariamente controlada por Deus.
3. Se me envolvo ou não eu um acidente de carro depende dos planos de Deus.
4. Para que meus planos funcionem, eu procuro me certificar que eles se encaixam nos mandamentos de Deus.

5. Quando as coisas não são do meu jeito eu procuro orar.

6. Quando coisas boas acontecem comigo é por causa da bênção de Deus.

Síntese das traduções

1. O que acontece na minha vida é determinado pelos propósitos de Deus.

2. Minha vida é controlada, principalmente, por Deus.

3. Sofrer ou não um acidente de carro, depende dos planos de Deus.
--

4. Para que os meus planos deem certo, me certifico se eles se encaixem nos mandamentos de Deus.
--

5. Quando as coisas não são do meu jeito eu procuro orar.

6. Quando coisas boas acontecem comigo é por causa da bênção de Deus.

Back Translation

1. What happens in my life is determined by God's purposes.

2. My life is primarily controlled by God.
--

3. Whether or not you suffer a car accident depends on God's plans.

4. For my plans to work, I make sure they fit in with God's commandments.

5. When things don't go my way, I ought pray.

6. When good things happen to me, it's because of God's blessing.

ANEXO B – Formulário online**Seção sobre dados sociodemográficos e prática da meditação**

1. Biologicamente você é do gênero:
 Feminino
 Masculino
2. Idade
3. Profissão
4. Qual o Estado que você reside
5. Assinale a denominação que você frequenta:
 Luterana
 Batista
 Congregacional
 Presbiteriana
 Metodista
 Outra:
6. Você pratica meditação, oração meditativa, oração contemplativa, hora silenciosa nas suas práticas devocionais?"
 SIM NÃO
7. Nas suas práticas religiosas/espirituais existe algum momento que envolve sentar-se em quietude (com pouco ou nenhum movimento) na qual você dedica tempo para concentração e treino da atenção? (Obs: esse tempo pode ser sozinho ou com outras pessoas)
 SIM NÃO
8. Você pratica a meditação com qual frequência?
 Diariamente
 3/2 vezes por semana
 1 vez por semana
 Quinzenalmente
 Mensalmente
9. Você pratica a meditação por quanto tempo?
 5 minutos
 10 minutos
 15 minutos
 20 minutos
 30 minutos

- 40 minutos
 - 60 minutos
 - Outro:
10. Como você poderia denominar a sua prática?
- Lectio Divina*
 - Oração Centrante/Centralizadora
 - Meditação cristã (John Main)
 - Oração do Coração, Oração Hesicasta, Oração de Jesus
 - Yoga
 - Tai Chi () Qi Gong
 - Mindfulness
 - Meditação Mantra
 - Vipassana
 - Zen Budista
 - Meditação Transcendental
 - Resposta de Relaxamento
 - Não sei denominar Outra:
11. Você possui algum foco da sua atenção durante a sua prática? (Por exemplo um texto bíblico, respiração, algum objeto, uma oração)
- SIM () NÃO
12. Assinale o/os tipo/tipos de foco que você utiliza:
- Passagem bíblica
 - Repetição de uma frase, palavra ou oração
 - Respiração
 - Região do centro do peito ou coração
 - Escaneamento do seu corpo
 - Algum objeto (Ex Ícone)
 - Outro

Seção Orientação Religiosa: Escala Orientação Religiosa I/E-R (GORSUCH; MCPHERSON 1989), traduzida e adaptada para o Português por Linares (2012)

	1	2	3	4	5
1. Gosto de ler sobre a minha religião.					
2. Vou à Igreja porque me ajuda a fazer amigos					
3. Não tem grande importância aquilo em que acredito, desde que eu seja bom.					
4. É importante para mim dedicar tempo à meditação e à oração pessoal.					
5. Tenho muitas vezes uma percepção forte da presença de Deus.					
6. Oro sobretudo para obter alívio e proteção.					
7. Faço um esforço grande para viver a minha vida de acordo com as minhas crenças religiosas.					
8. O que a religião mais me proporciona é conforto em alturas de problemas e de sofrimento.					
9. A oração é para a paz e a felicidade.					
10. Apesar de ser religioso não deixo que isso influencie a minha vida quotidiana.					
11. Vou à Igreja sobretudo para estar com os meus amigos.					
12. A minha abordagem à vida baseia-se na minha religião.					
13. Vou à Igreja sobretudo porque me agrada encontrar lá pessoas que conheço.					
14. Apesar de acreditar na minha religião, há muitas outras coisas mais importantes na vida.					

Seção Locus de Controle: Adaptação da Escala multidimensional de Locus de controle para cristãos (LOCC)

	SIM	NÃO
1. Penso que nem sempre é desejável fazer planos com muita antecedência, porque muitas coisas acontecem por uma questão de sorte.		
2. Sofrer ou não um acidente de carro, depende dos planos de Deus.		
3. Tudo na vida depende, principalmente, de ter sorte em entrar no lugar certo, na hora certa.		
4. Para conseguir o que desejo, necessito da ajuda de pessoas poderosas, superiores a mim.		
5. Eu posso, quase sempre, determinar o que vai acontecer na minha vida.		
6. Quando coisas boas acontecem comigo é por causa da bênção de Deus.		
7. Se eu vou ou não sofrer um acidente de automóvel, isto é, principalmente uma questão de sorte.		
8. Pessoas como eu tem pouca chance de proteger seus interesses pessoais quando estes entram em choque com os interesses de pessoas poderosas.		
9. Quando eu consigo o que quero, frequentemente, é porque eu me esforcei muito.		
10. Quando as coisas não são do meu jeito eu procuro orar.		
11. O fato de eu ter poucos ou muitos amigos se deve, principalmente, à influência do destino.		
12. Sinto que o que ocorre na minha vida é determinado, principalmente, por pessoas mais poderosas que eu.		
13. Geralmente sou capaz de proteger meus interesses pessoais.		
14. Para que os meus planos deem certo, me certifico se eles se encaixam nos mandamentos de Deus.		
15. Eu tenho sorte, por isso, frequentemente, consigo o que quero.		
16. Embora eu tenha muita capacidade, só conseguirei ter uma posição importante se pedir ajuda a uma pessoa de prestígio.		
17. Minha vida é determinada por minhas próprias ações.		

18. Embora eu tenha muita capacidade, só conseguirei ter uma posição importante se estiver nos planos de Deus.		
19. Não dá para proteger meus interesses pessoais da influência do azar.		
20. Para que meus planos se realizem, devo ajustá-los aos desejos das pessoas mais poderosas que eu.		
21. Se eu vou ou não me tornar um(a) líder depende, principalmente da minha capacidade.		
22. Meus amigos são estabelecidos por Deus.		
23. Se pessoas importantes não gostam de mim, provavelmente eu não conseguirei ter sucesso e amigos.		
24. Se eu vou sofrer ou não sofrer um acidente de automóvel depende principalmente de eu ser ou não um bom motorista.		
25. O que acontece na minha vida é determinado pelos propósitos de Deus.		
26. Minha vida é, em grande parte, determinada por acontecimentos inesperados.		
27. Quando faço planos, sempre tenho certeza de vou realizá-los.		
28. Minha vida é principalmente controlada por Deus.		

ANEXO C – Termos de Consentimento Livre Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa de campo do projeto “*Meditação, Protestantes, Religiosidade Intrínseca/Extrínseca e Locus de Controle*”, desenvolvido por Erika Feltrin Marques Nakano, doutoranda regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), RA 7640654, orientada pelo Prof Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos.

Sua participação neste estudo consistirá em responder esse questionário on-line à pesquisadora com o objetivo de mapear a prática da meditação entre cristãos protestantes no Brasil e sua associação com Religiosidade Intrínseca/Extrínseca e Locus de controle. Portanto você está sendo convidado para responder questões sobre você, suas práticas devocionais, crenças, atitudes religiosas e maneira como você lida com situações diversas.

Antes de responder o questionário, é necessário que você leia com atenção este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, preencha e assine este documento, ficando com uma cópia para si e remetendo outra cópia à pesquisadora, que o arquivará em segurança. Atendendo à Resolução nº 510/ 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que “dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados” diretamente obtidos de seres humanos, ao concordar em participar desta pesquisa, você tem garantida a manutenção do sigilo, confidencialidade e privacidade dos seus dados pessoais antes, durante e após o término do estudo.

Estima-se que o preenchimento desse formulário terá uma duração de aproximadamente 15-20 minutos e cada respondente estará livre para desistir de prosseguir a qualquer momento se assim o desejar sem qualquer ônus. Sua participação se dará de forma voluntária, sem custo e não remunerada. No entanto, caso haja eventuais custos ou danos referentes ou decorrentes de sua participação nesta pesquisa, estes serão ressarcidos/indenizados pela pesquisadora.

Este estudo foi elaborado de modo a não oferecer riscos às pessoas que dele participarem. No entanto, caso você se sinta psicologicamente incomodado(a) ou afetado(a) com algum conteúdo que venha a emergir em função das questões tratadas e se houver necessidade, a pesquisadora, que também é psicóloga (CRP 06/81760), lhe oferecerá suporte nessa situação.

Todas as informações coletadas nesse estudo são estritamente confidenciais, ou seja, será mantido sigilo absoluto das informações colhidas e, em momento algum, seu nome será divulgado ou sua privacidade será invadida. Apenas os membros do projeto de pesquisa terão acesso ao questionário respondido. O questionário será empregado exclusivamente para a finalidade da pesquisa. A apresentação dos resultados deste estudo em textos ou eventos acadêmico-científicos será feita por

meio de códigos ou nomes fictícios, de modo a zelar pelo sigilo quanto à identidade dos(as) participantes.

Você poderá solicitar e receberá esclarecimentos antes, durante e após o término do estudo a respeito da metodologia de pesquisa. Após a realização do estudo, poderá ter acesso aos resultados obtidos, que serão publicados em tese de doutorado e, posteriormente, em artigo científico. Caso você tenha alguma dúvida sobre este estudo, poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo e-mail monicahuang@usp.br. Este projeto de pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo _____ (número da aprovação)

Pesquisadora: Ma. Erika Feltrin Marques Nakano
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP

Orientador: Prof Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos
E-mail para contato: erikafmnakano@usp.br

Telefone: (19) 98220-4444

Assinatura: _____ **Local:** _____ **Data:** _____

Endereço institucional: Instituto de Psicologia – USP
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Bloco A – Cidade Universitária São Paulo – SP –
CEP: 05508-030. Telefone: (11) 3091-4182

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DO(A) PARTICIPANTE

Declaro ter sido suficientemente informado(a) a respeito do estudo “Meditação, Protestantes, Religiosidade Intrínseca/Extrínseca e Locus de controle”, tendo compreendido bem as condições de participação. Concordo voluntariamente em participar desse estudo, estando ciente de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos.

Nome do(a) participante: _____

RG: _____ **CPF:** _____

Assinatura do (a) participante _____

Local e Data:

ANEXO D – Parecer do Comitê de Ética

USP – INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Meditação, Protestantes, Religiosidade Intrínseca/Extrínseca e Locus de controle

Pesquisador: Erika Feltrin Marques Nakano **Área Temática:**

CAAE: 50822621.0.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.976.272

Objetivo da Pesquisa: A pesquisa busca investigar “mapear a prática da meditação entre protestantes confessionais (luteranos, presbiterianos, batistas, confessionais e metodistas) no Brasil e sua associação com Religiosidade Intrínseca/Extrínseca e Locus de controle”.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: Com base na RESOLUÇÃO No 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012 e na RESOLUÇÃO No 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto pode ser considerado aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP: Considerações finais a critério do CEP: Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS no 510 de 2016, na Resolução CNS

no 466 de 2012 e na Norma Operacional no 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27 Bairro:
Cidade Universitária UF: SP Município: Telefone: (11)3091-4182 CEP:
05.508-030

E-mail: cep.ip@usp.br